

UNIVERSIDADE FEDERAL DO MARANHÃO
CENTRO DE CIÊNCIAS SOCIAIS, SAÚDE E TECNOLOGIA
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM FORMAÇÃO DOCENTE EM PRÁTICAS
EDUCATIVAS

NATAN BARROS DE OLIVEIRA

**Contribuições ao sistema de ensino na cidade de Caxias: o conhecimento da
História e da Cultura através dos primeiros cemitérios**

IMPERATRIZ
2022

NATAN BARROS DE OLIVEIRA

Contribuições ao sistema de ensino na cidade de Caxias: o conhecimento da História e da Cultura através dos primeiros cemitérios

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação Formação Docente em Práticas Educativas do Centro de Ciências Sociais, Saúde e Tecnologia da Universidade Federal do Maranhão, como requisito para obtenção do título de Mestre em Formação Docente em Práticas Educativas.

Orientador: Profº Drº Dimas dos Reis Ribeiro
Coorientadora: Profª Drª Herli de Sousa Carvalho

IMPERATRIZ
2022

Ficha gerada por meio do SIGAA/Biblioteca com dados fornecidos pelo(a) autor(a).
Diretoria Integrada de Bibliotecas/UFMA

Oliveira, Natan Barros de.

Contribuições ao sistema de ensino na cidade de Caxias:
o conhecimento da História e da Cultura através dos
primeiros cemitérios / Natan Barros de Oliveira. - 2022.

144 p.

Coorientador(a): Herli de Sousa Carvalho.

Orientador(a): Dimas dos Reis Ribeiro.

Dissertação (Mestrado) - Programa de Pós-graduação em
Formação Docente em Práticas Educativas/ccim, Universidade
Federal do Maranhão, Imperatriz - MA, 2022.

1. Caxias. 2. Cemitério. 3. Educação. 4. História.
5. Morte. I. Carvalho, Herli de Sousa. II. Ribeiro,
Dimas dos Reis. III. Título.

NATAN BARROS DE OLIVEIRA

Contribuições ao sistema de ensino na cidade de Caxias: O conhecimento da História e da Cultura através dos primeiros cemitérios

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação Formação Docente em Práticas Educativas do Centro de Ciências Sociais, Saúde e Tecnologia da Universidade Federal do Maranhão, como requisito para obtenção do título de Mestre em Formação Docente em Práticas Educativas.

Aprovada em / /

BANCA EXAMINADORA

TITULARES

Prof. Dr. Dimas dos Reis Ribeiro (Orientador)
Universidade Federal do Maranhão - UFMA
Doutor em Serviço Social

Prof^a. Dr^a. Herli de Sousa Carvalho (Coorientadora)
Universidade Federal do Maranhão - UFMA
Doutora em Educação

Prof^a. Dr^a. Maria Elizia Borges (Examinadora Externa – Titular)
Doutora em Artes
Universidade Federal de Goiás - UFG

Prof. Dr. Witembergue Gomes Zapparoli (Examinador Interno – Titular)
Doutor em Ensino de Língua e Literatura.
Universidade Federal do Maranhão - UFMA

SUPLENTES

Prof. Dr. Ítalo Domingos Santirocchi (Examinador Externo – Suplente)
Universidade Federal do Maranhão - UFMA
Doutor em História

Prof^a. Dr^a. Kelly Lislíe Julio (Examinadora Interna – Suplente)
Universidade Federal do Maranhão - UFMA
Doutora em Educação

A meus pais, Maria Francisca Moura Barros de Oliveira e João Gomes de Oliveira Filho, meus primeiros e maiores incentivadores, que me ensinaram a sonhar e a lutar para realizar meus sonhos.

AGRADECIMENTOS

A vida logo cedo me ensinou que viver e lutar caminham juntos. Tive muitas lutas para chegar até aqui, mas se cheguei, se venci, e se aprendi, é porque tive pessoas que estiveram do meu lado em todos os momentos que precisei. E nesse processo de viver o mestrado não fora diferente. Houve dias em que a aflição, o medo de não conseguir, a ansiedade tomava de conta, mas nesses dias, sobretudo nesses dias eu tive com quem contar, e agora me permito agradecer.

Primeiro a minha mãe, Dona Maria Francisca Moura Barros de Oliveira, mulher de fibra, de força e de fé. Meu porto seguro e meu maior exemplo. Vinda de uma infância pobre, fez e faz tudo para conceder aos seus filhos o estudo que não pôde ter. A ela, minha maior incentivadora e inspiração, minha eterna gratidão. Se sou o que sou, e se cheguei aonde cheguei é porque sou filho dela.

Ao meu pai, seu João Gomes de Oliveira Filho ou apenas “Joãozin Praxedes”. Tendo também uma infância pobre e sofrida, sempre se esforçou para estar presente e perto dos filhos. Mesmo nos dias mais difíceis, sempre mostrou que o amor a família é o mais importante. Ao meu velho, meu muito obrigado.

Ao meu irmão Marcos Barros de Oliveira, meu cúmplice de tantos planos e projetos na infância e adolescência, que tem o riso mais contagiante do mundo, e que se tornou meu exemplo de força e de persistência. Obrigado pelo ouvido atento, pela palavra amiga e por não desistir de seus sonhos, de nossos sonhos. Obrigado irmão.

A minha irmã Marta Barros de Oliveira, minha cúmplice, minha parceira, minha confidente. É ela quem divide a vida e os dias comigo. É de longe uma das mulheres mais fortes que já conheci, uma profissional exemplar, e uma amiga que todo mundo ama ter por perto. Obrigado por me aturar, por cuidar de mim, por puxar minha orelha quando preciso, por comemorar comigo minhas vitórias, e por ficar do meu lado quando preciso de colo. Obrigado maninha, por dividir sua vida comigo, e por ser a pessoa que é, leve, engraçada, leal e fiel. Gratidão.

Aos meus amigos que fazem questão de estar por perto, mesmo quando nos momentos mais difíceis, eu tenda a me isolar. Obrigado por acreditarem em mim, por me incentivarem e por não deixarem eu me sentir sozinho. Eu realmente sou muito sortudo pelos amigos que tenho. Gratidão a todos, mais em especial a Izabela Sousa Silva, a Nayara Silva Coelho e ao José Felipe Matos Andrade, que estiveram mais próximos nos últimos tempos, e que fazem dos meus dias mais leves e mais especiais.

As minhas tias irmãs de meu pai, Tia Constância Gomes de Oliveira e Tia Walquiria Gomes de Oliveira. Elas que sempre foram presentes durante toda minha infância, continuam sendo amorosas e atenciosas depois de tanto tempo. Obrigado pela torcida, pelo incentivo, pela força e pelas orações. Obrigado por cuidarem tanto de nossa família, sou grato a Deus por tê-las sempre por perto.

Ao Padre Raimundo Rodrigues Brandão, que fez parte da minha formação na infância e na adolescência. Mesmo depois de tanto tempo ainda guardo seus ensinamentos que me ajudaram a me formar enquanto cristão e cidadão. Agradeço a ele por me proporcionar sair de uma cidade tão pequena para estudar em uma das melhores escolas de Imperatriz, certamente se cheguei aonde cheguei é porque tive pessoas como ele que acreditaram e apostaram em mim. Gratidão por suas orações, conselhos e sua amizade pela qual tenho muito apreço.

A minha tia irmã de minha mãe, Tia Maria Da Guia Moura Barros, e a Cícera Maria Moura Barros minha prima, que também é minha comadre. Que mesmo morando distante durante toda nossa vida, nunca deixaram o laço de amor e de respeito se quebrar. Obrigado por me receberem tão bem em Caxias quando de minha pesquisa, e por me ajudarem na construção desse trabalho que conta um pouco da história da cidade de vocês, e que já é fruto de muito orgulho para mim.

Aos meus colegas de mestrado. Na verdade, me faltam palavras pra descrever tantos sentimentos e emoções vividas durante esses dois anos, mas certamente tive a sorte de encontrar pessoas incríveis, que se tornaram grandes amigos, e que agora compartilho minha vida. Minha caminhada não seria a mesma se não fosse por eles, e eu sou feliz por tê-los perto de mim, nos melhores e nos piores dias. Mas de forma especial preciso citar o nome de duas pessoas. Primeiro a Isabela Mendes Costa Campos, que de maneira gratuita já me recebeu tão bem na disciplina especial que fizemos juntos. Eu calouro, ela aluna da primeira turma. A Isabela toda minha gratidão pelos dias em que me ajudou com os textos, com as leituras, mas sobretudo quando me estendeu a mão e me aconselhou, me orientou e cuidou de mim. Existem pessoas na vida que quando conhecemos parece na verdade que é um reencontro, tamanha identificação que a gente tem com elas. A Isabela é essa pessoa. Segundo, ao Adriano da Silva Borges. Líder de nossa turma, sempre muito solícito e atencioso, que está o tempo todo disposto a ajudar a todos. Mas mais que isso, o Adriano se tornou o amigo que segurou minha mão e me ajudou a levantar quantas vezes fossem necessárias. Ao Adriano meu muito obrigado por não ter me deixado desistir desse sonho que

sempre foi o mestrado, e por sempre acreditar em mim mesmo quando eu não acreditava.

A minha amiga/irmã Leidiane de Souza Silva. Nos conhecemos em 2017 através da junina Flor de Mandacaru, e logo nos tornamos amigos e parceiros. Já tínhamos vivido várias coisas juntos antes mesmo do mestrado tratar de nos juntar na mesma turma. A ela, minha gratidão pela amizade linda que construímos e por ter dividido comigo as aflições, os medos, as vitórias, as superações e todas as outras coisas que o mestrado nos proporcionou. Obrigado pelos conselhos, pelo seu apoio incondicional, pelos puxões de orelha e por estar sempre perto. Meu mestrado não seria o mesmo sem você, e eu sou muito feliz por ter dividido ele contigo.

Aos meus professores do PPGFOPRED, que são todos exemplos de determinação e de força. Ser professor no Brasil nunca foi fácil, mas nos últimos tempos os obstáculos estão maiores e mais difíceis, e mesmo assim, eles dão exemplo de dedicação e de amor à docência. Ter vivido o mestrado com professores tão comprometidos e admiráveis fez do meu processo do mestrado algo inspirador e motivador. A todos eles, meu muito obrigado, pela dedicação de seus tempos, e por apostarem em nós para dar continuidade ao trabalho incrível que eles já fazem. Mas em especial agradeço a minha coorientadora Professora Dr^a Herli de Sousa Carvalho, que me apoiou e acreditou em mim mesmo quando eu já não tinha mais fé. Agradeço as orientações, o espaço concedido para ser monitor em suas aulas na Universidade e sobretudo as palavras de força e de ânimo que me proferiu durante o mestrado, sempre com muito carinho e sabedoria, seus exemplos de dedicação aos estudos e de garra para viver serão por mim sempre lembrados.

Agradeço também ao Professor Dr. Witembergue Gomes Zaparoli, meu primeiro professor no Mestrado, e que foi durante a maior parte do nosso curso o coordenador do programa. A ele minha gratidão pela preocupação e cuidado com nosso bem-estar, pelas aulas ricas e inquietantes e pela coordenação do curso que executou sempre de forma majestosa e inspiradora.

Por fim agradeço também ao meu orientador, o Professor Dr. Dimas dos Reis Ribeiro, um estudioso da área cemiterial, um exemplo de um educador que vive e luta pela educação desse país. Ao professor Dimas toda minha gratidão pela orientação sempre paciente, que foi fundamental para que eu conseguisse construir esse trabalho. A distância geográfica mesmo dificultando o nosso processo, não foi empecilho para que construíssemos uma orientação sadia e produtiva. Obrigado

professor Dimas por me ter recebido em sua casa e em sua intimidade, por ter me contado sua história de vida que para mim se tornou uma inspiração, e por ter me cedido incontáveis textos, artigos, livros e dissertações. Esse trabalho que está nascendo em minhas mãos, também é fruto seu, e eu sou muito grato por isso.

Ao programa PPGFOPRED por possibilitar a nós estudantes um mestrado de qualidade, por oportunizar nossas vozes e nossas lutas. Gratidão a todos os envolvidos direta e indiretamente na construção desse mestrado que fez e faz a diferença na vida de muita gente, inclusive dos estudantes e das comunidades onde todos estão inseridos. Agradeço também a Universidade Federal do Maranhão e toda sua equipe de professores, secretários e técnicos, a luta para sobreviver e formar tantos alunos todos os anos é hercúlea, mas continua sendo vencida e faz muita diferença para o desenvolvimento da nossa região tocantina.

Por fim, termino esse texto com o sentimento de gratidão a todas as pessoas que me ajudaram e que fizeram a diferença em algum momento em minha vida. Ter chegado até aqui, é resultado de muitas portas que foram abertas e de muita gente que apostou em mim. A todos, meu mais sincero muito obrigado.

RESUMO

Natan Barros de Oliveira, Contribuições ao sistema de ensino na cidade de Caxias: O conhecimento da História e da Cultura através dos primeiros cemitérios

Linha de Pesquisa: Pluriculturalidade, Interculturalidade e Práticas Educativas Interdisciplinares

Esta pesquisa tem por objeto o surgimento dos primeiros cemitérios da cidade de Caxias do Maranhão. O objetivo dessa pesquisa é conhecer a História dos primeiros cemitérios de Caxias e as contribuições para o conhecimento da História e da cultura local no sistema de ensino. A metodologia de pesquisa desse trabalho foi construída por meio de uma abordagem qualitativa, da pesquisa bibliográfica e a partir de algumas vertentes da história, sendo assim utilizou-se das dimensões da História das Mentalidades, História do imaginário, História da Arte e História Cultural, fez-se também o uso da História oral em conjunto ao processo de coleta de dados por meio de entrevistas estruturadas realizadas com alguns habitantes da cidade de Caxias. Como base para a pesquisa utilizou-se diversos autores como Coulanges (2006); Ariès (2012); Ribeiro (2006); Reis (1991); Coe (2008); Borges (2017), além de produções de monografias e dissertações acerca do assunto, e jornais da cidade de Caxias do período compreendido entre os anos de 1801 a 1862. Os resultados mostram que os moradores da cidade de Caxias têm pouco ou nenhum conhecimento acerca do processo do surgimento dos primeiros cemitérios da cidade, o que implica dizer que este estudo pode possibilitar aos estudantes de Caxias a apreensão de conhecimentos da sua história que estão encerrados no espaço cemiterial.

Palavras-chave: Cemitério. Morte. Caxias. História. Educação.

ABSTRACT

Natan Barros de Oliveira, Contributions to the education system in the city of Caxias: knowledge of history and culture through the first cemeteries

Line of Research: Pluriculturality, Interculturality and Interdisciplinary Educational Practices.

This research has as its object the emergence of the first cemeteries in the city of Caxias do Maranhão. The objective of this research is to know the history of the first cemeteries in Caxias and the contributions to the knowledge of history and local culture in the education system. The research methodology of this work was built through a qualitative approach, bibliographic research and from some aspects of history, so it was used the dimensions of the History of Mentalities, History of the Imaginary, History of Art and Cultural History, oral history was also used in conjunction with the data collection process through structured interviews carried out with some inhabitants of the city of Caxias. As a basis for the research, several authors were used, such as Coulanges (2006); Aries (2012); Ribeiro (2006); Reis (1991); Coe (2008); Borges (2017), in addition to productions of monographs and dissertations on the subject, and newspapers in the city of Caxias of the period between the years 1801 to 1862. The results show that the residents of the city of Caxias have little or no knowledge about the process of the emergence of the first cemeteries in the city, which implies that this study can enable students of Caxias to apprehend knowledge of its history that are closed in the cemetery space.

Keywords: Cemetery. Death. Caxias. History. Education.

LISTA DE ILUSTRAÇÕES

Figura 1 – Mapa de Caxias.....	27
Figura 2 – Igreja São Benedito.....	64
Figura 3 – Lápide de José Firmino Lopes de Carvalho.....	65
Figura 4 – Igreja Nossa Senhora do Rosário dos Pretos.....	67
Figura 5 – Lápide de Alferes Antonio Francisco Porto.....	68
Figura 6 – Lápide de Franco de Almeida Pereira da Costa.....	75
Figura 7 – Lápide de Eusebia Maria de Conceição.....	77
Figura 8 – Fachada Cemitério São Benedito.....	86
Figura 9 – Jazigo de Quitéria Joaquina da Silva Vianna.....	87
Figura 10 – Jazigo de Quitéria Joaquina da Silva Vianna.....	88
Figura 11 – Rua central do Cemitério São Benedito.....	89
Figura 12 – Fachada Cemitério Nossa Senhora dos Remédios.....	90
Figura 13 – Túmulo de Rosa Joanna do Nascimento Rodrigues.....	91
Figura 14 – Túmulo de Rosa Joanna do Nascimento Rodrigues.....	92
Figura 15 – Túmulos no Cemitério Nossa Senhora dos Remédios.....	93
Figura 16 – Mausoléu de Cesário Fernandes Lima.....	101
Figura 17 – Jazigo da família Chagas.....	103
Figura 18 – Jazigo da família Chagas.....	104
Figura 19 – Cruzeiro do Cemitério Nossa Senhora dos Remédios.....	106
Figura 20 – Túmulo de Monsenhor Clovis Vidigal.....	110
Figura 21 - Colégio Militar Tiradentes IV.....	111
Figura 22 - Centro de Ensino Cônego Aderson G. Junior.....	113
Figura 23 - Primeira página do Livro de Óbitos da Freguesia de Nossa Senhora da Conceição e São José.....	115
Figura 24 - Registro no Livro de Óbitos do sepultamento de Coronel João da Cruz.....	116
Figura 25 - Jazigo família Cruz.....	117

LISTA DE TABELAS

Tabela 1 – Faixa etária dos entrevistados.....	61
Tabela 2 – Visitas em Igrejas com túmulos em Caxias.....	62
Tabela 3 – Igrejas visitadas.....	63
Tabela 4 –Conhecimento sobre a motivação do fim dos sepultamentos nas Igrejas.....	71
Tabela 5 – Conhecimentos sobre o surgimento dos primeiros cemitérios em Caxias.....	72
Tabela 6 –Visitas realizadas em cemitérios da cidade de Caxias.....	82
Tabela 7 – Cemitérios visitados.....	84
Tabela 8 – Frequência com que visita algum cemitério de Caxias.....	94
Tabela 9 – Concordância de que o cemitério é um museu a céu aberto.....	98
Tabela 10 – Medo de cemitérios ou velórios.....	99

SUMÁRIO

1 INTRODUÇÃO.....	26
2 CEMITÉRIOS: CONCEITOS, HISTÓRIA E SENSIBILIDADES.....	37
2.1 História dos cemitérios.....	37
2.2 Resignificando os cemitérios.....	44
2.3 O surgimento dos primeiros cemitérios de Caxias	47
2.4 A mudança e as mentalidades	50
3 MEMÓRIAS E PERCEPÇÕES SOBRE OS SEPULTAMENTOS ECLESIÁSTICOS EM CAXIAS	54
3.1 Mais perto de Deus: sepultamentos nas Igrejas de Caxias e as irmandades	54
3.2 Despertando memórias e oportunizando vozes	69
4 O CEMITÉRIO ENQUANTO PATRIMÔNIO HISTÓRICO	79
4.1 Os cemitérios de São Benedito e Nossa Senhora dos Remédios: um outro olhar é possível.....	79
4.2 Respirando História, Arte e Cultura.....	95
5 CEMITÉRIOS SEM MISTÉRIOS.....	108
5.1 A História que se constrói no viver e no morrer: Relações interdisciplinares entre toponímia, antroponímia e o estudo cemiterial.....	108
5.2 Estudo cemiterial: A construção de conhecimentos e a maranhensidade	115
5.3 O produto da pesquisa.....	120
6 CONCLUSÃO.....	124
REFERÊNCIAS.....	129
APÊNDICES.....	136

A ESTRADA QUE ME TROUXE ATÉ AQUI

A construção desse trabalho passa também pela construção do ser humano que sou. Filho, irmão, amigo, cidadão e estudante. Alguém que sob muitos percalços, erros e acertos, se construiu também como um pesquisador e estudioso de aspectos da vida, e agora também da morte.

Minha história de vida se inicia em São João do Paraíso, cidade do interior do Maranhão, fundada em 1994, e que hoje conta com aproximadamente 10 mil habitantes. Meus pais se conheceram ainda na década de 80, minha mãe recém-chegada no distrito de Paraíso, na época município de Porto Franco, foi alocada por motivos de trabalho neste distrito, vinda da Cidade de Caxias, meu pai nascido e criado na região, na época trabalhava como cobrador de ônibus. No início do ano de 1990 se casaram, e no dia 17 de novembro de 1990 veio ao mundo o primogênito Natan Barros de Oliveira, nascido em Tocantinópolis - TO, filho de uma mulher negra e de um homem branco, 10 anos mais jovem que ela. Não preciso nem me alongar na descrição desta relação para que já tenhamos o vislumbre de todas as situações desconfortáveis que um casal nessa composição pudesse vir a ter.

Eu, primeiro de 3 filhos, não muito tempo depois de ter nascido já comecei a apresentar problemas de saúde. Conta minha mãe que com poucos dias de nascido eu estava ficando sem ar e começando a ficar roxo, meu pai então começou a fazer manobras de primeiros socorros para retirar líquidos que teriam ficado em meu pulmão ainda da gestação. O que por um milagre deu certo. Não muito tempo depois, apenas com 8 meses de vida, comecei a ter crises convulsivas quando estava com febre, o que levou meus pais ao desespero visto que era comum o falecimento de crianças com esse tipo de problema naquela época. A solução segundo eles foi uma promessa feita a São Francisco, com a condição de que ficando curado eu teria que usar somente roupas marrons por 8 meses, e com a incumbência assumida por minha avó materna dona Maria das Dores de levar ao Canindé no Ceará uma cabeça esculpida de madeira como ex-votos para agradecer ao Santo o milagre.

E assim se iniciou minha história de vida, com muitas lutas desde cedo, mas também com muitas vitórias e com alegrias. Não muito diferente de todo nosso povo nordestino sofrido e de fé.

Uma infância simples, em uma cidade simples. Em São João do Paraíso as oportunidades de estudo eram poucas e limitadas, mas foram suficientes para que o

sonho de cursar uma faculdade e um mestrado se tornassem realidade. Assim, fui muito por incentivo de minha mãe dona Maria Francisca um bom aluno, com notas sempre a contento e constantemente em destaque, no entanto dentro de um sistema escolar que era muito insuficiente pela precariedade do ensino, o que mais tarde haveria de ser um problema, quando da mudança para Imperatriz diante do confronto com uma realidade escolar muito adiantada em comparação a minha, já no último ano do ensino médio.

Tive em minha infância então as atenções divididas entre a Escola e a Igreja Católica que me formaram como cidadão e como cristão. Minha vida escolar se iniciou na Escola Municipal Senador Alexandre Costa, até a 3ª série, mais tarde migrei para a Escola Municipal Sebastião Archer na qual cursei da 4ª até a 8ª série. Quando aluno nessas épocas, sempre me mantive presente nos eventos e nos momentos proporcionados pela escola. O desfile de 7 de setembro que eu adorava, me fez Dom Pedro II e Nelson Piquet, e me levou a fanfarra por alguns anos, mas para minha infelicidade, não muitos, já que por anos o evento organizado pela prefeitura não fora realizado. Sempre tive muita vontade de fazer teatro na escola, mas não havia professor, e nem incentivo, o que não foi obstáculo para as incontáveis peças que eu escrevia, dirigia e atuava. E assim fui me colocando e me afirmando nos meus espaços que me deram voz e conquistaram minha vez. O que fez de mim por muitas vezes líder de turma, destaque nas olimpíadas brasileiras de matemática e um estudante apaixonado por História, Matemática e Arte.

Guardo de minha infância muitas boas lembranças divididas com meus irmãos, meus primos e meus amigos. Fui uma criança que brincava muito na rua, de todas as brincadeiras possíveis, mas também que gostava muito de leitura. Os gibis da turma da Mônica foram minhas primeiras e divertidas leituras, era uma disputa constante com meus irmãos pelos gibis dos nossos personagens favoritos, sempre por incentivo de minha mãe, que ainda cedo plantou em nós o desejo de ler e de aprender, mas sem deixar de ser criança. Lembro muito também das músicas que rodeavam nossos dias. O nosso domingo sempre foi um dia guardado a igreja, assim todo domingo já acordávamos com a “voz” da igreja tocando as músicas infantis de Padre Zezinho. Rememorar estes momentos para mim tem grandes significados, ouvir essas músicas me faz lembrar um tempo saudoso cheio de boas recordações. Padre Zezinho sempre cantou e denunciou em suas canções, que falam de amor, de fé, mas também

de questões sociais e luta. Com ele tive meus primeiros aprendizados sobre a importância de ser alguém que fizesse a diferença no mundo.

Se tratando da igreja, ainda adolescente assumi vários compromissos e lideranças frente aos grupos e movimentos. Fui coordenador do grupo de coroinhas, membro da Pastoral da Juventude, catequista (que me despertou o primeiro interesse em ser professor), membro do ministério de música, responsável pelo coral infantil, dentre outras atribuições. O fato é que vivi e me comprometi com muitas responsabilidades ainda muito jovem, o que na época não era fácil, mas fez de mim quem sou hoje.

Dentro dessas responsabilidades relembro com muito carinho minha passagem pelo ministério de música. Com 11 anos aprendi a tocar teclado e me comprometi com todas as missas da paróquia. Eu era responsável pela animação de todas as celebrações que aconteciam na cidade e no sertão. Todo meu final de semana era comprometido com essa função. Por vezes eu reclamava de tantos compromissos, sobretudo quando adolescente, uma fase tão cheia de conflitos, mas isso certamente me trouxe muitos ensinamentos. Junto com meus amigos que faziam parte do ministério de música, pegamos gosto por cantar sobre as causas sociais, sobre as denúncias, sobre a compaixão, sobre a fome, sobre os direitos humanos. Fui formado assim nessa vivência como um cristão, mas sobretudo como um cidadão preocupado com as coisas que acontecem a sua volta.

Adorávamos cantar uma música específica do grupo “Cantores de Deus”, sobretudo porque sua letra forte é um olhar de afago aos oprimidos e marginalizados:

Você sabe o que é sentir-se um nada e não ter com quem contar? O bacana por acaso sabe o que é não ter onde morar? [...] Você sabe o que é tirar do lixo alguma coisa pra comer? Você sabe o que é viver pior que um bicho consegue viver? Se a gente pede comida pra alguém, não é só pra comer não, a gente pede também pra ter um pouco de atenção. Se tudo isso é culpa de alguém, pois que nos deem mais que água e pão, e não apenas respostas, ninguém come explicação. Me leva pra casa, me tira daqui, me conta uma história que me faça dormir, não tenho brinquedo nem porque sorrir só me resta sonhar. Me leva pra casa, me tira daqui, me conta uma história que me faça sorrir, pois eu tenho medo de um dia dormir e não mais acordar (SOCCI; MATTA, 2000).

A música para a gente então, cumpria a função de evangelizar, de denunciar e de formar. Cantar a realidade do povo oprimido levava-nos a reflexão acerca das suas vivências e das suas verdades, o que para nós era um grande aprendizado em forma de versos e canções.

Foram diversas as experiências na Igreja que exigiam de mim, responsabilidade, iniciativa, enfrentamento, estudo, gestão, várias habilidades que pude desenvolver nessa época e que resultaram em diversos aprendizados pra vida. Alguns medos inclusive foram desmistificados ainda nesse período, como o medo de velório, e dos ritos de morte. Me tornei uma criança que diferente das outras, frequentava velórios e estava sempre presente nas missas de corpo presente e nos cemitérios. Parte pelo compromisso com a Igreja e parte pela naturalidade com que minha família lidava com essas situações.

Me recordo de diversas vezes ver minha avó materna fazendo coroa de flores para levar ao cemitério no Dia de Finados, minha avó materna inclusive, se tornou para minhas primas paternas uma pessoa temida, pois segundo minhas primas em determinados momentos quando em visitas ao cemitério, minha avó pediu para elas acenderem velas em algumas sepulturas específicas com a justificativa de que o morto a estava pedindo. Não me recordo dessa situação pois era muito novo na época, mas lembro dessa história que até hoje é contatada nas rodas de conversas da família. A verdade é que minha avó era cercada de uma misticidade que transparecia, o que pode ser por conta da sua religião que era a umbanda, ou pela mediunidade que alguns afirmavam que ela tivesse (fato sempre negado por minha mãe), ou pelo conjunto dos dois. A verdade é que minha avó dona Maria das Dores tinha uma relação muito natural com a finitude e com tudo que ela representava.

Falar de minha avó materna me remete a uma parte também muito importante de minha história. As viagens para Caxias que é a cidade natal de minha mãe, onde moravam meus avós seu Domingos e dona Maria das Dores. Ambos infelizmente já falecidos. Quando em vida, nós os visitávamos praticamente todos os anos durante boa parte de minha infância. A viagem era sempre minha mãe e seus 3 filhos crianças, meu pai nunca foi muito fã de visitar a sogra, e aqui mais uma vez a história do medo da minha avó e da misticidade em torno dela. O fato é que essas viagens tiravam essas 3 crianças do interior para a cidade “grande”, Caxias já no entorno dos seus 130 mil habitantes sempre fora para gente repleta de belezas e de histórias a serem reveladas. Todas as vezes visitar o memorial da Guerra da Balaiada e as Igrejas católicas faziam parte do percurso, e o mais incrível é que sempre parecia a primeira vez, e nossos olhos sempre brilhavam. Talvez isso não tenha mudado ainda, na minha última visita a cidade estes mesmos lugares também foram visitados e o olhar de admiração e respeito ainda estava lá.

Das igrejas em específico recordo com grande afeto as visitas a Igreja de São Benedito. Primeiro porque fica localizada em frente a uma pracinha que eu quando criança achava muito charmosa, segundo pelos túmulos localizados na Igreja. Exatamente todas as vezes que fizemos essa visita eu fiz o mesmo procedimento de ficar olhando e lendo as lápides das pessoas sepultadas ali. Muitos coronéis, padres, delegados, pessoas consideradas por algum motivo mais importantes que outras na época, e que por isso mereciam uma posição de destaque dentro das igrejas. Estar naquele espaço e saber que havia pessoas sepultadas ali desde o século XIX me parecia incrivelmente curioso, fato que plantou a primeira semente para o que agora viria a ser meu objeto de estudo no mestrado em educação.

No entanto preciso voltar a minha vida escolar para prosseguir com esta narrativa. Assim, quando do ensino médio, estudei na única escola que tem ensino médio na cidade, a Escola Delfino Aguiar de Azevedo. Fiz o primeiro e o segundo ano já na adolescência, e comecei a construir nesse período os caminhos que me levariam a faculdade. No entanto tive também um ensino médio muito carente de professores e conteúdo, nessa época eu já entendia como as coisas funcionavam e já havia decidido que precisava ir embora de São João do Paraíso para estudar em uma cidade maior. Assim, em 2008 consegui uma bolsa de estudos na Escola Dom Bosco em Imperatriz por intercessão do Padre Brandão de minha cidade que já havia trabalhado como professor nessa escola. Aqui mais uma vez meus caminhos na escola e na igreja se cruzando.

Eis então um dos maiores desafios para um jovem estudante do interior. Estudar e ser aprovado em uma das melhores escolas de uma das maiores cidades do estado. Não foi fácil, mas com muito estudo e persistência consegui adentrar a faculdade ainda em setembro de 2008. Assim, antes de concluir o ensino médio eu já era universitário, e realizava o meu sonho e o de minha família. Iniciei então o curso de Administração pela Universidade Estadual do Maranhão. Não era o curso que eu sonhava, mas foi o curso que me formou e me abriu as portas para o mercado de trabalho.

Assim que fiz 18 anos, no final de 2008, comecei a procurar emprego em Imperatriz. No começo tive muita dificuldade, sobretudo por conta da falta de experiência. Somente no ano de 2010 comecei a trabalhar, por meio do programa Viva meu primeiro emprego, do Governo do Estado do Maranhão que proporcionava o primeiro emprego para jovens como eu. Assim, vivi o período de 6 meses de

experiência e depois fui contratado pela empresa Pavel veículos, que ficava muito distante de minha casa, e atrapalhava meu horário de chegar na faculdade. Por conta disso pedi demissão, na intenção de priorizar meu curso.

Ainda em 2010 estagiei na empresa Canal Comunicação, era um estágio de meio período, e pagava na época menos de meio salário, mas me dava condições de fazer disciplinas do meu curso nos períodos vespertino e noturno como eu tinha interesse.

Em 2011 fiz um processo seletivo promovido pela empresa Suzano Papel e Celulose, recém-chegada em Imperatriz, a empresa tinha a intenção de formar técnicos em Papel e Celulose, e assim promoveu um processo seletivo por meio de prova, que garantia uma bolsa de R\$ 800,00 para os estudantes aprovados, o que na época era próximo de um salário-mínimo. Aprovado, fiz o curso por 8 meses, e dividia minha vida entre estudar no IFMA o técnico em Papel e Celulose durante a manhã e à tarde, e a noite na UEMA no curso de Administração.

No final de 2011 decidi abandonar o curso da Suzano, porque teria que ir estagiar em outras cidades, o que atrapalharia minha faculdade. Assim, consegui passar no processo seletivo do Bradesco, atuei em diversos setores do banco por longos 9 anos. Tive uma carreira promissora que me orgulho muito. Entrei um menino e saí um homem, cheio de aprendizados e experiências que fizeram de mim quem sou hoje. Trabalhar em uma empresa desse nível nos proporciona realizar muitos projetos, como o de comprar a casa própria, que foi o que eu fiz em 2017, depois de morar de aluguel em Imperatriz por 10 anos.

Inclusive moradia sempre foi uma questão para mim e meus irmãos, por conta do aluguel alto nós dividíamos a casa com primos ou amigos, o que era um desafio de convivência, sobretudo quando em um momento chegamos a ficar 5 pessoas em uma quitinete de uma sala, um quarto e um banheiro. Encontrar a casa certa para morar também era sempre um problema, dos 10 anos morando de aluguel, foram 7 casas diferentes. Mas com o tempo as coisas foram se organizando até sair definitivamente do aluguel em 2017.

Voltando um pouco no tempo, retorno a narrar outros fatos de minha vida. O ano era 2009, e fui convidado a participar de um Encontro de Formação de Lideranças Cristãs denominado Cursilho de Cristandade. No movimento de Cursilho da Igreja católica me reencontrei com a Igreja e reassumi meus compromissos enquanto cristão, dessa vez já adulto. Fui ativo do movimento por muitos anos, coordenei

encontros, grupos, ministrei palestras, e conheci muitas pessoas e personalidades que me ajudaram muito na minha formação social e crítica cristã. O movimento de Cursilhos inclusive me apresentou Adalberto Franklin (*in memoriam*) um dos maiores escritores da História de Imperatriz a quem muito me orgulho de ter conhecido e convivido.

Em 2013, vivi uma das maiores experiências de minha vida. Fui para a Jornada Mundial da Juventude no Rio de Janeiro. Foram dias muito intensos desde o começo da viagem. Nossa programação de romeiros incluía uma visita a sede da TV Canção Nova em São Paulo, e ao Santuário de Nossa Senhora Aparecida, tudo isso antes de irmos para o Rio de Janeiro. Na nossa visita ao Santuário fomos agraciados com uma missa do Papa Francisco, que para minha alegria passou a poucos metros de mim. Dentre momentos marcantes, guardo várias lembranças do sentimento de irmandade e amizade que se instalara na cidade do Rio de Janeiro nos dias da Jornada. Foi incrível sentir que o “mundo inteiro” estava reunido no mesmo lugar, e que todas as mais de 3 milhões de pessoas presentes estavam movidas pela esperança e pela fé, e sobretudo pelos sentimentos de ajuda mútua, de colaboração e de gratidão. Todos se ajudavam, todos eram gentis, e fazer parte de tudo isso foi mágico.

Tão mágico quanto isso, foi ter o relato da minha experiência na Jornada Mundial da Juventude publicado no Jornal o Progresso de Imperatriz. Um texto muito particular de minha viagem, que foi postado no facebook acabou indo parar no jornal impresso local, o que para mim foi uma honra muito grande e pela qual tenho muito carinho.

Mais recentemente, já no ano de 2017 fui apresentado ao Movimento Junino do Maranhão, por meio da quadrilha junina Flor de Mandacaru de Açailândia, movimento que me encantou e que me acolheu como membro no qual participo até hoje. Através da junina me reencontrei com a arte que sempre fora presente em minha vida, e construí memórias e vivências que me tiraram da minha zona de conforto. Costumo falar que antes da junina algumas vezes me sentia vivendo em uma bolha, fora da realidade do nosso povo mais marginalizado. Através da Flor de Mandacaru conheci histórias, construí histórias, ajudei pessoas, fui ajudado, e me apaixonei pelo trabalho social que um movimento como esse proporciona a tantas famílias carentes, de atenção, de escuta, de afeto e de arte. Eu que sempre pedia a Deus um sinal em minhas orações reconheci na própria oração da Flor de Mandacaru a minha resposta:

“Deus manda mandacaru, manda Deus, manda um sinal na secura desta terra, um sinalzinho qualquer, uma flor, outra flor, uma semente pra aliviar a dor dessa gente...”

Assim em 2017 fui presenteado com o espetáculo construído pela minha junina pelo nome de “Aos Vivos e as Flores”, inspirado na obra de Ariano Suassuna, “Uma mulher vestida de Sol”. Um espetáculo que conta a História do povo nordestino sofrido, castigado pela dor e pela morte. Dançávamos celebrando a vida e acolhendo a morte, quando esta se apresentava no espetáculo. Cantávamos a plenos pulmões a música “Flores” de Titãs e Mariza Montes com sua letra forte e significativa

Os punhos e os pulsos cortados, e o resto do meu corpo inteiro, há flores cobrindo o telhado e embaixo do meu travesseiro, há flores por todos os lados, há flores em tudo o que eu vejo. A dor vai curar essas lástimas, o soro tem gosto de lágrimas, as flores têm cheiro de morte, a dor vai curar esses cortes, flores, flores, as flores de plástico não morrem (BRITTO et al., 1989).

As flores de plástico não morrem, mas também não vivem. E nessa dualidade de vida e morte vivida em quadra, dançada e cantada, foi que recebi a notícia do falecimento de minha avó materna, dona Maria das Dores, a quem referenciei aqui. Como que por ironia, ou por um sinal do destino, minha avó faleceu exatamente no dia de nossa primeira apresentação deste espetáculo. Fui a quadra com um nó na garganta, mas com a missão de viver aqueles 25 minutos com muita entrega e como uma homenagem a ela, que havia deixado a vida, mas que havia vivido de forma ávida a sua passagem pela terra.

No ano de 2019, realizei mais um dos meus sonhos. Fui a Europa fazer um intercâmbio de língua inglesa na cidade de Dublin, capital da Irlanda. Era um sonho de criança, sair do país, fazer um intercâmbio, conhecer outros países, viajar o mundo. Viajar pra mim sempre foi o maior dos prazeres. Mas não viajar só por viajar, mas viajar para viver e conviver com uma nova cultura, com novos aprendizados, com uma nova língua e com todas as outras possibilidades que uma viagem nesse contexto pode proporcionar. Assim, me programei para ficar 30 dias fora do Brasil, que se dividiram em 18 dias de intercâmbio na Irlanda, e mais 12 dias de mochila nas costas para conhecer também a Inglaterra, a Alemanha, a Holanda e a França. Durante 30 dias vivi experiências incríveis de convivência com culturas diferentes, provando suas comidas típicas, suas bebidas, ouvindo suas histórias e suas canções, conhecendo um pouco da cultura e dos costumes de cada país. Certamente o Natan que foi viver essa experiência, não foi o mesmo que voltou. Aquela criança do interior, que

estudava com afinco a História do velho mundo na infância e na adolescência agora poderia visitar alguns desses lugares que sempre sonhou em conhecer, mas que pareciam definitivamente muito distantes.

Que alegria, que experiência, e que aprendizado. Em um dos finais de semana que estava na Irlanda, decidi ir com um amigo passar 3 dias em Londres, fizemos passeios pelos pontos turísticos, provamos seu feijão doce no café da manhã e fomos ao tal famoso Palácio de Buckingham, casa da Rainha Elizabeth II. Para nossa surpresa, no dia de nossa visita fomos surpreendidos por um desfile com toda a corte da Rainha, e pela própria que passou muito próximo de onde estávamos. Era um evento de reunião do parlamento que só ocorria uma vez por ano, e lá estávamos nós. Uma grata coincidência da vida.

Alguns dias depois quando deixei Dublin, fui para a Cidade de Munique na Alemanha, e lá tive uma das experiências mais fortes que já vivi. Quando decidi visitar Munique ainda com alguns meses de antecedência já me programei para ir ao Campo de Concentração de Dachau que fica próximo a Munique, Dachau foi o primeiro campo de concentração nazista e recebeu mais de 200 mil prisioneiros. A visita passava por várias salas e instalações que foram utilizadas durante o período em que o local esteve em funcionamento, e nos conduzia por uma série de espaços que contavam as histórias das vidas interrompidas pelo regime nazista. Cartas de amor que não foram entregues, alianças de casamento, fotografias, diários, entre outros objetos que eram tirados dos prisioneiros. A História era contada por meio de expositores na parede e por vezes ficava difícil ler, tamanha a tristeza e crueldade que era retratada. Por fim, a visita nos levava para os quartos onde os prisioneiros eram amontoados e por vezes morriam de fome e de febre tifoide, epidemia que assolava a Europa na época. O número de mortos só nesse campo de concentração chegou em torno de 30 mil. Para mim foi uma visita muito forte e muito triste, que me fez repensar a forma de ver a vida e a História que fora escrita naquele fatídico lugar.

Ainda na Alemanha fui pra Berlim, a Capital do país, visitei vários pontos turísticos inclusive os restos do muro de Berlim. Mais uma experiência impactante, estar no lugar que dividiu a Alemanha em duas, o lugar que teve durante muito tempo as atenções do mundo voltadas por conta das tensões que rodeavam aquele muro enorme que segregava e separava. E lá estava eu mais uma vez como um aluno que sai para uma excursão escolar. Com o brilho nos olhos e registrando tudo em fotografias e na memória.

Depois da Berlim foi a vez de Amsterdã, capital da Holanda. Um dos lugares mais lindos que já vi na vida. Uma cidade rodeada de canais e embarcações, com construções muito características e únicas. Mas também um lugar de História. Em Amsterdã visitei o museu de Anne Frank, o lugar que fora a casa da adolescente responsável por um dos livros mais lidos do mundo. Não consegui adentrar o museu pois precisaria comprar o ingresso com uma antecedência de 90 dias, o que não fora possível. No entanto pude ver de perto a casa de Anne Frank, e me senti contemplado por estar próximo daquele espaço, principalmente por ter lido seu diário que se tornou livro, e que impactou o mundo com seus relatos detalhados e angustiantes de se viver escondida por tanto tempo por conta da ameaça do nazismo.

Em Paris, última cidade que visitei, me deleitei em tantos pontos turísticos e tantas histórias que a cidade respira. Fui do Palácio de Versalhes a Torre Eiffel, comi *croissant* e fui a um show de Jazz. Fiz tudo que um turista tem direito. Mas nada chegou próximo do que foi visitar o museu de Louvre. Estive lá, eu, o menino simples nascido no interior do Maranhão, no maior museu do mundo. Essa provavelmente fora uma das experiências mais encantadoras e enriquecedoras da minha vida. Foram 4 horas de passeio por aquele espaço gigante que não foram suficientes pra ver nem 10% de toda a arte exposta naquele lugar. Muito de toda a História do mundo inteiro se encontra ali, em galerias infinitas, que reúnem séculos e séculos de arte e de conhecimento.

A verdade é que existem experiências que mexem com nosso imaginário e com nossos sentimentos. Essa certamente foi uma delas. Viajei, estudei, erre e aprendi. Construí amizades incríveis que dividiram comigo muito desses momentos. E melhorei muito meu inglês. Foi a viagem dos meus sonhos que se concretizou. E foi também um momento decisivo em minha vida. Ainda na Europa na euforia da realização de um sonho, eu decidi que queria realizar mais. Um sonho há tempos comigo, e que dizia muito de quem eu era. Fazer um mestrado na área de Educação. Depois de tantas experiências pessoais e profissionais, eu entendi ali, no auge dos meus 28 anos que era hora de mudar de vida, de mudar de emprego, e de me concentrar para conquistar mais um passo importante na minha carreira. Eu que sempre quis ser professor, e que já havia exercido a função por um período curto ainda em 2015, decidi que era hora de correr atrás e realizar mais esse sonho.

Assim, no começo de 2020, adentrei como aluno especial no Programa de Pós-graduação em Formação Docentes em Práticas Educativas PPGFOPRED pela

Universidade Federal do Maranhão. Ali, mesmo que somente como aluno especial, me conectei com o universo que tinha tanto interesse e comecei a me preparar efetivamente para adentrar no programa como aluno regular. Dentro desse processo através dos debates proporcionados pela disciplina especial de Educação Intercultural e Práticas Interdisciplinares tive o primeiro vislumbre de uma temática que muito me interessou, arte tumular, estudo cemiterial e estudos da morte. Da criança que frequentava velórios, ao homem que estuda cemitérios. Me encontrei nessa temática e apresentei meu projeto nessa área tendo sido bem-sucedido.

Hoje, estou como aluno do Mestrado em Educação pela Universidade Federal do Maranhão, vivendo mesmo que com percalços e dificuldades a realização de mais um sonho. O interessante é que por muito tempo imaginei que este seria o sonho a ser alcançado, mas hoje entendo que na verdade este é só o começo de um sonho maior, de continuar a aprender, de estudar, e de lecionar, para dividir com os outros meus conhecimentos, minhas vivências e para continuar sendo quem eu sempre fui, um eterno aprendiz, mas dessa vez enquanto um professor que ensina e aprende com seus alunos.

1. INTRODUÇÃO

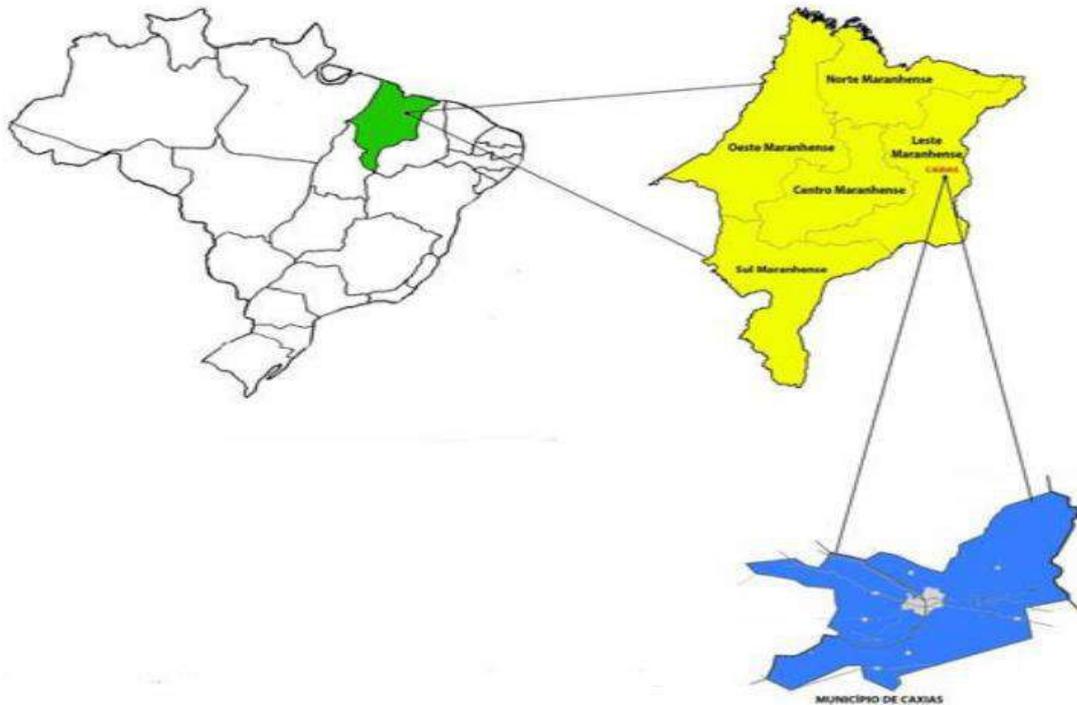
Esse trabalho teve sua construção no campo historiográfico por meio de um estudo do período compreendido entre os anos de 1801 e 1862. Esse recorte temporal dos oitocentos marca a História de muitas cidades brasileiras em função do processo de higienização e civilização adotado no Brasil, e que culminou na construção dos primeiros cemitérios do país.

O ano de 1801 é apontado como marco nesse estudo por conta da Carta Régia de Dom João VI que proibia os sepultamentos dentro das igrejas. Orientado por médicos higienistas, Dom João VI ainda instruía que os cemitérios fossem construídos em locais afastados das cidades. Tal recomendação feita pelo Príncipe Regente, no entanto, não surtiu efeito imediato, por diversos motivos, dentre eles a falta de dinheiro público por parte das prefeituras para construção de tais cemitérios, e as crenças dos cristãos católicos de que ser sepultado dentro das igrejas era uma grande chance de ser recebido no céu.

Os anos se passaram e constantes recomendações higienistas vinda dos médicos se seguiram, a fim de que os sepultamentos nas igrejas fossem proibidos. Para os higienistas, as inumações¹ realizadas nas igrejas eram prejudiciais à saúde da população, pois os miasmas ou cheiros cadavéricos tinham a capacidade de transmitir doenças para as pessoas que frequentavam esses espaços fechados. Assim, seguindo essas recomendações e com o desejo de civilizar as cidades, foi instituída a lei imperial de estruturação dos municípios de 1828 que determinou a responsabilidade para a construção dos cemitérios ao poder público.

O fato é que mesmo com a força imposta pela lei, algumas cidades brasileiras passaram décadas para se adequarem a nova imposição. Caxias, cidade do interior do Maranhão, foi o nosso lócus de estudo, e o surgimento de seus dois primeiros cemitérios o objeto de nossa pesquisa.

¹ O mesmo que: enterramentos, enterros, funerais, mortórios, saimentos, sepultamentos.

Figura 1 – Mapa Caxias

Fonte: Prefeitura de Caxias, 2021

Caxias, município brasileiro da região leste maranhense, é a quinta cidade mais populosa do estado com 166 mil habitantes segundo dados do IBGE de 2021. Com 185 anos, é um importante centro cultural e histórico da região. Entre os anos de 1838 a 1841 a cidade foi palco de uma revolta popular e social conhecida como “Balaiada”, insurgida pela população oprimida em busca de direitos, que ficou registrada na História como uma das mais longas revoltas do país.

A cidade de Caxias crescia e se desenvolvia com destaque no século XIX com seu comércio e pecuária, tanto que teve papel fundamental para a construção de Teresina no ano de 1852. Caxias, no entanto, assim como as outras cidades brasileiras do século XIX passavam por um processo civilizatório, e precisava se enquadrar enquanto um local higienizado e civilizado, para tanto, também precisava cumprir as determinações impostas por lei. Dessa forma, a fim de atender sua população que não poderia mais sepultar seus mortos nas igrejas, a cidade inaugurou seus dois primeiros cemitérios, um que ficou pronto em 1861, e outro em 1862. Assim, esse trabalho objetiva apresentar a História do surgimento dos primeiros cemitérios

de Caxias e as contribuições para o conhecimento da História e da cultura local no sistema de ensino.

O interesse inicial por esse estudo foi motivado por meio de debates na disciplina especial de Educação Intercultural e Práticas Educativas Interdisciplinares, por meio do Programa de Pós-graduação em Formação Docente em Práticas Educativas da Universidade Federal do Maranhão (UFMA), que possibilitou o primeiro contato com essa temática e o vislumbre das possibilidades interculturais e interdisciplinares de ensino e aprendizado que esse assunto poderia vir a ter. Na ocasião, enquanto aluno especial, estava em busca de uma temática que me desafiasse e me identificasse, para então me inscrever no processo seletivo do mestrado como aluno regular. Assim, encontrei nos estudos cemiteriais e na arte tumular, um espaço de aprendizado e de reflexão que veio de encontro a muitos aspectos de minha vida e de minha vivência, o que me fez ser aprovado no processo seletivo e conseqüentemente fez do meu processo de pesquisa algo único e enriquecedor.

A Cidade de Caxias foi escolhida por conta de vivências pessoais que me possibilitaram ter contatos com a História e a cultura da população caxiense, já que é a cidade onde minha mãe nasceu e cresceu, e que desde a infância visitamos. Essas visitas inclusive sempre nos levaram às Igrejas de Nossa Senhora do Rosário dos Pretos e São Benedito, locais que foram responsáveis pelos primeiros debates sobre as razões pelas quais as pessoas eram sepultadas nas Igrejas e não nos cemitérios. O que conseqüentemente me levou a outros questionamentos e curiosidades acerca de quando surgiram os primeiros cemitérios nessa cidade.

O estudo de um assunto como esse pode parecer intimidador e um grande desafio, mas para mim ele se torna diariamente mais natural. Primeiro porque estar presente em velórios, missas de corpo presente e sepultamentos, ainda na infância, muito por incentivo da minha mãe, fez parte da minha formação enquanto ser social e cristão. Por conta disso, o medo que é comum dessas situações me foi superado quando criança e conseqüentemente a naturalidade para lidar com assuntos e ritos que versem sobre a finitude se estabeleceu. Segundo, porque minhas experiências acumuladas de uma vida acadêmica e profissional, resultaram no desejo de estudar e de colaborar com a sociedade, a partir de pesquisas e publicações científicas, sobretudo, se esses estudos puderem assistir a comunidade caxiense por meio de

produtos, enquanto levanta debates que resultem em contribuições para práticas educativas de ensino.

Essa temática sobre a pesquisa cemiterial e o surgimento dos primeiros cemitérios do Brasil vem sendo com frequência estudada, dada sua importância frente aos aspectos históricos e culturais que se desdobram quando um estudo como esse é realizado. Para tanto identificamos nos âmbitos regionais, pesquisas que comunguem com nosso trabalho centradas no processo de surgimento dos primeiros cemitérios do Brasil.

A primeira delas, é de Agostinho Júnior Holanda Coe, publicada em 2008, com o título “Nós, os ossos que aqui estamos pelos vossos esperamos: a higiene e o fim dos sepultamentos eclesiásticos em São Luís (1828-1855)”. Seu trabalho faz um recorte temporal que contempla todo o processo de proibição dos sepultamentos eclesiásticos² até a construção dos primeiros cemitérios da capital do Maranhão. Coe foca seu debate nas orientações higienistas, sobretudo porque São Luís do século XIX passava por graves epidemias como a da varíola, o que fez ganhar força os discursos médicos higienistas que culminaram na construção do cemitério do Gavião, o primeiro de São Luís.

Outra pesquisa de relevância de caráter regional é o trabalho de Mariana Antão de Carvalho Rosa, do ano de 2019. Intitulada “Cemitério São José: História, Memória e sensibilidades teresinenses”, o trabalho de Rosa propõe investigar os comportamentos, os significados e as sensibilidades com os mortos de Teresina a partir da inauguração do primeiro cemitério da cidade no ano de 1859. Esse trabalho faz um retrato histórico do processo de construção do primeiro cemitério de Teresina que ocorreu em conjunto com a construção da cidade, ou seja; não houve uma preocupação com o fim dos sepultamentos eclesiásticos como em outras cidades do Brasil, mas um atendimento as normas higienistas que se instituíram no Brasil para a construção do cemitério que atenderia a nova capital do Piauí.

Caxias está geograficamente inserida entre São Luís e Teresina, e, portanto, sofre influências culturais e econômicas dessas importantes capitais nordestinas. No entanto, o processo do surgimento de seus primeiros cemitérios enquanto objeto de pesquisa na pós-graduação ainda não fora contemplado, o que concede a nossa

² Sepultamentos realizados dentro das igrejas.

pesquisa um caráter de ineditismo acerca desse assunto de suma importância para a História e Cultura da região de Caxias.

Entendendo portanto, a importância dos elementos que compõem toda sua historicidade, e compreendendo que o processo de secularização dos cemitérios de Caxias, carrega uma relevância significativa para a História e Cultura da sociedade caxiense, é que se justificou a necessidade dessa pesquisa, pois ela teve a intenção de verificar os conhecimentos que os estudantes de Caxias possuíam sobre o surgimento e o processo de secularização dos primeiros cemitérios da cidade, enquanto produz outros conhecimentos para possibilitar aos estudantes locais a apreensão de elementos da História e de seus antepassados.

Assim, foram estabelecidos nossos objetivos específicos. Tendo sido o primeiro, descrever o surgimento dos primeiros cemitérios de Caxias-MA, o segundo, verificar os conhecimentos que os estudantes de Caxias possuem sobre o surgimento e o processo de secularização dos cemitérios da cidade, e o terceiro, apontar como o estudo do surgimento dos primeiros cemitérios de Caxias pode contribuir para o conhecimento da História e da Cultura local no sistema de ensino da cidade de Caxias.

Por fim, enquanto último objetivo e produto desse trabalho, foi produzida uma cartilha ilustrativa como registro dos fatos históricos relacionados ao surgimento dos primeiros cemitérios de Caxias-MA, para que estudantes e professores da rede pública de ensino da cidade tenham conhecimento da História e da Cultura local apreendidos por meio do nosso trabalho.

Ao desenvolver nossa pesquisa, fizemos algumas reflexões que nos serviram como questões norteadoras: que conhecimentos os estudantes do sistema municipal de ensino possuem sobre surgimento e a História dos cemitérios de Caxias? De que forma o estudo do surgimento dos primeiros cemitérios de Caxias pode contribuir para o conhecimento da História e da cultura local no sistema de ensino da Cidade de Caxias? Que aspectos históricos sobre o surgimento e a História dos primeiros cemitérios de Caxias são relevantes ao ensino de História no espaço escolar na Cidade de Caxias?

Tais reflexões foram fundamentais para construirmos nosso trabalho e definir nosso problema. Dessa forma tivemos como questão problema dessa pesquisa o seguinte questionamento: como o estudo do surgimento dos primeiros cemitérios de Caxias pode contribuir para o conhecimento da História e da Cultura local no sistema de ensino da cidade de Caxias?

Para tanto, com a intenção de responder essa problemática e alcançar os objetivos geral e específicos determinados, construímos nossa metodológica de pesquisa científica.

Nossa pesquisa teve uma abordagem qualitativa, seguindo o que diz Minayo em seu livro “Pesquisa Social: Teoria, método e criatividade”.

A pesquisa qualitativa responde a questões muito particulares. Ela se ocupa, nas Ciências Sociais, com um nível de realidade que não pode ou não deveria ser quantificado. Ou seja, ela trabalha com o universo dos significados, dos motivos, das aspirações, das crenças, dos valores e das atitudes (MINAYO, 1993, p. 21).

Dentro dessa abordagem, no entanto, trabalhamos com a História Oral, já que parte do nosso conhecimento foi construído a partir de entrevistas com alunos da rede pública da Cidade de Caxias, bem como entrevistas com moradores mais antigos da Cidade que puderam lembrar e narrar fatos sobre pessoas sepultadas nos cemitérios da Cidade.

Como metodologia de pesquisa, a História Oral se ocupa em conhecer e aprofundar aspectos sobre determinada realidade, como os padrões culturais, as estruturas sociais, os processos históricos ou os laços do cotidiano. Os dados para o encadeamento são obtidos através de conversas com pessoas (relatos orais) que, ao focalizarem suas lembranças pessoais, constroem também uma visão mais concreta da dinâmica de funcionamento e das várias etapas da trajetória do grupo social ao qual pertencem, ponderando esses fatos pela sua importância na vida desses indivíduos (CASSAB; RUSCHEINSKY, 2004, p. 8).

A História e a memória, sobretudo no contexto desse projeto de pesquisa, trazem consigo a capacidade de dialogar com a realidade dos alunos e de suas famílias. Barros (2012) afirma que a construção de identidades pessoais e sociais está relacionada à memória, para ele indivíduos e sociedade procuram preservar o passado para que este sirva de orientação para as incertezas do futuro.

Foi a partir de vertentes da História que se construiu essa metodologia, temos para essa situação específica o uso das dimensões, da História das Mentalidades, da História do Imaginário e da História Cultural. Para Michel Vovelle “as mentalidades remetem, portanto, de modo privilegiado, à lembrança, à memória, às formas de resistência. Em resumo: aponta aquilo que se tornou corrente definir como a força de inércia das estruturas mentais” (2004, p. 19).

Para Pesavento (1995, p. 16) o imaginário é,

pois, representação, evocação, simulação, sentido e significado, jogo de espelhos onde o “verdadeiro” e o aparente se mesclam, estranha composição onde a metade visível evoca qualquer coisa de ausente e difícil de perceber. Persegui-lo como objeto de estudo é desvendar um segredo, é buscar um significado oculto, encontrar a chave para desfazer a representação de ser e parecer (1995, p. 16).

Quanto a História Cultural o trabalho foi focado nos processos e manifestações culturais e conseqüentemente nas crenças que constroem as vivências e a História de cada povo.

José de Assunção Barros faz menção a História Cultural em seu trabalho quando diz que: “A História Cultural - que enfatizaria o estudo de aspectos culturais - abre-se a estudos da "cultura popular", da "cultura letrada", das "representações"(...) (BARROS, 2019, p. 96).

A História da Arte também teve sua parte significativa nesse trabalho, já que nos túmulos e sepulturas é comum serem vistos expressões artísticas que vão desde os símbolos, passando pelas iconografias, epigrafias, esculturas, pinturas e especialmente a arquitetura dos jazigos. Nesse caso temos a História da Arte como um dos domínios presentes nessa metodologia de trabalho. Para Huchet a História da Arte é,

Uma fórmula que remete tanto às obras e imagens que se sucederam na história da humanidade quanto à disciplina que elabora um conhecimento baseado na análise descritiva e interpretativa delas. Ela constitui o que seria justo chamar de «historiografia da arte», já que se interessa pelas práticas «estéticas» das diversas sociedades humanas desde não só os tempos «históricos», mas também os «pré-históricos» (HUCHET, 2014, p. 224).

Para o processo de coleta de informação utilizamos a entrevista estruturada que foi aplicada em dois momentos, primeiro em sala de aula com alunos do terceiro ano do ensino médio da rede pública, e segundo com alguns moradores mais antigos da cidade. Realizamos também pesquisas em jornais e fizemos registros fotográficos dos cemitérios e das igrejas com sepultamentos eclesiásticos (para a construção de nosso catálogo ilustrativo).

Os cemitérios de São Benedito e Nossa Senhora dos Remédios, bem como as igrejas de São Benedito e Nossa Senhora do Rosário dos Pretos foram fotografados, a fim de construirmos imagens visuais dos nossos locais de estudo que se revelaram fontes importantes de pesquisa e absorção de conhecimentos, sobretudo para os aspectos metodológicos da História da Arte.

Os procedimentos que foram adotados para a produção de dados, vão desde a revisão e pesquisa bibliográfica, passando pela pesquisa documental (nos jornais e documentos da época), até entrevistas com 181 alunos de duas Escola de Ensino Médio com a intenção de se fazer um levantamento acerca de que conhecimentos esses alunos têm sobre os cemitérios locais: se conhecem sobre a fundação destes e se tem conhecimentos sobre o fim dos sepultamentos eclesiásticos. A entrevista teve, portanto, a intenção de identificar que informações pertinentes aos cemitérios e aos ritos de morte os alunos possuem. A outra entrevista dessa vez dirigida a alguns moradores mais antigos da cidade (11 pessoas), teve a intenção de colher informações orais que possivelmente não estejam registradas de maneira documental acerca dos cemitérios, dos ritos cemiteriais e de personalidades importantes para a população caxiense que foram sepultadas nestes cemitérios.

Todas as abordagens dentro das condições éticas da pesquisa, de maneira que assim todos os entrevistados e participantes deram seu consentimento informado e voluntário.

O consentimento ético para a realização desta pesquisa se deu por meio da assinatura do termo de consentimento livre e esclarecido por todos os sujeitos entrevistados (Ver Apêndice A),

A proposta teórica para a construção desse estudo é de caráter interdisciplinar, pela epistemologia e pela metodologia adotada. Dessa forma nos propomos a construir um diálogo entre os campos das ciências humanas afim de produzirmos debates entre as disciplinas que estudam as diversidades da sociedade a partir de suas particularidades. Assim, abordamos em nosso trabalho conceitos como memória, cultura, cemitérios, arte tumular, dentre outros.

Para a construção textual, no entanto, fizemos um processo de busca de trabalhos científicos denominado estado da arte acerca do assunto cemitério, dos anos de 2016 a 2021 localizamos 135 trabalhos, que analisando os títulos, resumos e palavras chaves, reduzimos para um total de sete, sendo 6 dissertações e uma tese. Os trabalhos de Junior (2019), Prietsch (2018), Rosa (2019) e Uliana (2018), foram construídos por meio de aspectos históricos e fizeram uso de conceitos da memória e da História.

Morais (2016) e Machado (2017) construíram seus trabalhos na área de Arqueologia, e Maeda (2017) que questionou em seu trabalho se cemitério era lugar para criança, construiu sua dissertação na área da Psicologia. Todos os trabalhos

tiveram suma importância para a construção desse, por serem fontes de pesquisas e proporcionarem reflexões acerca de nossa temática, sobretudo porque nosso assunto é de uma área carente de estudos e de materiais de pesquisa.

Como parte de nossa pesquisa bibliográfica realizamos uma busca por trabalhos acadêmicos da cidade de Caxias, a fim de localizarmos monografias de estudantes da cidade que tivessem feito pesquisas próximas a nossa área de estudo. Assim, localizamos cinco trabalhos de conclusão de curso, do curso de História, pela Universidade Estadual do Maranhão que foram muito importantes para a construção desse trabalho: As monografias outrora citadas de Mendes (2011) com o título “Sou Irmão! Sou Católico! Sou Cristão! As irmandades religiosas em Caxias no século XIX (1851-1870)”, e de Oliveira (2012) intitulada “Das portas do sagrado aos portões do público: Ritos fúnebres e a nova moradia dos mortos em Caxias no século XIX (1830-1862)”. Além dessas, nos debruçamos sobre os trabalhos de Santos (2021) com o título “Deixou de padecer, a morte o ampare. Hum asilo já tem na sepultura: Sepultamentos eclesiásticos e o culto civil aos mortos em Caxias-MA na segunda metade do século XIX (1850 a 1899)”, de Araújo (2017) intitulado “Na terra como no céu: Normativas e sacralização de espaços cemiteriais em Caxias-MA (1830 – 1860)”, e de Sousa (2013) com o título “Imaginário para além da vida! Práticas e ritos de sepultamento em Caxias-MA de 1960 a 1970”. Todos os trabalhos mostraram visões e discussões importantes acerca dos sepultamentos eclesiásticos, do processo de surgimentos dos primeiros cemitérios de Caxias, dos ritos da morte e da influência das Irmandades da Igreja Católica na sociedade caxiense do século XIX. Construimos então nossos capítulos de maneira a dialogar com autores referências nos estudos cemiteriais, nos sepultamentos eclesiásticos, bem como em diversos conceitos que utilizamos na construção de nosso trabalho, como memória, mentalidades e História Oral.

Dessa forma temos no primeiro capítulo essa introdução. No segundo capítulo que tem por título “Cemitério: conceitos, Histórias e mentalidades”, trabalhamos a História e a conceituação dos cemitérios por meio dos autores como Fustel de Coulanges (2006) que apresenta em seu livro “A Cidade Antiga” de 1864 uma reflexão acerca de como se comportavam as primeiras sociedades greco-romanas frente aos aspectos da finitude. Dialogando com Fustel trouxemos também Philippe Ariès (2012) que faz uma historiografia da morte da idade média até os dias atuais com importantes discussões sobre ritos da morte e sepultamentos.

O cemitério como vemos hoje, no entanto, não foi instituído nos primórdios da humanidade, poucos séculos atrás os sepultamentos ocorriam dentro das igrejas. Dessa forma, construímos também nesse trabalho um debate acerca do sepultamento eclesiástico, através dos trabalhos de Ariès (2012) e Dimas dos Reis Ribeiro que nos apresenta uma construção riquíssima sobre o assunto em seu livro “Cemitérios sem Mistério: A Arte Tumular do Sul de Minas 1890 a 1925 – Região dos Lagos de Furnas” (2006).

O fim dos sepultamentos nas Igrejas e o processo de migração para os sepultamentos nos cemitérios também ganhou espaço em nosso trabalho, para tanto fizemos o uso de alguns trechos das Leis e Regulamentos da Província do Maranhão, da segunda metade dos oitocentos, que versavam sobre as proibições dos sepultamentos eclesiásticos.

No terceiro capítulo intitulado “Memórias e Percepções sobre os sepultamentos eclesiásticos em Caxias”, construímos nosso texto a partir dos sepultamentos das igrejas em Caxias e das irmandades. Para tanto lançamos mão dos trabalhos de Mendes (2011) e Oliveira (2012), duas monografias do curso de História pela Universidade Estadual do Maranhão em Caxias que fazem importantes relatos acerca da construção dos primeiros cemitérios de Caxias e das Irmandades Religiosas da cidade no século XIX.

Apresentamos também nesse terceiro capítulo, as primeiras impressões sobre nossas pesquisas realizadas com os alunos do terceiro ano do ensino médio da cidade de Caxias e com os moradores mais antigos da cidade. Além disso utilizamos do jornal “O Pharol” de 1856 como importante fonte histórica para a construção de nossa narrativa.

No quarto capítulo que tem por título “O cemitério enquanto patrimônio histórico” continuamos a explanar sobre nossas pesquisas de campo realizadas. À luz de autores como Maeda (2017) levantamos debates sobre a importância da temática morte nas escolas. Por fim, apresentamos o cemitério como um espaço de História, arte e cultura, e dialogamos com a obra de Maria Elizia Borges (2017) trabalhando os espaços cemiteriais enquanto museus a céu aberto.

Por fim, no quinto e último capítulo de nosso trabalho, com o título Cemitérios sem mistérios, construímos um diálogo entre o estudo cemiterial e a toponímia que resultou na descoberta de novos conhecimentos sobre algumas personalidades caxienses sepultadas nos cemitérios pesquisados, e sobre a cidade de Caxias. Além

disso trouxemos algumas reflexões sobre a maranhensidade, traduzida no jeito de ser do povo maranhense e que, portanto, precisa fazer parte da construção curricular na educação do Maranhão.

Ademais, fizemos a apresentação de nossa cartilha ilustrativa, o produto desta pesquisa, que foi construída por meio de fotografias feitas nos locais pesquisados, e que conta sobre o processo do surgimento dos primeiros cemitérios de Caxias, enquanto traz luz sobre o estudo cemiterial e a arte tumular.

Assim, construímos nosso texto como uma relação entre os nossos caminhos metodológicos, os espaços cemiteriais e as sensibilidades em torno da morte, de uma maneira dialógica, entendendo assim que nossos locais de estudos, são na verdade, espaços construídos socialmente pelos agentes sociais em seus cotidianos.

2 CEMITÉRIOS: CONCEITOS, HISTÓRIA E SENSIBILIDADES.

Nossa construção textual no capítulo que se segue, tem a intenção de apresentar a História dos cemitérios enquanto faz uma reflexão acerca de como as primeiras sociedades greco-romanas se comportavam frente a morte. O texto também nos apresenta uma proposta de ressignificação do espaço cemiterial, direcionando-lhe um olhar enquanto um local de estudo, de construção de saberes.

Também construímos nesse capítulo um debate sobre os sepultamentos eclesiásticos e sobre o “fim deles”, e como isso principiou o surgimento dos primeiros cemitérios em todo o Brasil, especificamente em Caxias – MA, nosso lócus de estudo. Por fim, fizemos neste capítulo também uma reflexão em torno da mudança das mentalidades, já que a força da lei obrigava a construção de novos locais de sepultamentos longe das igrejas e de tudo o que se acreditava, e explanamos sobre como as mentalidades precisaram se moldar a nova realidade, ao novo “campo-santo”.

2.1 História dos cemitérios

O presente capítulo tem por objetivo descrever a História dos cemitérios bem como os ritos que circundam a morte e o morrer na cultura ocidental. O cemitério é aqui apresentado como um local de destinação dos corpos mortos e como um espaço de expressões culturais e sensibilidades que se escrevem na história e na memória de cada povo.

Para tanto, antes de se trabalhar os conceitos e a história das necrópoles faz-se necessário o debate acerca da morte e dos ritos que a rodeiam. Fustel de Coulanges em sua renomada obra “A Cidade Antiga” de 1864 que fora construída a partir de textos de historiadores e poetas antigos, nos apresenta ritos e crenças das primeiras sociedades greco-romanas frente a finitude. Segundo o autor:

[...] não bastava confiar o corpo a terra. Era necessário ainda obedecer a ritos tradicionais, e pronunciar determinadas fórmulas. Em Plauto encontra-se a história de uma alma penada, forçada a andar errante, porque seu corpo fora lançado à terra sem o devido ritual. Suetônio conta que o corpo de Calígula, enterrado antes de se completar a cerimônia fúnebre, fez com que sua alma se tornasse errante, aparecendo a diversas pessoas, até o dia em que o desenterraram, sepultando-o novamente de acordo com as regras. Esses dois exemplos demonstram claramente o efeito que se atribuía aos ritos e fórmulas da cerimônia fúnebre. Já que sem eles as almas tornavam-se

errantes e apareciam aos vivos, era evidente que tais ritos fixavam-nas e enterravam-nas dentro dos túmulos. E assim como havia algumas fórmulas que possuíam essa virtude, os antigos possuíam outras que possuíam efeitos contrários, capazes de evocar as almas, fazendo-as sair momentaneamente de seus sepulcros (COULANGES, 2006, p. 13).

A citação acima narra casos que eram tidos como verdadeiros e que justificavam tamanha importância dos ritos fúnebres frente ao sepultamento. A crença era de que almas se tornavam errantes ou penadas quando o rito ou parte dele não era executado. É interessante também observar a importância que se dava propriamente ao sepultamento. Em outra citação da mesma obra, Coulanges versa sobre isso:

Temia-se menos a morte que a privação da sepultura, pois desta última dependia o repouso e felicidade eterna. Não nos devemos mostrar muito surpresos ao ver os atenienses matar os generais que, depois de uma vitória naval, haviam negligenciado a sepultura dos mortos[...] Por sua vitória haviam salvado Atenas, mas por sua negligência haviam perdido milhares de almas. Os parentes dos mortos, pensando nos longos suplícios a que estavam condenadas aquelas almas, apresentaram-se ao tribunal vestidos de luto, e pediram vingança. Nas cidades antigas a lei punia os grandes criminosos com um castigo considerado terrível, a privação da sepultura. Punia-se desse modo a própria alma, condenando-a a suplício quase eterno (COULANGES, 2006, p. 14).

A crença compartilhada entre estes povos era de que um corpo jamais deveria deixar de ser sepultado seguindo todos os devidos ritos, já que não seria correto tirar do morto o direito ao repouso e a felicidade eterna que somente seriam encontrados na sepultura. Os cuidados ao morto, no entanto não paravam por aí, era comum que comidas, bebidas e animais ou escravos sacrificados fossem ofertados ao morto em momentos oportunos que poderiam ser quando dos sepultamentos ou depois dele. “A criatura que vivia debaixo da terra não estava tão livre de sua condição humana para não ter necessidade de alimentos. Assim, em determinados dias do ano, levava-se uma refeição a cada túmulo” (COULANGES, 2006).

Em sua obra Fustel de Coulanges prossegue com relatos a cerca desses ritos que compreendiam desde libações³ de leite, vinho e mel nos túmulos, até o depósito de comidas que eram feitos em buracos cavados nas sepulturas destinados a “alimentar” os mortos. Junto ao ato de depositar comidas e bebidas faziam-se preces

³ Ato de derramar água, vinho, sangue ou outros líquidos com finalidade religiosa ou ritual, em honra a um deus ou divindade.

e orações que compunham o rito anual de convidar o morto a comer e beber. Segundo ao que se acreditava o morto que nada recebia era condenado a fome perpétua.

Essas crenças logo deram lugar a regras de conduta. Desde que o morto tinha necessidade de alimento e de bebida, pensou-se que era dever dos vivos satisfazer às suas necessidades. O cuidado de levar alimentos aos mortos não foi abandonado ao capricho, ou aos sentimentos mutáveis dos homens; era obrigatório. Estabeleceu-se desse modo uma verdadeira religião da morte, cujos dogmas logo se reduziram a nada, mas cujos ritos duraram até o triunfo do Cristianismo (COULANGES, 2006, p. 16).

Os mortos foram assim durante muito tempo considerados criaturas sagradas, santos, deuses. Eram dignos de oferendas, cultos e adoração. E foram a base para as primeiras crenças do homem no sobrenatural, no invisível. Para Fustel a religião dos mortos foi a mais antiga entre os homens.

A morte foi e é objeto de estudo de muitos autores, que se conversam mesmo quando falam sobre aspectos diferentes da morte e do morrer. Philippe Ariès um outro estudioso da morte nos ajuda a construir conhecimentos complementares aos trabalhos de Fustel de Coulanges, ele por sua vez fez de sua obra “História da Morte no Ocidente” uma construção historiográfica extremamente relevante acerca do assunto. No seu texto o autor relata aspectos que figuram desde as atitudes diante da morte até as mudanças de comportamentos das sociedades com o passar dos séculos frente ao morrer. Para Ariès,

A morte deixou de ser o esquecimento de um eu vigoroso, mas sem consciência ou a aceitação de um Destino formidável, mas sem discernimento. Tornou-se o lugar onde as particularidades de cada vida, de cada biografia, aparecem no grande dia da consciência clara, quando tudo é pesado, contado, escrito, quando tudo pode ser mudado, perdido ou salvo (ARIÈS, 2012, p. 99).

Philippe Ariès (2012) conta a história da morte da idade média até os dias atuais, passando por leituras distintas que os homens faziam desse fenômeno nos diferentes períodos em que viviam. Sua escrita relata construções diversas nos mais diferentes aspectos relacionados com os ritos de despedida, o sepultamento que faz parte desse rito, é por vezes assunto central de sua obra.

Não estaremos muito longe da verdade se dissermos que na Roma antiga cada indivíduo, às vezes mesmo um escravo, tinha um local de sepultura (lóculos) e que este local era frequentemente marcado por uma inscrição. As inscrições funerárias são inumeráveis. São geralmente numerosas no começo da época cristã. Significam o desejo de conservar a identidade do túmulo e a memória do desaparecido. Por volta do século V tornam-se

escassas, desaparecendo com certa rapidez, segundo a localidade (ARIÈS, 2012, p. 62).

O autor trás relatos constantes sobre as características dos sepultamentos durante a construção dos fatos históricos de sua obra: “a partir do século XII - e, às vezes, um pouco antes - reencontramos as inscrições funerárias que haviam quase desaparecido durante 800 a 900 anos” (ARIÈS, 2012). O que significa dizer que o hábito perdido de registrar nos túmulos informações sobre o morto, voltou a ser frequente, como podemos observar atualmente.

Para tanto temos no cemitério a construção central de nossa temática. Derivado do termo latino *coemeterium*, o cemitério tem em seu significado o lugar para dormir. E é partindo desse pressuposto que construímos o debate que se segue.

Nas mais diversas crenças o morto sempre teve um local destinado, mesmo que não tenha sido o cemitério como conhecemos hoje. Uma grande prova disso são as pirâmides do Egito, consideradas atualmente uma das maiores maravilhas do mundo. Ainda hoje existem vários questionamentos quanto à forma que essas pirâmides foram construídas, mas a intenção era clara, servir como túmulo para os Reis do Egito, na esperança de que eles pudessem se encontrar com os deuses. “Cada pirâmide era acompanhada por um complexo de edifícios, erguidos para servir ao culto do rei falecido e sanar suas necessidades na vida após a morte” (TIRADRITTI, 2000, p. 31).

Uma construção majestosa e que tinha uma função simples: enterrar seus mortos. Mas não todos os mortos. Ter lugar numa pirâmide era para poucos. No entanto, diversos critérios para identificar quem merecia ou não um túmulo memorável, poderiam ser utilizados nas mais diversas civilizações.

Os deuses do antigo Egito, representados por animais, também morriam. Os egípcios acreditavam que esses animais eram reencarnações divinas, por isso os enterravam em cemitérios e túmulos especiais, com os mesmos cuidados dispensados aos faraós. Existem túmulos para gatos, touros, carneiros, crocodilos, todos eles deuses. Em 1850 encontrou-se um cemitério para os deuses-touros Ápis, do tempo de Ramsés II (1279-1212 a.C.). Em um dos túmulos havia um corredor de 300 metros com câmaras mortuárias de centenas de touros Ápis, construídas em granito negro e rosa, esculpidos em um só bloco de 3 metros de altura por 2 de largura e 4 de comprimento. Atualmente estes cemitérios são atrações turísticas (CHIAVENATO, 1998, p. 12).

No entanto, a sociedade atual define o cemitério como o local central do descanso eterno do falecido e das últimas orações e recomendações. Entretanto, este como conhecemos, há poucas gerações era diferente.

No ocidente católico, até o início do século XIX, era comum a prática de sepultamentos dentro das igrejas. “A Igreja dava-lhes, pois, segurança contra o demônio, ao qual muitas vezes se associavam, com a firme intenção de lográ-lo”, mas a partir daí, médicos e higienistas travaram uma verdadeira batalha para mudar os costumes e a mentalidade inerente a ela, demonstrando os prejuízos causados pelos sepultamentos dentro das igrejas: mau cheiro, infecções e epidemias (RIBEIRO, 2006, p. 38).

O hábito de ser sepultado nas igrejas perdurou durante séculos e dizia muito sobre a sociedade em que estava inserido.

Para abreviar, diremos que, na Idade Média, enterrava-se *ad sanctus*, ou seja, o mais perto possível dos túmulos dos santos ou de suas relíquias, em um espaço sagrado que compreendia ao mesmo tempo a igreja, seu claustro e suas dependências. A palavra *coemeterium* não designava necessariamente o lugar reservado aos enterros, mas o *azylus circum ealesiam*, ou seja, toda a circunvizinhança da igreja que se beneficiava do direito de asilo. Faziam-se enterros em todos os lugares dessas circunvizinhanças, dentro da igreja e à volta dela, nos pátios, atrium - e nos claustros, que tomaram o nome de carneiros e tornaram-se os cemitérios no sentido estrito que conservamos hoje (ARIÈS, 2012, p. 188).

Quanto mais próximo de altar ou de imagens sagradas fosse sepultado o falecido, maiores chances ele teria de ser recebido aos céus. Essa crença transformou algumas igrejas europeias em verdadeiros mausoléus que acumulavam uma enorme e crescente quantidade de corpos e restos mortais espalhados por suas naves centrais, pátios e carneiros. Entretanto é importante ressaltar que nessa época por ser de responsabilidade da igreja a destinação dos corpos, nelas só eram sepultados cristãos católicos, sendo algumas exceções indigentes.

No entanto, mesmo que tendo sido por muito tempo, o hábito de se sepultar dentro das igrejas fez parte da história recente dentro da História da humanidade.

O primeiro rito funerário de que se tem notícia aconteceu há 300 mil anos, na atual Espanha — o que quer dizer que, quando nossa espécie surgiu, os ancestrais já tinham conhecimento da inevitabilidade da morte. O rito, coletivo, enterrou 32 corpos num poço dentro de uma caverna, com 14 metros de profundidade. O local deve ter sido escolhido para garantir que os defuntos ficariam a salvo de animais carniceiros. A partir daí, cada civilização passou a enterrar seus mortos de acordo com a cultura e a religião. Os egípcios, por exemplo, mumificavam os faraós e os enterravam com pompas em pirâmides. Falecidos do povão eram colocados em um buraco no chão e cobertos com um manto de fibra natural — ou até um jarro (LOBARDO, 2019).

O fato é que houve uma motivação para se enterrar dentro das igrejas em determinado momento da História, e houve uma outra para se parar. As questões higiênicas foram fundamentais nessa decisão. Alguns médicos higienistas foram os

primeiros a alertar sobre a maledicência dos cheiros cadavéricos, que segundo eles podiam transmitir doenças. A partir de então a igreja deixou de ser o destino dos corpos mortos e passou-se sepultar categoricamente nos cemitérios. No Brasil isso ocorreu por força de mandado régio, quando em 1801, D. João VI escreveu uma carta régia proibindo a realização de enterros dentro dos limites urbanos das cidades.

Esta Carta Régia, do Príncipe Regente D. João VI, além de proibir os sepultamentos dentro das igrejas, também combatia todo tipo de sepultamento dentro dos limites das cidades. Tal lei foi resultado dos inúmeros conselhos dados pelos higienistas, que ainda orientavam que os cemitérios deveriam ser construídos em locais afastados das cidades e que fossem amplos o suficiente para que, quando as sepulturas fossem abertas, os cadáveres já tivessem sido consumidos (RIBEIRO, 2006, p. 38).

Com essa proibição, as Dioceses e paróquias responsáveis pelos cemitérios aos arredores das igrejas, foram pela primeira vez sinalizadas quanto ao processo que aconteceria tempo depois, o da secularização dos cemitérios, onde teriam que transferir a administração de suas necrópoles para o poder público. Mas no primeiro momento ocorreu o contrário. Como o poder público em alguns casos não tinha condições de construir os cemitérios que eram necessários, ele concedeu parte ou a totalidade da administração deles para as irmandades. As irmandades trabalhavam para seus associados, que contribuía financeira e regularmente, a fim de que pudessem usufruir dos rituais proporcionados por essas associações religiosas que incluía inclusive os ritos de morte e de despedida.

Quanto ao processo de transferência dos sepultamentos das igrejas pros cemitérios que deveriam ser realizados em todo o país, cada Província é quem determinava como esse processo aconteceria. Ocorreu que cada cidade precisou arcar com a construção do seu próprio cemitério, o que ocasionou em processos diferentes e cheios de particularidades de cada município brasileiro.

[...]as Câmaras Municipais estiveram à frente do processo de transição dos enterramentos das igrejas para os cemitérios extramuros. Desde 1828, por meio da “lei imperial de estruturação dos municípios”, as municipalidades passaram a ser responsáveis por algumas instituições que serviam ao bem público como as escolas, hospitais, cadeias e cemitérios. Por outro lado, a lei também determinava que as municipalidades deviam zelar pelo ordenamento e saneamento das cidades. Nesse sentido, a construção e administração dos cemitérios públicos ficaram a cargo do poder municipal (ROSA, 2018, p. 79).

Esse fenômeno que culminou no surgimento dos primeiros cemitérios do país tem grande importância histórica pois reflete em diversos aspectos da história de cada povo. Pode inclusive trazer grandes contribuições para as mais diversas áreas em que

se possam ater estudos, já que aspectos sociais, culturais e econômicos desses eventos podem ser analisados e estudados. É importante que ao se fazer análises acerca dos estudos cemiteriais e dos ritos da morte, que se construa um diálogo sobre como cada sociedade lidava com esses assuntos, principalmente porque todo povo expressa sua cultura de diferentes maneiras, e suas práticas culturais é que determinam suas crenças e seus costumes. O fato é que são as relações sociais as responsáveis pela construção das diferentes visões humanas acerca da morte.

“A clareza que deve se ter hoje na compressão da morte é que ela é social e culturalmente construída. A morte é real, fatídica, mas tudo que dela resulta, seja celebrações, sepultamentos, manifestações familiares são produtos sociais” (ULIANA, 2018, p. 20).

É a sociedade no emaranhado de suas vivências que produz dentro de sua cultura as relações culturais, históricas, sociais e econômicas, e são essas relações que se traduzem em costumes e ritos que devem ser levados em consideração no estudo de cada povo para a construção de suas práticas educacionais, sobretudo porque é a partir do diálogo entre cultura e educação que se é possível a elaboração de conhecimentos a respeito da sociedade, de sua comunidade, e dos outros sujeitos que a compõem.

Moraes (1997) versa sobre isso quando diz que “a educação é um diálogo aberto do indivíduo consigo mesmo, com os outros e com os instrumentos oferecidos pela cultura e pelo ambiente”. E é nesse aspecto que Morte e Educação se conversam, quando a realidade e a vivência do povo dialogam com as práticas educativas dentro e fora da sala de aula, inclusive quando esse debate se estende as práticas culturais realizadas pelos seres humanos nas suas relações uns com os outros e na sua relação com o mundo. É a História Cultural que estuda questões como essas e se dedica exatamente a pesquisas e representações de dada cultura em determinado período e lugar.

Barros (2003) emprega em seus trabalhos “a História Cultural como um dos enfoques possíveis para o historiador que se depara com uma realidade social a ser decifrada”, e a coloca como protagonista no estudo das questões da cultura.

O fato é que diversas expressões culturais tendem a ser manifestadas em toda sociedade das mais diferentes formas, e cada uma delas quando da necessidade de estudo, precisam ser observadas nas suas singularidades e particularidades para que o conhecimento possa ser absorvido e difundido com maior afinco.

Aqui a educação se apresenta como um meio para se debater a História dos cemitérios com as expressões culturais de um povo. E é esse olhar da educação que faz com que práticas culturais e educacionais possam ser escritas e estudadas enquanto vividas.

2.2 Ressignificando os cemitérios.

Os cemitérios como locais de despedida e de descanso eterno há muito são conhecidos. Mas fixemos aqui nele o olhar como um espaço de aprendizado e de construção de saber. Para Rosa (2019) “o cemitério é, antes de tudo, um espaço social de memória. Nele são depositados corpos que representaram todo um valor simbólico para a sociedade à qual pertenceram”. Assim, temos no cemitério um espaço de grande valor simbólico para a sociedade, já que de maneira geral, é ele o local de descanso eterno de todos aqueles que amamos e conhecemos.

As construções culturais determinam nossos hábitos e nossos costumes que perduram por gerações ou se reinventam de acordo com a realidade em que a sociedade está inserida. Por meio delas nascem e morrem crenças que se refletem na vivência das pessoas e que determinam aspectos coletivos que são compartilhados como obrigações sociais ou crenças. O culto aos mortos junto com o cemitério, se apresentam como espaços de construções de memória, de saberes e sensibilidades, e se encontram em uma situação de indivisibilidade da vida humana.

Não apenas corpos, a sociedade deposita nos cemitérios a saudades e a esperança do suposto reencontro futuro. Talvez por isso, é um lugar que também pode aguçar o faro do historiador, pois possibilita o encontro com as sociedades passadas, com as suas formas de ver o mundo, com a sua cultura e sua memória (ROSA, 2019, p. 22).

Muito do que pode ser contado pelas sociedades não chega aos livros de história, tem-se que nos cemitérios um espaço de histórias não contadas, muitas que jamais serão, outras, que estão registradas em túmulos, em lápides ou em capelas podem ainda emergir como conhecimentos e aprendizados para as sociedades contemporâneas.

Apesar desta aparência melancólica, os cemitérios, principalmente os mais antigos, são verdadeiras galerias de arte a céu aberto, guardam obras de valor inestimável. Existem milhares de obras arquitetônicas e esculturais de valor histórico e qualidade estética inegável[...] Nos cemitérios mais antigos, é comum encontrarmos trabalhos de artistas célebres abrigando os restos de

anônimos abastados. Em alguns casos, os mausoléus são as maiores obras de arte, alvos de visita e turismo (FILHO, 2005, p. 33).

E o turismo dá nova cara ao cemitério. Esse movimento na verdade é um reconhecimento para um espaço cheio de arte, de cultura e de História, o que principia uma mudança na forma de se olhar o espaço cemiterial.

O fato é que em determinado momento o cemitério passou a ser olhado propriamente como um objeto de estudo. Essa mudança de perspectiva então, teve como consequência o surgimento de novos conceitos como a arte tumular por exemplo.

A Arte Tumular teve seu início na Idade Média, também conhecida como “Idade das Trevas”, um rico cenário para a proliferação da cultura gótica com seus castelos medievais, o misticismo dos rituais pagãos, a forte influência religiosa e o conflito do ego humano. Na Segunda metade do século XIX, com a necessidade de eternizarem-se perante a sociedade, os europeus faziam dos seus túmulos um símbolo de prosperidade junto aos seus compatriotas, confeccionados por artistas famosos, especialmente para adornar a morada definitiva (FILHO, 2005, p. 34).

A arte tumular adquiriu assim a função de eternizar a morada eterna do falecido com arte expressa nos detalhes. Cruzes, anjos, santos, flores e coroas tornaram-se adereços constantemente presentes nos túmulos ou mausoléus que se seguiam. Cada um com seu devido significado individualizado que dava identidade a sepultura.

Além disso os cemitérios passaram a ter relações com a sociedade construídas por aspectos socioeconômicos que se tornaram fundamentais para determinar a localidade em que as pessoas seriam sepultadas dentro das necrópoles. O poder aquisitivo se mostrou então determinante. Quem podia pagar mais teria os melhores lugares reservados dentro dos cemitérios para sua família, o que significa dizer que o cemitério passou a ser o lugar de expressar também riqueza e influência.

Os símbolos e objetos colocados nos túmulos fazem parte da cultura humana desde os primórdios, pela necessidade que o homem tem de manter viva a imagem do seu semelhante morto e, no caso das pessoas mais abastadas, a necessidade de monumentalizar-se perante a sociedade. Através do significado de cada símbolo podemos expressar ou exteriorizar os diversos sentimentos com relação à morte e àquele que ali se encontra sepultado (FILHO, 2005, p. 57).

No cemitério podem ser encontrados vários atributos para estudos da arte, da morte e da religiosidade que tem a capacidade de construir diversos conhecimentos

acerca da memória e da história. Assim o local de despedida e de morada eterna se ressignifica como um espaço de construção de conhecimento.

Os cemitérios são locais transculturais, que agregam visualidades diversas. Estes espaços conjugam formas de representação que estão ligadas à cosmovisões de contextos históricos, ideológicos, sociais e econômicos distintos, interpretando a vida e a morte. Tais interpretações comunicam um universo simbólico e narrativo, traduzido nas formas escultóricas, nos estilos arquitetônicos, nas pinturas, azulejaria, dentre outros (BORTULUCCE, 2017, p. 602).

O cemitério então passou a ser de maneira definitiva o local onde as homenagens se erguem e se eternizam. Mesmo com a mudança cultural que se instalou no último século, inspirada pelos cemitérios jardins que se popularizaram na cultura norte americana, grande parte dos túmulos no Brasil ainda são moldados com a intenção de homenagear os sepultados e de comunicar as futuras gerações parte da história daqueles que ali se encerram.

Como citado anteriormente, os cemitérios são considerados museus a céu aberto, e para tanto precisa ser tratado como tal. Maria Elizia Borges, grande estudiosa da área cemiterial cita alguns passos da museologia funerária em sua obra “Um olhar sobre o espaço da morte” (2017) quando diz que:

Um dos primeiros passos da museologia funerária visa inventariar, preservar e restaurar os cemitérios, procedimento que já vem sendo consolidado em vários deles, localizados em países da Europa, da América Latina, inclusive no Brasil, e nos Estados Unidos. Outro passo é o desenvolvimento de ações educativas que visam sensibilizar a comunidade para a preservação desses patrimônios culturais, tornando-os “museus a céu aberto”, “lugares de memória” e locais da cidade que se renovam constantemente. Incluímos, entre essas ações educativas, as visitas guiadas, as atividades culturais e artísticas e as programações educacionais realizadas *in loco* (BORGES, 2017, p. 13-14).

Assim, a autora explana de forma clara sobre como um cemitério deve se preparar para trabalhar sua museologia. Eis aqui a contenta tradução da ressignificação dos cemitérios, que passam a receber além de sepultamentos, visitas guiadas e atividades culturais. O que traz à tona a importância da educação nesse processo, afinal é por meio dela que se organizam as iniciativas para a transformação dos cemitérios em espaço de construção de saber.

Muitos cemitérios, tanto os de administração pública quanto privada, contam com pesquisadores e associações que lhes dão suporte teórico para a realização de ações educativas que propõem trazer a comunidade do seu

entorno para dentro do cemitério, convertendo-o em um centro de aprendizagem e vivência de crianças, jovens, adultos e idosos (BORGES, 2017, p. 14).

O que faz desses cemitérios verdadeiros espaços de vivência e conseqüentemente de saber para a toda a comunidade, incluindo a acadêmica. Assim tem-se a intenção de que a aprendizagem se construa em um espaço que sempre fora embebido pelo luto, pela dor e pela despedida. Ressignificar o cemitério é também abrir portas para o saber e para a cotidianidade da finitude que aqui já não cabe mais ser somente enlutada, mas também refletida e contemplada como o processo humano e natural que é.

2.3 O surgimento dos primeiros cemitérios de Caxias

Caxias é uma cidade do interior do Maranhão com aproximadamente 166 mil habitantes de acordo com o censo de 2021. É a quinta maior cidade do Estado e uma das mais antigas, com 185 anos.

A história de Caxias começa, no século XVII, com o Movimento de Entradas e Bandeiras ao interior maranhense, para o reconhecimento e ocupação das terras às margens do Rio Itapecuru, durante a invasão francesa no Maranhão, principalmente, com o trabalho valoroso dos missionários religiosos em busca de almas para a fé cristã. O local onde se acha situada a bela cidade de Caxias foi, primitivamente, um agregado de grandes aldeias dos índios Timbiras e Gamelas que conviviam pacificamente com os franceses. Porém, com a expulsão dos franceses do Maranhão, em 1615, os portugueses reduziram tais aldeias à condição de subjugadas e venderam suas populações, como escravos, ao povo de São Luís. Várias denominações foram impostas ao lugar, dentre as quais: Guanaré – denominação indígena -, São José das Aldeias Altas, Freguesia das Aldeias Altas, Arraial das Aldeias Altas, Vila de Caxias e, finalmente, através da Lei Provincial, número 24, datada de 05 de julho de 1836, fora elevado à categoria de cidade com a denominação de Caxias. Foi na Igreja de São Benedito que, em 1858, o antístite da Igreja Maranhense, Dom Manoel Joaquim da Silveira, denominou Caxias com o título: “*A Princesa do Sertão Maranhense*” (CARVALHO, 2017).

“A Princesa do Sertão Maranhense” como ficou conhecida, protagonizou junto com outras cidades da região a Guerra da Balaiada⁴ entre os anos de 1838 e 1841, um dos mais emblemáticos e sangrentos conflitos do país.

⁴ A Balaiada foi uma revolta popular ocorrida na província do Maranhão, entre 1838 e 1841. Seu nome se referia aos balaios, cestos fabricados na região. As classes menos favorecidas estavam insatisfeitas com a situação precária vivida e não toleravam mais os desmandos dos líderes locais que governavam a província de forma autoritária. Os revoltosos entraram em combate contra as tropas do governo central e foram derrotados. O então coronel Luís Alves de Lima e Silva, futuro duque de Caxias, liderou as tropas que derrotaram definitivamente a revolta.

Além da importância histórica, a cidade possui muitas construções dos séculos XVIII e XIX, como as Igrejas de Nossa Senhora do Rosário dos Pretos e a de São Benedito. Ambas as Igrejas carregam anos de devoção e histórias compartilhadas com o povo da Cidade; dentro delas centenas de celebrações foram feitas, e muitos sepultamentos realizados, tanto dentro das Igrejas quanto em seus pátios ou quintais, já que todo cristão deveria ser sepultado na casa do Senhor.

Entretanto a partir do início dos anos oitocentos essa prática precisou mudar. Dom João VI em 1801 através de uma carta regia, determinou que o Brasil inteiro começasse um processo de higienização. Todos os centros urbanos precisaram se organizar e oferecer condições mínimas de higiene e salubridade para a população, já que de acordo com os médicos da época a incidência de várias epidemias se devia a falta de higiene da população em diversos aspectos, desde o local correto para descartar o lixo, que por vezes se acumulava nos centros da cidade favorecendo a proliferação de pestes, até a inumação dentro das igrejas e próxima aos centros urbanos, que era prejudicial à saúde da população, já que de acordo com as afirmações médicas os vapores cadavéricos eram grandes causadores de doenças que se proliferavam pelos ares.

No entanto, apesar da proibição de sepultamentos dentro das Igrejas, os cemitérios ainda levariam tempo para serem construídos, por conta disso, durante um considerável período, foram permitidas inumações nas igrejas desde que elas seguissem os mínimos critérios:

Art. 123. Os corpos, que e quanto se construírem os cemitérios, forem sepultados nas igrejas do município, deverão ficar debaixo da superfície da terra pelo menos sete palmos, sendo além disso as sepulturas muito bem socadas. – Aos contraventores, inclusive os sacristães e fabriqueiros a multa de 20 mil reis, e o duplo na reincidência (LEIS E REGULAMENTOS DA PROVÍNCIA DO MARANHÃO. LEI N. 338, de 23 de dezembro de 1853, p. 91-92).

A partir dessa citação, no entanto, é possível perceber que o processo de transferência dos sepultamentos das igrejas pros cemitérios que foi orientado em 1801 com a carta régia, ainda não fora concluído em meados de 1853 em muitas cidades do Maranhão, inclusive em Caxias, essa só teve o primeiro cemitério inaugurado no ano de 1861. Até lá, os sepultamentos continuaram sendo realizados dentro das igrejas.

Inclusive depois de 1861 muitos sepultamentos ainda foram realizados dentro das igrejas, já que havia uma resistência por uma parte considerável da população de

mudar os locais de sepultamento. As irmandades de cidade então, responsáveis pelos ritos da morte da população católica foram responsáveis pela construção dos primeiros cemitérios da cidade, e constituíram no sepultamento nas necrópoles um processo também cheio de religiosidade.

A intenção era de que as irmandades pudessem proporcionar aos seus irmãos, uma “boa morte”, no entanto a partir da Lei nº 509 de 27 de julho de 1858, (que autorizou a construção de um cemitério à irmandade de Nossa Senhora dos Remédios em Caxias) parte dessa responsabilidade mudou,

Nelle serão sepultados não só os irmãos que falleceram e os membros de sua família, na forma do seu compromisso, como também os cadáveres de outras pessoas, que pra elle possão ser conduzidos, sujeitando-se os seus parentes á satisfação da quantia, que para isso for estipulada nos respectivos estatutos (LEIS E REGULAMENTOS DA PROVÍNCIA DO MARANHÃO, p 143).

Assim, a irmandade assumindo a responsabilidade de construir e manter um cemitério, teria a incumbência de garantir um sepultamento para todos, independente da religião do falecido, bem como para os indigentes, já que agora os cemitérios faziam parte da gestão municipal e estavam secularizados, ou seja, não era mais um local de sepultamento somente de cristãos católicos como fora nas igrejas. “Em Caxias, o enterro desses indigentes era feito pela Irmandade das Santas Almas. Na metade do século XIX, foram criadas a Irmandade de São Benedito e Irmandade de Nossa Senhora dos Remédios” (NETO, 2015).

Com a necessidade de construção dos cemitérios de Caxias essas mesmas irmandades foram as primeiras a se organizarem para construir seus cemitérios. O cemitério de Nossa Senhora dos Remédios, teve seu benzimento no dia 14 de junho de 1862, o que significa dizer que nessa data ele já estava pronto para uso.

A irmandade de São Benedito concluiu seu cemitério 1 ano antes. “Essa irmandade, com o apoio dos devotos e do poder público municipal, começou a construir o seu cemitério em 1858. Em 1861 o cemitério São Benedito já estava benzido e pronto para receber os mortos de Caxias” (NETO, 2015).

Com seus dois cemitérios construídos Caxias passou então a atender as Leis que determinavam o fim dos sepultamentos nas Igrejas, mesmo que este ato ainda fosse realizado em algumas condições especiais com o pagamento de multas ao Governo, ou quando do falecimento de algum membro do clero. Os cemitérios de São Benedito e Nossa Senhora dos Remédios passaram a ser os novos espaços da

morada eterna da população caxiense, e com centenas de anos de existência refletem no tempo a cultura e a crença de seu povo.

O fim dos sepultamentos nas igrejas se escreveu na história gerando rupturas em costumes e credos que existiam a gerações, mas também possibilitaram o surgimento de novos ritos e novas expressões culturais acerca de como a sociedade se despede de seus mortos. Os melhores lugares nas igrejas que eram destinados a que podia pagar mais, foram substituídos pelos mais suntuosos e ornamentados túmulos que agora expressavam em sua arte tumular todo o poderio econômico do falecido. Se por um lado ritos seculares foram suplantados pela força da lei, por outro, novas expressões culturais se estabeleceram provando que a história e a cultura se escrevem juntas e refletem as crenças e os valores de cada povo que contam sua história sobretudo quando produzem sua cultura.

2.4 A mudança e as mentalidades

A motivação para o surgimento dos primeiros cemitérios no Brasil veio em forma de leis que determinavam a obrigatoriedade para o fim dos sepultamentos nas Igrejas e o começo das inumações nos cemitérios fora da cidade. No entanto tais leis não representavam o desejo e a crença dos povos daquela época, até porque uma ruptura tão repentina com uma tradição secular tão forte no imaginário religioso reforçava as dificuldades de aceitação da população, que era rica de ritos e costumes quanto ao processo de despedida de seus mortos.

O processo de transferência dos sepultamentos no Brasil que se iniciou a partir da carta régia de Dom João VI ainda em 1801, demorou mais de 50 anos para ser concluído em algumas cidades, como Caxias por exemplo que só inaugurou o seu primeiro cemitério em 1861. Tal demora nesse processo se deu por diversos motivos, que vão desde dificuldades financeiras das cidades em arcar com a construção de um cemitério, até a resistência de grande parte da população em aceitar essa nova imposição. Afinal, a questão não era somente mudar os locais de sepultar dos mortos, era também tirar deles o direito de descansar no “espaço sagrado”, espaço este que fora usado por muitas gerações anteriores, e que correspondia dentro de sua religiosidade ao local mais próximo de Deus possível. No Brasil daquela época então

construía-se um impasse que resultaria em anos de resistência, ou em alguns casos, em revolta, como a Cemiterada que ocorreu na Bahia.

Extraordinário acontecimento teve lugar na Bahia do século passado: uma revolta contra um cemitério. O episódio, que ficou conhecido como Cemiterada, ocorreu em 25 de outubro de 1836. No dia seguinte entraria em vigor uma lei proibindo o tradicional costume de enterros nas igrejas e concedendo a uma companhia privada o monopólio dos enterros em Salvador por trinta anos. A Cemiterada começou com uma manifestação de protesto convocada pelas irmandades e ordens terceiras de Salvador, organizações católicas leigas que, entre outras funções, cuidavam dos funerais de seus membros (REIS, 1991, p. 13).

João José dos Reis, autor do livro “A morte é uma festa” (1991) faz em sua obra relatos sobre a Cemiterada. Segundo o autor, a revolta que começou de forma pacífica, terminou com a o apedrejamento do escritório da empresa responsável pela administração do cemitério, e com a quase completa destruição do mesmo. Para as pessoas daquela época o cemitério principiava a destruição da igreja católica e das crenças das quais eles acreditavam.

Uma revolta como essa, que ia na contramão das recomendações dos médicos higienistas sobre a necessidade de se encerrar o sepultamento nas igrejas, dizia muito sobre a sua população. O cemitério fora concebido como uma solução para os problemas dos odores cadavéricos que seriam causadores de doenças, conforme se acreditava na época, portanto, teria a função de melhorar a qualidade da vida das pessoas. O fato é que as mentalidades não mudam na mesma velocidade que a implantação de uma lei, ou a construção de um cemitério.

Para José D’Assunção Barros (2019, p. 96) a “História das Mentalidades estuda o mundo mental e os modos de sentir”. Das mentalidades, aos sentimentos e crenças. Proibir os sepultamentos nas igrejas, é mexer com o imaginário das pessoas e suas religiosidades. A questão é que o cemitério mesmo legitimado em função da lei, ainda não fora legitimado frente ao ponto de vista simbólico.

Bourdieu (2011) traz luz sobre o poder simbólico quando diz que:

O poder simbólico com poder de constituir o dado pela enunciação, de fazer ver e fazer crer, de confirmar ou de transformar a visão do mundo; poder quase mágico que permite obter o equivalente daquilo que é obtido pela força (física ou econômica), graças ao efeito específico de mobilização, só se exerce se for reconhecido, quer dizer, ignorado como arbitrário. Isso significa que[...] o que exercem o poder e os que lhe estão sujeitos, quer dizer, isto é, na própria estrutura do campo em que se produz e se reproduz a crença (BOURDIEU, 2011, p. 14-15).

Assim, o poder simbólico seria a forma de poder capaz de legitimar os cemitérios enquanto novo espaço sagrado de sepultamento dos mortos. Dessa forma, a Igreja mesmo tendo sua grande resistência frente a construção dos cemitérios, precisava lidar com o fato de que novas mentalidades e simbologias deveriam ser construídas.

[...]foi definida desde a lei de 1º de outubro de 1828, que, ao dar nova ordem às atribuições das câmaras municipais, determinava, no parágrafo 2º do artigo 66, que o estabelecimento dos cemitérios fora do espaço dos templos fosse feito 'com a principal autoridade eclesiástica do lugar'. Daí que os novos locais de sepultamento eram comumente chamados de 'campos santos'. Além disso, mesmo sendo públicos, os novos cemitérios eram destinados exclusivamente aos de culto católico. Portanto, para a Igreja, os novos locais de enterramento, mesmo distantes dos templos religiosos, deveriam manter-se como sagrados (COE, 2008, p. 108-109).

Construiu-se assim o rito sagrado do benzimento dos cemitérios antes de sua inauguração. O ato de benzer tinha a incumbência de tornar o espaço sagrado, o que significaria dizer que eles se transformavam em "campos santos". Outro fator que representava a continuação da influência da Igreja frente aos ritos de finitudes diz respeito as capelas que ficavam dentro dos cemitérios, estas também deveriam ser concebidas antes da abertura deles. O fato é que cada cemitério deveria ter a sua para que fosse utilizada como espaço para os ritos finais antes do sepultamento, o que também significava a influência da Igreja que vinculada aos ritos de morte, estendia seu poderio ao cemitério.

Entretanto os alertas dos médicos higienista eram urgentes e constantes. Mesmo que os cemitérios começassem a ser construídos, os sepultamentos que ainda ocorressem nas Igrejas deveriam seguir determinadas recomendações e cuidados para evitar a proliferação de doenças, sobretudo se tratando das sepulturas que eram constantemente abertas para os sepultamentos de novos corpos sem esperar que o processo de decomposição do anterior tivesse sido concluído. Como reflexo dessas preocupações seguiam se leis que determinavam de que forma e em que condições os sepultamentos nas Igrejas ainda poderiam ser permitidos.

Art. 126. Nenhuma sepultura em que tenha sido enterrado algum cadáver, será aberta, sem que tenha decorrido o praso de dous anos, contados do assento exarado no respectivo livro do número das sepulturas, que necessariamente deve existir em todas as igrejas, e logares nos quaes se fizerem enterramentos de corpos, salvo o caso de ser a abertura determinada pela autoridade competente. Aos contraventores multa de trinta mil reis, e oito

dias de prisão (LEIS E REGULAMENTOS DA PROVÍNCIA DO MARANHÃO, de 30 de setembro de 1846. p. 91-92).

Essa lei de setembro de 1846 da Província do Maranhão retratava a preocupação com os sepultamentos realizados dentro das igrejas e a urgência para que estes fossem encerrados. O fato é que fora somente pela força da lei que as recomendações dos higienistas foram colocadas em prática. As cidades do Brasil precisaram de várias décadas até que tivessem condição de cumprir as determinações de encerrarem os sepultamentos dentro das igrejas. Mudar os sepultamentos para os cemitérios era tirar dos cristãos católicos mais do que um túmulo dentro ou nas proximidades da igreja, era também tirar deles o direito de exercerem a sua fé.

Com o cemitério secularizado, a importância moral e religiosa do morto ficou diminuída. A instituição da necrópole com suas implicações – o morto, os funerais – reduziu-se a uma simples medida de higiene coletiva, o que certamente não estava no espírito dos seus primeiros inspiradores[...] A Igreja, que prendia o cidadão no triângulo existencial do batismo litúrgico, começou então a viver o declínio de seu domínio sobre o ritual fúnebre (BORGES, 2017, p. 180-181).

Dessa forma algumas crenças e ritos que se seguiram por séculos não puderam mais ser realizados, o que significa dizer que as mentalidades foram confrontadas e reconstruídas frente a nova realidade. Se apresentou assim, nesse contexto do surgimento dos primeiros cemitérios do Brasil, a arte tumular, como uma maneira de expressar a fé e ritualizar a morte e a despedida. Se já não era mais permitido sepultar os entes queridos na igreja como fora durante muito tempo o costume, então seria propriamente no túmulo do falecido que toda a fé seria expressa através de crucifixos, anjos, coroas, santos e todos os demais símbolos que pudessem ser utilizados.

Do confronto entre as leis de proibição dos sepultamentos nas igrejas e as mentalidades, surgiram novas crenças e ritos que mesmo após um século de existência ainda se mantêm, e se ressignificam. O cemitério que fora de responsabilidade da Igreja por muito tempo hoje já é mais democrático e ecumênico, o que reflete na morada dos mortos, a realidade e as crenças dos vivos.

3 MEMÓRIAS E PERCEPÇÕES SOBRE OS SEPULTAMENTOS ECLESIASTICOS EM CAXIAS

No terceiro capítulo damos destaque aos sepultamentos nas igrejas em Caxias, sobre como o católico tinha medo de não ser sepultado em uma igreja ou nas dependências dela e sobre a influência que as irmandades religiosas tinham nesse processo. Apresentamos as primeiras impressões sobre nossas pesquisas realizadas com os alunos do terceiro ano do ensino médio da cidade de Caxias e com os moradores mais antigos da cidade, a fim de analisarmos que conhecimentos eles possuem sobre o surgimento dos primeiros cemitérios de Caxias e que reflexões essas informações nos geraram.

Ademais apresentamos as primeiras fotografias que são resultados de nossa pesquisa e que representam um registro valioso para a construção do saber que nos propomos fazer.

3.1 Mais perto de Deus: Sepultamentos nas Igrejas de Caxias e as Irmandades

No Brasil desde o início da colonização, a Igreja católica sempre esteve presente. Todo novo povoado tinha em suas primeiras construções uma igreja, para que nela os ritos sagrados fossem realizados. Os festejos e batizados por exemplo refletiam a devoção do povo aos santos e aos rituais da igreja, o que se seguia durante toda a vida do cristão católico, inclusive quando este precisava ser sepultado. Era na igreja que os corpos mortos repousavam a espera do juízo final. Estar mais “próximo de Deus” mesmo após a morte, era a garantia que se acreditava ter, de ser recebido nos céus.

Ser enterrado na igreja era também uma forma de não romper totalmente com o mundo dos vivos, inclusive para que estes, em suas orações, não esquecessem os que haviam partido. Os mortos se instalavam nos mesmos templos que tinham frequentado ao longo da vida. Eles residiam no centro de decisões da comunidade, decisões que testemunhavam e que talvez propiciassem. Pois as igrejas brasileiras serviam de salas de aula, de recinto eleitoral, de auditório para tribunais de júri e discussões políticas. Ali se celebravam os momentos maiores do ciclo da vida – batismo, casamento e morte. Ali, no interior daquelas altivas construções coloniais, os mortos estavam integrados a dinâmica da vida (REIS, 1991, p. 171-172).

Não ser sepultado dentro ou nos arredores de uma igreja era uma situação muito temida pelos católicos da época, tanto que estes normalmente (quando com

condições financeiras) se associavam as irmandades que tinham entre suas principais atribuições garantir a seus associados que os ritos de sepultamento fossem devidamente realizados, desde as badaladas dos sinos das igrejas que avisavam a cidade sobre a morte, até as missas que deveriam ser celebradas em homenagem ao morto. O local do sepultamento dentro das igrejas também dizia muito sobre quem era sepultado, já que normalmente os espaços mais próximos ao altar eram reservados a quem tinha mais influência e maior poder aquisitivo.

As formas de bem-morrer no período oitocentista vão se tornando uma questão central entre fiéis católicos. Estes, para alcançar a corte celeste, se preparavam ainda em vida para “morrer como se deve morrer” de acordo com as normas da Igreja Católica, pois para o catolicismo barroco uma das maiores preocupações era assegurar uma sepultura no interior dos templos religiosos, acreditando que essa proximidade com os santos facilitaria uma intervenção divina no momento do julgamento final (OLIVEIRA, 2012, p. 13).

Morrer como se deve morrer. A crença de que “havia a maneira certa de morrer” era justificada pela igreja católica que tinha influência em todas as fases da vida humana do fiel católico, através de ritos como o batismo, o casamento e a unção dos enfermos, o que resultava em uma população crente nas práticas do bem morrer. No entanto existiam aqueles que se preocupavam com o bem-morrer e com os rituais sagrados do sepultamento, mas ainda assim não tinham direito a um túmulo dentro das igrejas.

Houve aqueles que apesar de obedecerem a fé católica, nem sequer chegavam a ser sepultados nos adros dos espaços sagrados. As categorias sociais que não conseguiam criar vínculos com alguma irmandade religiosa, ou não tinham condições financeiras para arcar com os custos de um funeral dentro dos padrões estabelecidos pela Igreja Católica, não obtinham o privilégio de ser enterrados dentro das cercanias das igrejas, ficando a cargo dos cemitérios públicos receber esses defuntos desvalidos. Esse era o caso principalmente dos pobres, escravos, demonstrando assim diferenciações sociais também na hora da morte (OLIVEIRA, 2012, p. 16-17).

Mas essa diferencial social não ficava somente no local de sepultar, ela também estava incutida nas ritualizações e crenças do povo católico.

Os rituais para se ter uma boa morte que eram definidos pela Igreja Católica incluíam deixar donativos e esmolas aos pobres, receber a visita de padres no leito de morte, e missas; o maior número possível delas, que deveriam ser realizadas em homenagens ao morto na esperança de que ele fosse recebido aos céus. Essas condições dispendiosas não contemplavam a grande maioria da população pobre que

ficava a margem até no rito de morte. O interior das igrejas então era um espaço destinado a poucos, apenas os mais ricos e os bem-nascidos eram sepultados lá.

Quanto aos outros, os mais pobres e desvalidos, eram envoltos num sudário simples e, em seguida, literalmente despejados em fossas comuns, localizadas nas circunvizinhanças da igreja. Amontoados nessas fossas, verdadeiros poços de vários metros de largura, comprimento e profundidade[...] A fossa só era fechada ao fim de alguns anos (ou meses na ocasião das grandes fomes), quando ficavam cheias (MARANHÃO, 1975, p. 31).

O reflexo disso pode ser visto nas igrejas em Caxias, que tem em seus túmulos restos mortais em sua maioria de personalidades da elite caxiense, o que significa dizer que até mesmo nos espaços ocupados pelos mortos o poderio econômico é fator decisivo.

No interior da Igreja dos Remédios estão sepultados, além do primeiro Bispo de Caxias d. Luiz Gonzaga da Cunha Marelím[...] figuras de renome da vida política, social e comercial de Caxias, entre os quais: o cônego do Cabido da Sé Central do Maranhão Antônio Rodrigues da Silveira, cavaleiro professor da Ordem de Cristo, filho de Caxias e descendente de uma das mais tradicionais famílias dos primeiros povoadores do arraial e vila (COUTINHO, 2005, p. 196).

Ser enterrado nas igrejas era o desejo da grande maioria da população caxiense, no entanto logicamente não havia espaços suficientes nas igrejas para todos, portanto fazia-se necessário que os espaços para sepultamentos fossem organizados e divididos, e essa função cabia as irmandades. Eram as irmandades que atendendo aos desejos de seus membros, e de acordo com o poderio aquisitivo deles, preparava toda a cerimônia de sepultamento com a devida pompa e com o local de sepultamento devidamente escolhido dentro da igreja.

Os testamentos dos séculos XVI e XVII expressam grande preocupação com o local da sepultura, não só na igreja como dentro dela. Os membros de irmandades muitas vezes pediam para serem sepultados nas capelas e túmulos que as irmandades tinham em suas igrejas, o que garantia a frequência ao túmulo e rezas pela alma. Outros testamentos ordenavam o sepultamento em igrejas de ordens religiosas. Outros ainda expressavam locais com significados específicos na igreja (CYMBALISTA, 2011, p. 246).

Ser membro de uma irmandade era a garantia que se tinha de que seu funeral seria realizado de acordo com os padrões católicos na intenção de ser bem recebido aos céus e sem correr o risco de se tornar uma alma penada. Temia-se muito mais não estar preparado para a morte do que propriamente morrer. A morte que acontecia sem aviso, de surpresa, era temida, sobretudo se o devido sepultamento não pudesse

ser realizado, afinal não ter tido tempo de se preparar para morrer e ser sepultado sem os devidos ritos sagrados era um presságio de que aquele espírito poderia se converter em alma penada, uma alma vagante que estava condenada a não encontrar a paz e atormentar os vivos.

Dessa forma as irmandades tinham grande importância na vida dos cristãos católicos pois a partir delas eles acreditavam ter uma garantia de uma boa morte.

A garantia dos sepultamentos parece ter sido uma verdadeira obsessão por parte das populações[...] praticamente só aqueles indivíduos que se filiassem a uma irmandade tinham a referida garantia[...] mediante o estabelecimento de um certo número de sepulturas que lhes eram concedidas pelas autoridades eclesiásticas[...] de toda forma, era fundamental assegurar, em vida, um lugar para o descanso final (BOSCHI, 1986, p. 159-161).

Assim a população se comportava de maneira obstinada a assegurar um local para o seu sepultamento, filiando-se as irmandades católicas a fim de encontrarem nelas a segurança de um lugar sagrado para o descanso final.

[...]em Caxias, a responsável pela maioria dos enterros era a irmandade das Santas Almas, suprimindo a da Misericórdia, função essa dividida com a irmandade do Glorioso São Benedito e depois, com a Irmandade Nossa Senhora dos Remédios. Dentre as várias exigências feitas em seus compromissos, havia uma primordial: a de que os associados acompanhassem os irmãos promovidos pelas associações religiosas. Os irmãos de confraria do falecido seriam responsáveis pela organização do cortejo (OLIVEIRA, 2012, p. 25).

O cortejo fúnebre. Feito de maneira a avisar toda a cidade do falecimento de um irmão de uma irmandade católica, seria rico em ritos, em quantidade de pessoas e acompanhado pelas badaladas do sino da igreja da confraria.

As missas também faziam parte da obrigatoriedade das irmandades para com os irmãos associados quando de seus falecimentos, normalmente a quantidade de missas já estivesse estabelecida no testamento do falecido, algo que era comum na época, já que se organizar para morrer era necessário mediante o temor que se tinha de morrer e não estar preparado.

Algumas irmandades inclusive já deixavam registrados em seus Compromissos de Irmandade a quantidade de missas que deveria ser realizada para seus associados quando do falecimento deles. “A cada um dos Irmãos, que fallecer, se lhe mandará dizer por alma cinco Missas: uma de corpo presente, ou no dia da notícia de seu óbito e as mais sem falta ao terceiro, ao sétimo, ao trigésimo e finalmente no dia do

aniversário”. (COMPROMISSO DA IRMANDADE DE NOSSA SENHORA DOS REMÉDIOS, Capítulo 3º, art 5º, 1851)

As irmandades então eram sustentadas por seus membros que contribuíam com joias de entrada e anualmente ou mesmo depois de falecidos, quando deixavam quantias para a irmandade em testamento. Assim as irmandades tinham condições de manter suas igrejas ou capelas, bem como as devidas obrigações que compreendiam ajudar as comunidades e os pobres.

A irmandade de Nossa Senhora dos Remédios de Caxias deixa claro o dispêndio de seus membros no segundo capítulo do Compromisso da Irmandade que trata das obrigações dos associados: “Os irmãos são obrigados a entrar com a jóia de 3:000 reis ao inscrever-se e a dar anualmente outra jóia de 2:000 reis, excepto quando for Juiz ou Mesário”. (COMPROMISSO DA IRMANDADE DE NOSSA SENHORA DOS REMÉDIOS, 1851)

As irmandades nas cidades serviam como uma maneira das pessoas se representarem perante a sociedade, a partir delas se percebia a segmentação econômica, social e étnica da população.

As irmandades que funcionavam em Caxias era: a do Santíssimo Sacramento; Irmandade de São Vicente de Paula e das Santas Almas, na Igreja da Matriz de Nossa Senhora da Conceição e São José; Irmandade do Glorioso São Benedito e Santíssimo Sacramento, na Igreja de São Benedito; Irmandade Nossa Senhora dos Remédios, que atuou na Igreja de mesmo nome, e a Irmandade de Nossa Senhora do Rosário dos Pretos, na Igreja de Nossa Senhora do Rosário (OLIVEIRA, 2012, p. 27-28).

Esta última, diferentes das outras, aceitava pessoas negras, que em sua maioria ainda escravos, tinham permissão de seus Senhores para participarem da irmandade, e conseguiam assim cumprir seu desejo de ser enterrados com dignidade mesmo que distantes dos locais mais próximos do altar central das igrejas. Dessa forma, a Irmandade de Nossa Senhora do Rosário dos Pretos era uma confraria “[...] destinada aos “homens de cor”, mas que em seu compromisso não fazia restrições quanto a categoria de pessoas que a ela poderia se associar. Diferente das irmandades da elite caxiense que não aceitavam negros ou libertos em seus estatutos” (OLIVEIRA, 2012, p. 57).

Em uma época em que ser negro era ser uma mercadoria, a probabilidade de se conseguir um local adequado para ser sepultado não era das melhores, assim a

Irmandades dos homens de cor era também um sopro de esperança para muitos homens negros, escravos ou não.

Cada irmandade tinha sua fonte de renda a partir dos seus associados e dos festejos que realizava ao santo de sua devoção, e trabalhava com o objeto de construir sua própria capela. A de Nossa Senhora do Rosário dos Pretos começou sua construção ainda em 1772. Segundo Mendes (2011) “O requerimento, que foi enviado à diocese em 17 de fevereiro de 1772, para o vigário padre João Duarte Franco, que em 03 de março do mesmo ano deu um parecer favorável para a construção do templo”. No entanto a construção de caráter dispendioso só fora concluída em 1864, quase 100 ano após o início das obras.

Ainda no começo do século XIX outra irmandade de Caxias também se organizara para a construção de sua Igreja. Esta, a de São Benedito, composta por membros da alta sociedade caxiense, não padeceu dos mesmos problemas financeiros da irmandade de Nossa Senhora do Rosário dos Pretos, e teve sua construção concluída com poucos anos depois de iniciada.

No ano de 1803, o vigário-geral, padre mestre-escola, João Bastos de Oliveira, recebeu uma manifestação subscrita num requerimento em que os católicos caxienses desejavam a construção da igreja de São Benedito. Logo em seguida teve sua construção iniciada e concluída em 1835 (MENDES, 2011, p. 23).

Essa preocupação com a construção dos templos seguia a recomendação da Constituições Primeiras do Arcebispado da Bahia que era responsável pelas normas que serviam como principal legislação eclesiástica do Brasil desde a época colonial. Assim as Constituições Primeiras do Arcebispado da Bahia definiam a importância da construção dos templos:

as igrejas se devem fundar, e edificar em lugares decentes, e acomodados, pelo que mandamos, que se havendo de edificar de novo alguma Igreja parochial em nosso Arcebispado, se edifique em sitio alto, e lugar decente, livre da humidade, e desviado, quanto for possível, de lugares immundos, e sórdidos, e de casas particulares, e de outras paredes, em distância que possam andar as Procissões ao redor dellas, e que se faça em tal proporção, que não somente seja capaz dos fregueses todos, mais ainda de mais gente de fora, quando concorrer as festas, e se edifique em lugar povoado, onde estiver o maior número dos fregueses (VIDE, Título XVII, art. 687).

Com as Igrejas construídas as irmandades tinham além de um local para abrigar as associações, um espaço físico que exporia na riqueza de seus templos, a riqueza de seus membros. A construção dos templos inclusive, era palco de

rivalidades entre as irmandades, que buscavam a partir da opulência de suas igrejas impressionar a comunidade e conseguir novos membros. “Essa rivalidade influi, como se sabe na grandeza de nossa arquitetura religiosa tradicional, porquanto a construção de uma igreja despertava na outra ordem o interesse de realizar outro templo mais belo” (SALLES, 2007, p. 105).

O local da construção da igreja também era estratégico. De preferência bem centralizado ou em evidência como em morros por exemplo. Caxias inclusive tem muitas igrejas católicas localizadas no centro da cidade, um claro retrato da rivalidade que se seguiam entre as irmandades.

O local da igreja da confraria dentro da cidade era uma questão de prestígio. A confraria mais prestigiosa conseguia construir a sua igreja no topo de um morro, ou no centro da cidade para onde convergiam as ruas... por isso observamos que nas cidades setecentistas do Brasil, as igrejas do Rosário dos Pretos e as dos “moços pardos” ocupam um lugar mais discreto, menos central (HOOARNAERT, 1983, p. 387).

As mudanças a partir das proibições dos sepultamentos dentro das igrejas atingiram diretamente as irmandades, que responsáveis pelos sepultamentos de seus membros viram sua importância se mitigar frente a sociedade. Em Caxias, como uma forma de não serem tão diretamente afetadas por essa proibição, as Irmandades de São Benedito e de Nossa Senhora dos Remédios assumiram o compromisso de construir e administrar os primeiros cemitérios, que receberam seus respectivos nomes em homenagem aos santos de devoção dessas irmandades. O cemitério de São Benedito,

Data do século XIX (ano 1858), o início de sua construção, sob o patrocínio da Irmandade de São Benedito. Em 1859 foi visitado pelo bispo D. Luis da Conceição Saraiva que o achou “muito acanhado”. Seu benzimento terá ocorrido entre os anos de 1860/1861. No seu interior construiu-se uma capela, onde se realizam ofícios religiosos (COUTINHO, 2005, p. 193).

Temos, portanto, a construção do primeiro cemitério de Caxias, o de São Benedito pronto para ser utilizado já em 1861. Quanto ao cemitério de Nossa Senhora dos Remédios a construção começou no ano de 1862.

A primeira pedra foi colocada pelo pedreiro Leocádio Lopes de Carvalho, e o padre Raimundo João Moraes Duarte foi quem realizou o benzimento do terreno que aconteceu em 14 de junho de 1862, sendo a capela do cemitério benzida em 15 de agosto do mesmo ano (MENDES, 2011, p. 26).

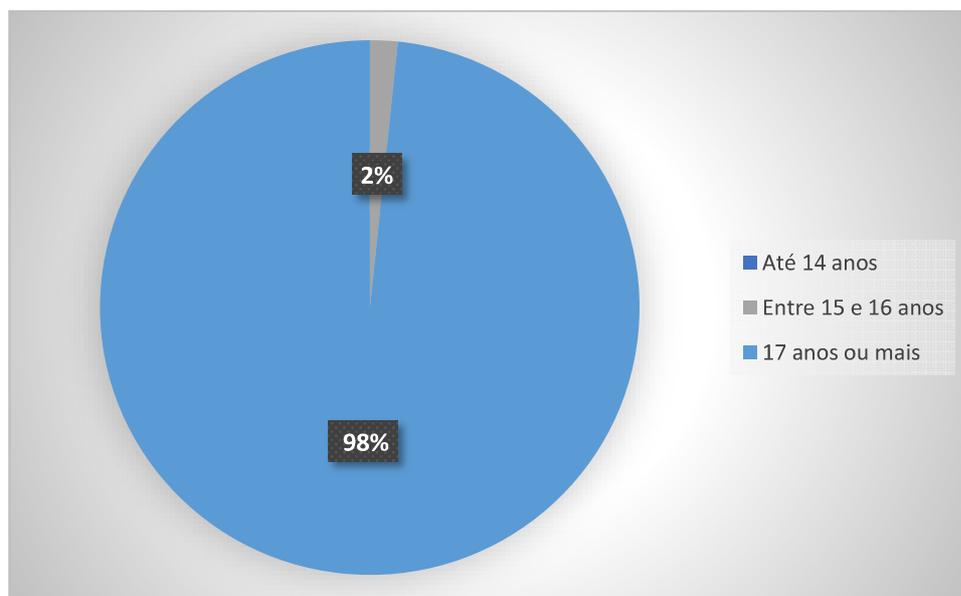
O surgimento destes primeiros cemitérios é uma das questões fundamentais que este trabalho investiga, já que quando se conta a história deles conta-se também como se comportava a população caxiense frente aos ritos da morte, bem como suas crenças e suas culturas. A História da cidade então se escreve a partir da história dos espaços destinados aos mortos.

Com a intenção de compreender como o processo de construção dos primeiros cemitérios de Caxias se reflete atualmente, construímos um diálogo com a comunidade caxiense a partir de duas entrevistas: Uma com os alunos do terceiro ano do ensino médio da rede pública de ensino da cidade, e outra com alguns moradores mais velhos, a fim de identificar que conhecimentos acerca desse importante processo fora absorvido por eles.

A primeira entrevista então, direcionada aos alunos do terceiro ano, foi realizada entre os dias 16 e 17 de dezembro de 2021, na cidade de Caxias. Foram ouvidos 181 alunos, do total de 2070 alunos matriculados na terceira série do ensino médio da rede pública de ensino, segundo o Censo escolar do IBGE (2020), a pesquisa fora realizada com um de confiança de 90% (recomendado para pesquisas na área de ciências humanas e sociais), e com a margem de erro de 6%.

A primeira questão da entrevista visou entender qual a faixa etária dos entrevistados.

Tabela 1 – Faixa etária dos entrevistados

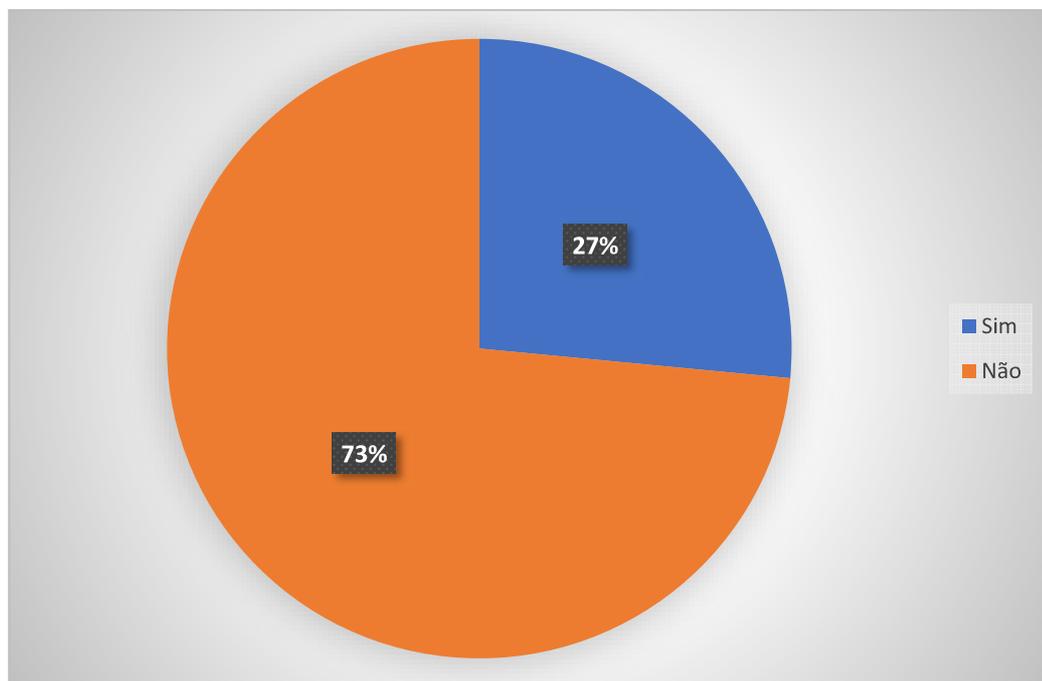


Fonte: Dados do autor

A tabela nos mostra que a faixa etária dos entrevistados é quase que na totalidade de 17 anos ou mais o que nos dá uma possibilidade de entrevista com uma certa homogeneidade quanto a este quesito.

A segunda pergunta contempla a questão dos enterramentos nas igrejas de Caxias que duraram por séculos e foram proibidos posteriormente por conta das Leis de higienização que se implantaram no Brasil.

Tabela 2. Visitas em Igreja com túmulos em Caxias



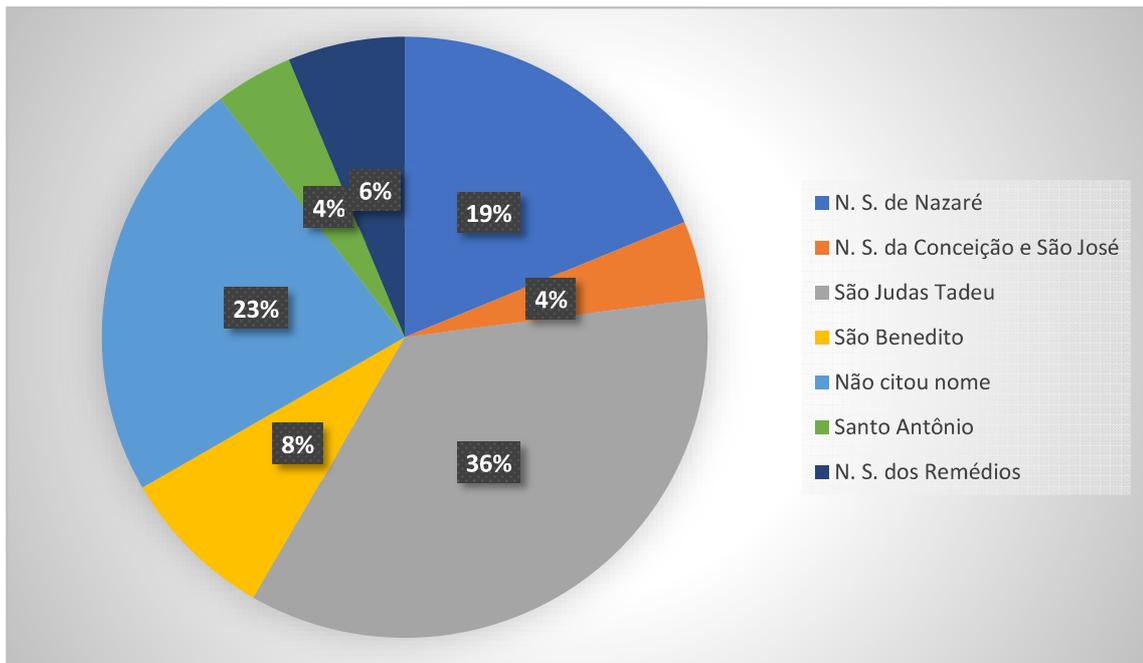
Fonte: Dados do autor

Quando indagamos sobre visitas em igrejas com túmulos em Caxias, aqui a primeira surpresa de nossa pesquisa. Apenas 27% dos entrevistados afirmaram já terem visitado pelo menos uma vez alguma igreja em Caxias que tenha túmulos em seu interior. Esse percentual se torna ainda mais espantoso quando levamos em consideração que os entrevistados foram os alunos do terceiro ano do ensino médio, que estão no último ano escolar e que mostram em sua grande maioria não terem visitado nenhuma igreja com túmulos em seu interior. Muitas personalidades da elite caxiense foram sepultadas nessas igrejas, bem como figuras importantes da igreja católica. A pesquisa nos dá o vislumbre da falta de conhecimento desses espaços pela grande maioria dos estudantes, o que é um fator preocupante, tendo em vista a importância deles para a história da cidade e conseqüentemente para identidade

cultural da população caxiense que tende a se perder quando deixa de passar pros jovens estudantes parte do passado de seu povo.

A terceira pergunta de nossa entrevista pretendeu identificar quais Igrejas com túmulos em seu interior foram visitadas por nossos entrevistados.

Tabela 3. Igrejas visitadas



Fonte: Dados do autor

Na questão anterior identificamos que apenas 27% dos entrevistados visitaram alguma igreja que tivesse túmulos em seu interior. Estes responderam de maneira livre e citaram quais foram essas igrejas. Chamamos atenção no primeiro momento para o percentual de 23% que afirmaram ter visitado alguma igreja, mas não souberam citar o nome, este pode ser um sinal de que mesmo para alguns alunos que responderam sim, a experiência pode não ter sido memorável ou significativa o suficiente, o que nos apresenta mais um aspecto da não valorização destes espaços enquanto locais de absorção de conhecimentos.

No que tange as igrejas especificamente, a de São Judas Tadeu com 36% fora a mais visitada, seguida por Nossa Senhora de Nazaré com 19% e São Benedito com 8%.

Uma em específico merece nossa atenção por já ter sido citada anteriormente em nosso trabalho: a Igreja de São Benedito. Este templo visitado durante nossa pesquisa é um dos mais antigos da cidade, e fora construído pela irmandade do

Glorioso São Benedito que tempos depois também foi responsável pela construção do primeiro cemitério da cidade de mesmo nome. A Igreja ficara pronta no ano de 1835 e o cemitério do ano de 1861.

São Benedito se destaca também pelos túmulos localizados em seu interior, um total de 7 lápides, todas ainda do século XIX.

Figura 2 – Igreja São Benedito.



Fonte: Acervo do autor (2021).

A imagem acima é uma foto externa da Igreja de São Benedito, fundada em 1835. É interessante destacar a localização do templo, que fica em frente a praça Vespasiano Ramos e tem as duas laterais soltas com uma rua de cada lado, conferindo destaque a edificação, assim como era recomendado pelas Constituições Primeiras do Arcebispado da Bahia.

Quanto as personalidades sepultadas nessa igreja temos destaque para o Coronel José Firmino Lopes de Carvalho, falecido no dia 22 de março de 1856.

Figura 3 – Lápide de José Firmino Lopes de Carvalho



Fonte: Acervo do autor (2021)

Acima foto da lápide fixada na Igreja de São Benedito, local do sepultamento do saudoso Coronel.

Por sua importância e influência frente a sociedade caxiense, o Jornal “O Pharol” no dia 03 de abril de 1856, publicou em suas páginas uma homenagem ao Coronel José Firmino Lopes de Carvalho:

No dia 22 do mez passado pelas 3 horas da tarde, succumbio, victima d'uma gravissima enfermidade, o nosso illustre conterraneo o coronel José Firmino Lopes de Carvalho! A morte desse digno cidadão, tem sido lamentada por toda Caxias, e mais particularmente, por aquelles, que com elle mantinhão relações de amizade; porque os puros sentimentos filantropia, honradez, e dignidade de que era dotado, angariava-lhe a estima e respeito de todos[...] Foi sepultado no dia 23 pelas 10 horas da manhã, com todas as honras devidas á sua graduação. O tempo que arrasa os caracteres mais firmes, nem sempre pode mitigar a dôr, e a saudade de nosso coração. Sirva de linitivo a sua inconsolavel esposa e filho, a certeza que tem de gosar a bem-aventurança, aquelle que lhe é tão charo. Oremos a Deus pela sua alma, que no Ceo, pátria dos justos, gosa da presença divina. A terra lhe seja leve (O PHAROL, 3 de abril de 1856).

Na construção de nosso trabalho passamos também por uma entrevista (informação verbal) com alguns moradores mais antigos da cidade ou com pessoas

específicas como coveiros ou vigias dos cemitérios por exemplo. Nessa pesquisa realizada por meio de perguntas direcionadas, tivemos algumas respostas muito interessantes ao nosso estudo. Ainda em relação as igrejas de Caxias, conversamos com um guia turístico que trabalha na Igreja de Nossa Senhora do Rosário dos Pretos, que aqui chamaremos de Entrevistado 1⁵.

Quando questionado se saberia informar sobre alguém sepultado em alguma igreja em Caxias ele nos deu a seguinte resposta:

Sei, inclusive eu posso até contar a história. Eu sei informar sobre a mãe, há muito tempo que a mãe do padre, ela tratava muito mal as pessoas e essa mãe do padre ela chegou a falecer. Por ser mãe do padre foi concedida a licença para ser enterrada dentro da Igreja. É... Com o passar do tempo, com a, com o sepultamento dela na igreja as pessoas começaram a celebrar, vir pra celebração, se reuniam na igreja e sempre elas notavam um barulho diferente né, um barulho semelhante como rastejar como grunhido. Aí começou-se a refletir sobre isso. Aí comentava sempre uns com os outros dizendo que a Igreja tinha algum bicho, tinha alguma fera, tinha alguma cobra. Aí com o passar do tempo ficou conhecido como que a serpente, tem uma serpente adormecida na igreja, tem uma serpente na Igreja do Rosário. A lenda ficou estabelecido assim, a mãe do padre que foi enterrada na igreja, ficou conhecida como a serpente da Igreja do Rosário por ter sido muito mal e quando muito mal tratava muito mal as pessoas e recebeu como castigo ser transformada numa fera (informação verbal) (ENTREVISTADO 1, 2021).

A lápide com o túmulo da “mãe do padre”, no entanto, não se encontra na igreja, o que nos motivou a perguntar ao entrevistado 1 acerca da veracidade deste sepultamento, no entanto ele nos informou que algumas pessoas acreditam na história e outros a tratam somente como lenda, o que não torna a história menos interessante, inclusive, nos leva a refletir acerca da construção de saberes e expressões culturais que se estabelecem na história da cidade. “A lenda da mãe do padre” fora construída em meio as vivências das pessoas e conseqüentemente absorvida em suas culturas, fazendo parte assim do imaginário coletivo de parte da população caxiense. Este imaginário que se constrói e se compartilha fora conceituado por José de Assunção Barros (2019) e traz uma luz acerca dessa dimensão da vida humana. “O conceito de “imaginário” procura dar conta de uma dimensão da vida humana associada à produção de imagens visuais, mentais e verbais, onde são elaborados “sistemas simbólicos” diversificados e onde se constroem representações” (BARROS, 2019, p. 113).

⁵ Entrevista concedida por Entrevistado 1. Entrevista I [12.2021]. Entrevistador: Natan Barros de Oliveira. Caxias, 2021, arquivo mp3 (03:08 min).

Abaixo fotografia da Igreja de Nossa Senhora do Rosário dos Pretos que começou sua construção em 1772, mas só ficara pronta em 1864. No entanto mesmo não estando devidamente concluída a obra, a Igreja fora coberta de palhas por um tempo, e fazia suas atividades como celebrações e sepultamentos mesmo antes de concluída. Podemos comprovar pelo túmulo mais velho localizado em seu interior ainda do ano de 1862.

Figura 4 – Igreja Nossa Senhora do Rosário dos Pretos



Fonte: Acervo do autor (2021)

Figura 5 – Lápide de Alferes Antonio Francisco Porto



Fonte: Acervo do autor (2021)

Acima fotografia da Lápide de Alferes Antonio Francisco Porto, falecido no dia 15 de junho de 1862 e sepultado na Igreja de Nossa Senhora do Rosário dos Pretos. Trata-se da sepultura mais antiga localizada neste templo.

Ainda em relação as entrevistas conversamos com um Senhor de 76 anos que é mototáxi, a quem chamaremos de Entrevistado 2^o.

Quando questionado se saberia informar sobre alguém sepultado em alguma igreja em Caxias ele prontamente nos respondeu que: “Não que eu conheço, do meu conhecimento não” (ENTREVISTADO 2, 2021).

A afirmativa do segundo entrevistado nos possibilita uma conversação com as primeiras entrevistas direcionadas aos alunos do terceiro do ano do ensino médio,

⁶ Entrevista concedida por Entrevistado 2. Entrevista II [12.2021]. Entrevistador: Natan Barros de Oliveira. Caxias, 2021, arquivo mp3 (02:01 min).

onde 73% destes informaram não ter visitado nenhuma igreja com túmulos em seu interior. Os dados coletados nos levam a perceber que parte da história de Caxias tende a se perder, como nos alerta o alto percentual de desconhecimento destes espaços pelos alunos da rede pública da cidade.

Tal situação como percebemos na exposição de nossas entrevistas, não diz respeito somente as gerações mais novas, a afirmativa de um Sr. de 76 anos de que não conhece nenhuma igreja com túmulos em Caxias nos serve como alerta e reflexão. Mesmo com seu importante patrimônio histórico e cultural a “A Princesa do Sertão Maranhense” se deixa perder no tempo quando sua história não é contada e aclamada, o que de fato deveria ter sido.

3.2 Despertando memórias e oportunizando vozes

O ser humano faz de sua vida uma jornada de construção de saberes, culturas e crenças. Sua trajetória se torna repleta de aprendizados e ensinamentos, que fluem entre as gerações e que fazem de todos, seres complexos e únicos. As memórias são um claro exemplo disso, elas são construídas coletivamente e individualmente, e são responsáveis por guardar nossos sentimentos, saudades, conhecimentos e crenças. “A memória se enraíza no concreto, no espaço, no gesto, na imagem, no objeto” (NORA, 1993, p.9). E é ela que nos leva de volta aos ritos, lugares e pessoas.

É através da memória que os ensinamentos dos antepassados se mantêm vivos e transpassam gerações. No entanto algumas delas se perdem na trajetória de viver a vida, e, portanto, quando uma vida se vai, muitas memórias se encerram com ela. Por isso a importância de se registrar as memórias dos povos, das civilizações, das pessoas. Escrevê-las é um ato de eternizá-las, é dá a elas a chance de serem aprendidas e absorvidas por outros.

Ao pedirmos para alguém falar sobre sua trajetória de vida, de uma sociedade, do lugar onde cresceu, ela recorre à memória para temporalizar os eventos e significá-los segundo suas emoções e sentimentos. Porém, essa memória não é resultado apenas de experiências individuais, mas do meio social onde ela se desenvolveu, participando de uma rede de disputas que pode ou não ser reconhecida por este e outros grupos (SOUZA, CRIPPA, 2010, p. 75).

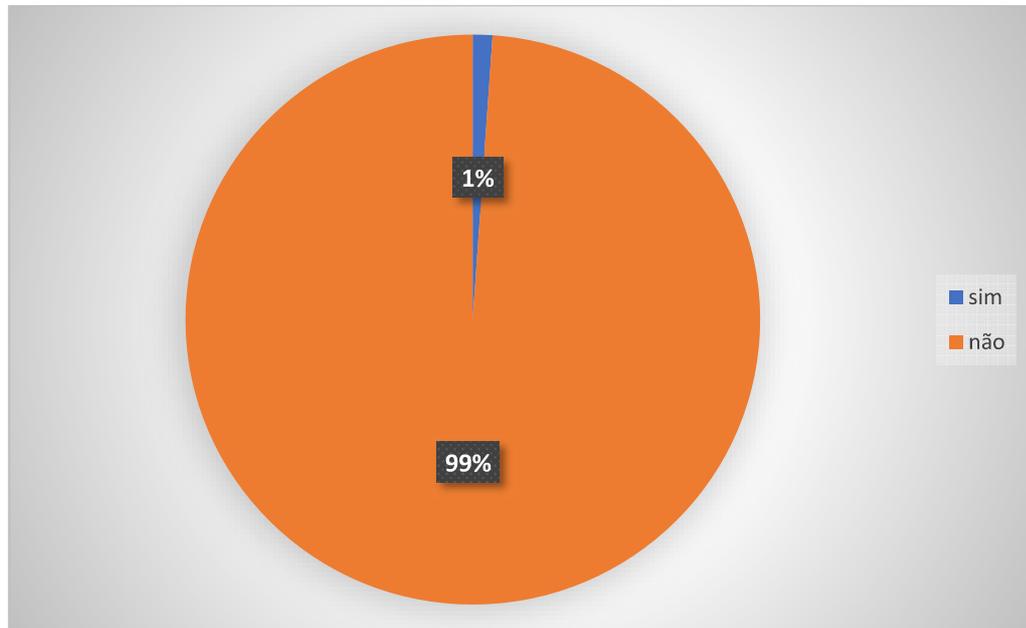
Dessa forma podemos afirmar que as memórias são marcadas pelas relações sociais do indivíduo e pelos espaços que este se encontra inserido. Maurice Halbwachs (2004) diz que “um homem, para evocar seu próprio passado, tem

frequentemente necessidade de fazer apelo às lembranças dos outros” (HALBWACHS, 2004, p. 58). O que mostra que a coletividade se constrói naturalmente no que se refere a memória e aos processos por ela contemplados, de maneira que esses conhecimentos são passados normalmente de forma oral, dando a oralidade uma importância significativa nesses processos. Para tanto precisamos elencar a notoriedade da História oral que “oportuniza ao povo que se movimenta e fale por si mesmo. É a oralidade assumindo e conferindo ao sujeito o seu direito e seu papel de centralidade no ato de narrar uma história (...)” (OLIVEIRA, 1997, p. 3). A oralidade é para tanto um caminho para a construção do protagonismo do sujeito, por meio de sua voz, e pelas vozes de tantos outros que vieram antes dele, mas que também fazem parte de sua História e sua ancestralidade.

Assim, por meio de entrevistas com alunos do terceiro ano do ensino médio da rede pública de ensino de Caxias e com alguns moradores mais velhos da cidade é que construímos um diálogo com a comunidade. Através da História oral, gerando questionamento e inquietações nos entrevistados que resultaram na construção de novos saberes, através da promoção de um despertar de memórias há muito escondidas ou esquecidas.

Dessa maneira, a partir do despertar de memórias vividas ou adquiridas de outras pessoas, nos propusemos a oportunizar as vozes dos nossos entrevistados, vozes por vezes esquecidas ou marginalizadas, mas que são indiscutivelmente relevantes a construção do saber que nos propusemos fazer.

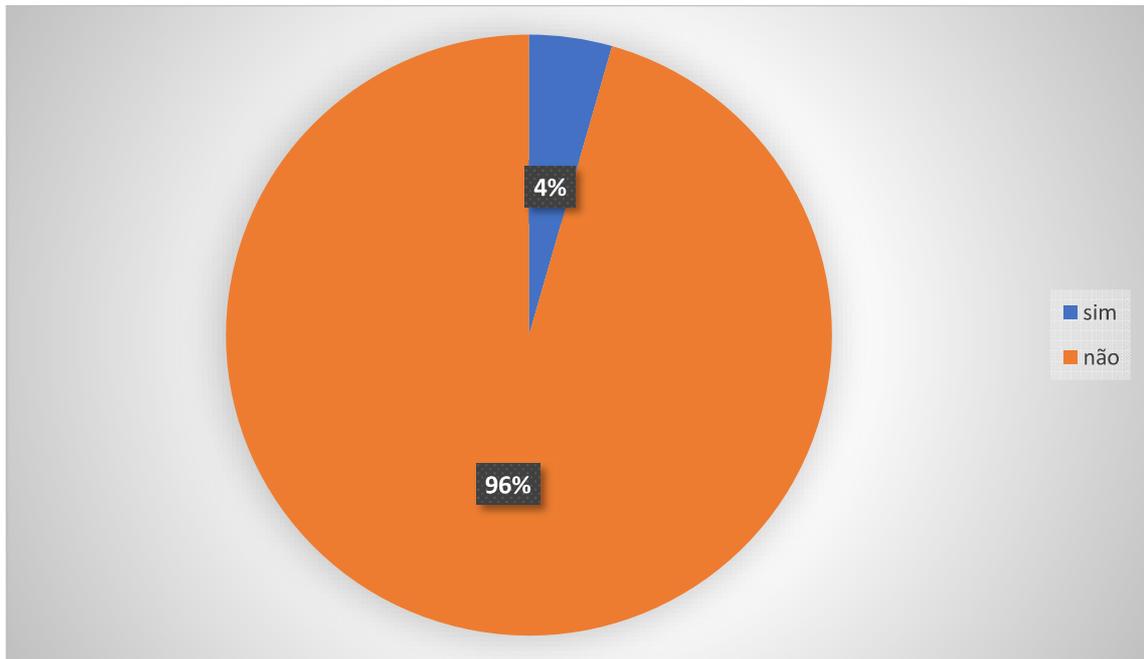
Para tanto, continuamos nosso diálogo com a comunidade com a intenção de entender como o fim dos sepultamentos nas Igrejas em Caxias fora visto pelo nosso público entrevistado. Aos alunos do terceiro ano do ensino médio direcionamos a seguinte pergunta: Você saberia o que motivou o fim dos sepultamentos nas Igrejas?

Tabela 4 - Conhecimento sobre a motivação do fim dos sepultamentos nas Igrejas

Fonte: Dados do autor

Aqui um sinal alarmante. 99% dos alunos entrevistados informaram não saberem o que motivou o fim dos sepultamentos nas igrejas em Caxias. O que significa dizer que as leis e proibições com recomendações higienista instituídas ao Brasil no século XIX não são de conhecimento destes alunos. Essa mudança de local de sepultamento no Brasil fora um marco escrito na história de todas as cidades brasileiras na época, frente a aspectos sociais, religiosos, econômicos e higiênicos. Houve mudança também nas formas de se despedir dos mortos, nas ritualizações e mentalidades, o que implica em uma mudança também cultural. Este marco deveria então ter seu espaço nos conteúdos que são ministrados aos alunos da rede pública, que como podemos ver, não estão sendo contemplados com uma parte significativa da história de sua cidade.

Perguntamos também aos alunos entrevistados, se eles têm conhecimentos da História do surgimento dos primeiros cemitérios da cidade.

Tabela 5 - Conhecimentos sobre o surgimento dos primeiros cemitérios em Caxias

Fonte: Dados do autor

Aqui outro fator que merece nossa atenção. Apenas 4% dos alunos entrevistados informaram terem conhecimentos acerca do surgimento dos primeiros cemitérios de Caxias. Dessa forma temos em 96% o percentual daqueles que não conhecem tal história. Essa última questão, mesmo sendo diferente da anterior, tem como reflexo o mesmo problema, a falta de contemplação dessa parte da história da cidade pelo programa de ensino da rede pública municipal. O que é ainda mais admirável quando entendemos que esse processo de surgimento dos primeiros cemitérios não fora simples e nem irrelevante, pelo contrário, demorou várias décadas até que fosse concluído, e dizia muito sobre a história do Brasil imperial, tendo em vista que a leis de proibição de sepultamento nas igrejas além do caráter higienista também tinham a intenção de civilizar o império.

Sabe-se que até o início do século XIX ainda se fazia presente o costume dos enterramentos nos âmbitos sagrados, por acreditar que este seria o lugar mais indicado para os sepultamentos de quem almejava a entrada no paraíso [...] Entretanto, com os pensamentos higienistas do século XIX, esse hábito passa a ser visto em outra perspectiva, uma vez que a cidade estava em expansão urbana e precisava ser civilizada, e a edificação dos cemitérios fazia parte desse processo higienizador e modernizador de espaços citadinos (ARAÚJO, 2017, p. 38).

Esse processo higienizador pretendia atender a lei imperial de estruturação dos municípios de 1828, que como sabemos só fora atendida em 1861 com a construção

do primeiro cemitério da cidade, o de São Benedito. No entanto, a necessidade de construção de um cemitério não era somente motivada pela força de lei, as igrejas não tinham mais capacidade de receber tantos corpos em seu interior, e por conta da lei, já não podiam mais sepultar em seus adros, como fora relatado na primeira página do jornal “o Pharol” de 21 de junho 1856.

A Camara obra em regra mandando construir o Cemiterio a solavento, e no local de ha muito escolhido; a urgencia é grande, as igrejas estão cheias; alguns cadaveres tem sido enterrados a esmo pelos matos, depois da prohibição de enterramentos nos adros das igrejas. Repetimos; é urgentissima a construção do Cemiterio provisorio; a Camara não deve dar ouvidos a intrigas mesquinhas; marche desembaraçada em suas decisões, e como até aqui, merecerá elogios (O PHAROL, 21 de junho de 1856).

O destaque do assunto na primeira página no jornal mostra como essa situação estava presente no cotidiano das pessoas, de uma maneira que mexia com questões sociais, higiênicas, econômicas e sobretudo emocionais. Ter que se preocupar com o local de sepultamento de um ente querido no momento do luto, mediante a dor, sem ter a segurança de um local específico para sepultá-lo tornava essa situação toda catastrófica e problemática, ainda mais quando se havia todo um cuidado com o “bem-morrer”, afinal temia-se muito mais não estar preparado para morrer, e isso incluía ter um local adequado para o sepultamento, do que propriamente a morte. Caxias vivia então em 1856 um grande problema social que afetava diretamente a vida da maior parte de população, e esse período histórico indiscutivelmente merecia espaço de debate e reflexão nas salas de aula, o que segundo a pesquisa que realizamos não está sendo feito.

Esse mesmo questionamento quanto ao surgimento dos primeiros cemitérios foi direcionado a alguns dos moradores mais velhos da cidade, e dentre 11 dos entrevistados nenhum citou a proibição de sepultamento das igrejas e nem as leis higienistas. No entanto, um em específico merece nossa atenção, o qual chamaremos de Entrevistado 3⁷, que tem 73 anos e é aposentado.

Quando perguntamos se ele saberia informar sobre como surgiram os primeiros cemitérios de Caxias, obtivemos a seguinte resposta:

Sim. O cemitério, teve muitos cemitérios né? Mas o Olaria, Olaria, já teve até cemitérios que tinha aqui em Caxias que hoje já é abandonado, já tem até

⁷ Entrevista concedida por Entrevistado 3. Entrevista III [12.2021]. Entrevistador: Natan Barros de Oliveira. Caxias, 2021, arquivo mp3 (04:40 min).

casa, casa por cima que a gente chamava. A, o cemitério da Passagem Funda que era ali pro rumo da Volta Redonda, hoje é rua, é um bairro, aí em cima do cemitério, que era, meus tataravós eram enterrados lá... Sim. Tem o da Olaria que é um cemitério antigo também, e o cemitério das Pedras que é um cemitério muito antigo, ele é quase assim esquecido né, mas tem muita gente ainda lá, e foi, ele, chama o cemitério das Pedras, porque, foi um cemitério feito assim, naquele tempo, foi escravo que fez, murou, começou murar só de pedra, não é?! Que chama, que lá era onde enterrava aqueles... como é aquelas pessoas que não tem parentes[...] Sim. Era lá no cemitério das Pedras (ENTREVISTADO 3, 2021).

Dois pontos chamam a atenção nessa entrevista dirigida ao entrevistado 3. Primeiro que em nenhum momento houve menção aos cemitérios de São Benedito e de Nossa Senhora dos Remédios, os dois cemitérios mais antigos da cidade. E segundo, a afirmação de que seus tataravós foram sepultados no cemitério da Passagem Funda que hoje já não existe mais, porque em cima do que era o cemitério atualmente passa uma rua. Apesar dessa entrevista não compreender uma amostra considerável da população mais idosa da cidade como na pesquisa com os alunos, ela ainda nos possibilita vislumbres da realidade do povo caxiense mais velho, o que nos leva a refletir sobre a nossa temática (o surgimento dos primeiros cemitérios de Caxias) enquanto um estudo importante e significativo para lembrar um passado por muitos esquecidos, e que contribui para a construção de novos e necessários conhecimentos. O cemitério da Passagem Funda segundo nosso entrevistado já não existe mais, uma afirmação como essa nos leva a profundas reflexões acerca do assunto. Quantas histórias foram perdidas ali? Quantas famílias perderam o local de descanso eternos de seus entes queridos? Quanta arte tumular fora destruída? Essas são apenas poucas das muitas questões que nos despertam, mas que nos levam a refletir acerca da perda histórica e irremediável que acontece quando um cemitério simplesmente deixa de existir.

É primordial então que se ocorra um processo de valorização destes espaços que passa desde o cuidado com limpeza e organização até a desmitificação do medo e a construção de saberes, para que estes possam ser cemitérios com mais conhecimentos, e menos mistérios.

Esse processo, contudo, passa pela valorização da memória que precisa ser contada para as gerações vindouras, seja de maneira oral, ou a partir de registros como o da escrita por exemplo. Entretanto há de se deixar claro que as memórias não se registram somente por meio de palavras, elas também se enraízam nos lugares, nos ritos e nas fotografias. Assim, a construção de nosso trabalho que destaca a

oralidade, também reserva importância para as fotografias como uma maneira de registrar os espaços pesquisados e suas particularidades.

Abaixo fotografia da lápide de sepultamento de Franco de Almeida Pereira da Costa, localizada na Igreja de São Benedito em Caxias.

Figura 6 – Lápide de Franco de Almeida Pereira da Costa



Fonte: Acervo do autor (2021)

No primeiro momento chamamos atenção para a idade de Franco, nascido em 1850 ele faleceu em 1863, com apenas 13 anos de idade. Não foram localizadas fontes históricas que explicassem o motivo de seu falecimento, no entanto as informações dispostas na lápide nos remetem a algumas reflexões. Primeiro, sem idade para estar vinculado a alguma irmandade, Franco ainda criança já teve um espaço reservado para seu descanso eterno em um templo sagrado, o que leva a crer

que sua família tinha influência na cidade além de um considerável poder financeiro. Segundo que em 1863, época do falecimento de Franco, a cidade de Caxias já tinha inaugurado seus dois primeiros cemitérios, o de São Benedito e o de Nossa Senhora dos Remédios, ainda, as leis com proibições de sepultamentos eclesiásticos estavam em vigor desde o começo do século XIX, mesmo assim, o sepultamento fora realizado na igreja quando não deveria ter sido feito. O fato nos leva a refletir acerca das mentalidades dos indivíduos, das crenças e dos ritos que se seguem, que não mudaram com a construção dos cemitérios. O cemitério enquanto espaço higienizado fora construído, as leis higienistas e civilizatórias foram atendidas, mas a crença de que ser sepultado em uma igreja era uma maior garantia de ser recebido nos céus não fora abandonada. Na verdade, muitos e longos anos foram necessários para que esse hábito, fosse deixado de lado.

Sabe-se, no entanto, que o costume de sepultamentos eclesiásticos fora mantido em algumas ocasiões especiais para a Igreja Católica, quando do falecimento de alguns Bispos ou Padres por exemplo, assim, é comum ainda que se veja em muitas cidades do Brasil, lápides de membros da igreja localizadas em seus templos, o hábito inclusive, se mantém nos tempos atuais em algumas regiões do país, no entanto, o sepultamento de leigos já não deveria mais ser realizado com a inauguração dos cemitérios. Em Caxias contudo, encontramos nas Igrejas visitadas (duas das mais antigas igrejas da cidade), São Benedito e Nossa Senhora do Rosário dos Pretos, túmulos com restos mortais depositados anos após a inauguração dos cemitérios.

Abaixo fotografia de lápide localizada na Igreja de Nossa Senhora do Rosário dos Pretos.

Figura 7 – Lápide de Eusebia Maria da Conceição



Fonte: Acervo do autor (2021)

Das lápides localizadas no interior das duas igrejas visitadas, esta é a última fixada. Como podemos ver, Eusebia Maria da Conceição teve seu sepultamento em 1878, 17 anos após a construção do primeiro cemitério de Caxias. A lápide chama atenção pela beleza e o bom estado de conservação, a imagem retrata um anjo que segura um pergaminho com os dizeres costumeiros em lápides, no entanto devemos destacar o registro de quem mandou erigi-la. Antonio Bernardo Pinto Sobrinho, neto de Eusebia Maria, responsável pela homenagem fixada no templo da igreja, fica com o nome registrado no mesmo espaço que sua avó falecida, costume esse que não observamos nas lápides dos tempos mais atuais. Em relação a este sepultamento, entretanto, nos reservamos ao direito de novamente refletir sobre a motivação para

tal feito: 17 anos seria ou não tempo suficiente para mudar as crenças e mentalidades das pessoas acerca dos sepultamentos nas igrejas? É impossível medir ou sugerir quanto tempo seria suficiente para uma crença suprimir outra, mas novas crenças e ritualizações surgiram a partir dos sepultamentos realizado nos cemitérios. Assim, o catolicismo que era responsável pelos ritos da morte, manteve sua influência também nesses novos espaços que foram benzidos e sacralizados e que hoje são comumente chamados de campos-santos.

4 O CEMITÉRIO ENQUANTO PATRIMÔNIO HISTÓRICO

No quarto capítulo fizemos as primeiras análises sobre os cemitérios São Benedito e Nossa Senhora dos Remédios, com a exposição de fotografias dos túmulos mais antigos destes cemitérios, a fim de percebermos o estado de conservação do túmulo, a qualidade das inscrições, os detalhes da arte tumular dentre outros aspectos a serem analisados numa pesquisa cemiterial.

Levantamos também debates sobre alguns conceitos de História Cultural e de lugares de memória que em conjunto com a temática cemiterial serviram de embasamento para a construção de conhecimentos e apresentamos o cemitério enquanto um museu a céu aberto. Ademais realizamos uma análise da arte tumular de um jazigo orientados por um dicionário de símbolos e levantamos debates sobre a importância cultural do espaço cemiterial.

4.1 Os cemitérios de São Benedito e Nossa Senhora dos Remédios: Um outro olhar é possível

Um local higienizado, longe dos centros urbanos, estrategicamente escolhido de modo que os ventos soprassem no sentido contrário da cidade, seria o ambiente ideal para a construção de um cemitério, que precisava seguir todas essas recomendações para atender ao cumprimento da lei imperial de estruturação dos municípios de 1828.

A distância dos novos cemitérios em relação ao perímetro citadino era uma das principais preocupações dos higienistas, já que a ideia era a de que, quanto mais longe das cidades fossem os novos locais de sepultamento, melhor seria a qualidade de vida dos ventos que sopravam nas aglomerações urbanas (COE, 2008, p. 101-102).

Observando as recomendações impostas pela lei, e de acordo com a realidade inserida na época, Caxias tinha enfim o primeiro cemitério inaugurando em 1861 e mais outro inaugurado em 1862. Com dois cemitérios prontos e funcionando, a cidade dava um grande passo no processo civilizatório que se pretendia para o Brasil do século XIX. No entanto, no que tange as crenças e religiosidades do povo, a construção de um cemitério não significaria a ruptura com tudo que se acreditou por séculos afins. Acerca disso Cymbalista (2002, p. 53) nos diz que,

Os discursos médicos e legislativos revelam apenas parte dessa história. Na realidade, a implementação dos cemitérios nas várias cidades foi se dando

de forma a acomodar os diversos interesses em jogo, levando em conta o poder das organizações religiosas e os arraigados costumes fúnebres da população[...] e nesse processo de transformação, o velho molda-se ao novo, e vice-versa, que em alguns dos aspectos culturais mais rígidos – e é esse o caso da relação entre os mortos e os vivos – não cabem transformações radicais, mas lentos arranjos na ordem estabelecida, nos quais as forças das persistências é imensa e as mudanças, sempre relativas.

Somente assim, não fazendo transformações radicais é que rearranjos deveriam ser feitos em um costume tão importante na vida da população católica. Mas o que ocorreu foi um contrário. Pela força da lei, os novos locais de sepultamentos foram estabelecidos e os cemitérios mesmo com resistência da população foram construídos.

Entretanto, até ser aceito em definitivo como um espaço sagrado e para o descanso eterno, os cemitérios continuaram tendo resistência da população caxiense, assim como ocorreram em muitos lugares do Brasil. Em Caxias a resistência e as manifestações contrárias foram notadas como nos mostra Pessoa (2009, p. 95, apud OLIVEIRA, 2016, p. 159):

A nova mentalidade de concepção dos cemitérios não foi absorvida por todos os caxienses como uma prática que fluía espontaneamente[...] mesmo depois de quase três décadas da implementação dos novos locais de enterramento, ainda houve uma tentativa por parte de um habitante, da derrubada dos muros de um dos cemitérios da cidade.

Mudar o local dos mortos não foi tarefa fácil, houve muita resistência em todo o Brasil de se encerrar os sepultamentos eclesiásticos, que eram envoltos em crenças e rituais sacralizados. Dessa forma o processo de migração dos mortos da igreja para o cemitério, foi acompanhado pela religiosidade e conseqüentemente pela influência da igreja. Segundo Lauwers (2015, p.160) “a sacralização da terra dos defuntos foi uma das conseqüências do laço que se estabeleceu entre as igrejas e as zonas de inumação que lhes eram adjacentes”. Assim, os cemitérios que foram construídos como reflexo do desejo de modernização do país, também retratavam a manutenção da fé católica, a partir da sacralização destes espaços, e por meio da arte tumular que se seguia em cada túmulo individualmente, algo que não era possível nos sepultamentos eclesiásticos.

Entre rupturas e permanências, o que parece inalterado é o fato de que o novo ambiente será preparado para tornar-se um local sagrado, assim como no período dos sepultamentos eclesiásticos. E a novidade se mostra na valorização da individualização de cunho capitalista, característica mais evidente na segunda metade do século XIX, através da possibilidade de

erguer monumentos em homenagem aos mortos, nos novos campos santos (OLIVEIRA, 2016, p. 168).

Trocou-se então a melhor localização dentro da igreja, pelo túmulo mais suntuoso no cemitério. A diferenciação social que se via nos sepultamentos eclesiásticos se seguiu nos campos-santos.

A edificação de túmulos e mausoléus, ricamente adornados com esculturas, evidencia o uso do poder econômico para gerar a não nivelação social pós-morte. Percebe-se, assim, que a riqueza existente no espaço dos vivos, repete-se no espaço dos mortos (BASTIANELLO, 2010, p. 35, apud OLIVEIRA, 2016, p. 169).

Dessa maneira, com todo o novo contexto social que se inseria nos novos cemitérios, a arte tumular ganhou protagonismo e passou a retratar o poderio econômico dos ricos também no espaço dos mortos.

Nos cemitérios, distantes de suas casas e igrejas, de suas paróquias, a céu aberto, os mortos encontrariam abrigos nos túmulos. Por isso, muitos deles reproduziram cenários de igrejas e de capelas, em escalas reduzidas, enquanto outros, com morfologias laicizadas, assemelhavam-se às residências de seus proprietários (MOTTA, 2010, p. 56).

O cemitério então, ganhou em seu espaço uma diferenciação socioeconômica, de maneira que os lugares mais bem localizados acabaram por ficar destinados a elite cidadina, que passaram a construir verdadeiras obras de arte sob os túmulos de seus entes falecidos. Conseqüentemente se separou também um espaço para os mais pobres, que agora mesmo tendo direito a um local para sepultamento, ainda ficavam visivelmente “as margens” da sociedade mesmo depois de falecidos. Em Caxias essa diferenciação se construiu perceptivelmente no cemitério de Nossa Senhora dos Remédios e perdura até os dias atuais, como podemos ver na monografia de SOUSA (2013) por meio de uma entrevista feita com um antigo zelador do cemitério, o Sr. Leônidas Nunes de Almeida, 75 anos: “o cemitério tem um quilômetro de cemitério viu, isso aí é do cemitério dos Remédios, cemitério dos Remédios, aí então um prefeito chamado Aluizio Lobo dividiu os dois cemitério, que esse lá ficou com os ricos e os da cá fico com os pobres viu” (SOUSA, 2013, p. 52).

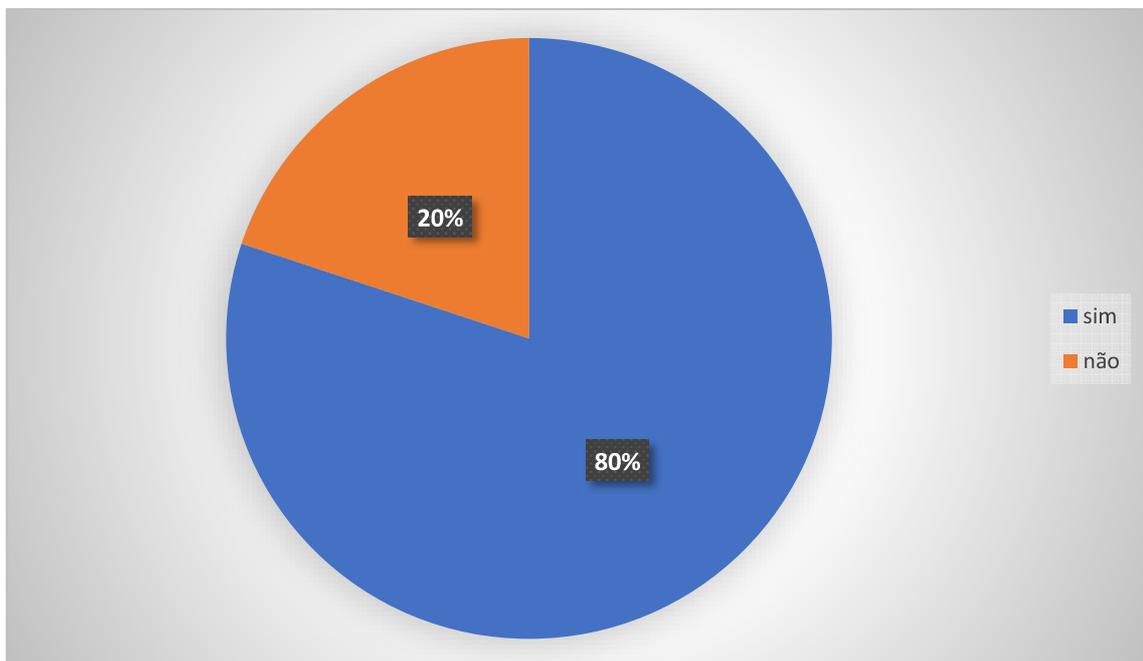
Mais de 160 anos se passaram desde a construção dos primeiros cemitérios de Caxias, o que significa dizer que muita história fora registrada em seus túmulos, muitas personalidades caxienses têm nos cemitérios de São Benedito e Nossa Senhora dos Remédios o local de seu descanso eterno. Torna-se relevante então que estes espaços sejam olhados com um olhar diferente, não só como locais de morte e

de luto, mas também de construção de conhecimento a partir de histórias não contadas, e da arte tumular presente nos túmulos.

A arte tumulária varia com a data, acompanha cada estilo de época, e de região, e jamais sonega o caráter, a espiritualidade do meio em que ocorre. Sob tal prisma, isto é, tomando-se a arte tumulária como representativa desses atributos, podemos entender as estruturas sociais e culturais dos meios, mesmo quando restrita à disponibilidade de uma pequena parcela (VALLADARES, 1972, p. 280).

Compreendendo então a relevância das necrópoles para a história de suas cidades, seguimos nosso trabalho com as entrevistas, a fim de entender como é a relação de nossos entrevistados com os espaços cemiteriais. Em relação aos cemitérios, a primeira pergunta direcionada aos alunos do terceiro ano do ensino médio da rede pública de Caxias, pretendeu saber se eles já tinham visitado algum da cidade.

Tabela 6 - Visitas realizadas em cemitérios da cidade de Caxias



Fonte: Dados do autor

Temos aqui em 20% o percentual de estudantes que não visitaram nenhum cemitério em Caxias. O percentual que em um primeiro momento pode parecer baixo, nos gera inquietações quando nos lembramos do perfil destes estudantes: último ano do ensino médio, e com a faixa etária em torno dos 17 anos. Significa dizer que alguns deles nunca “precisaram” ir em um cemitério, mas sobretudo significa que a escola

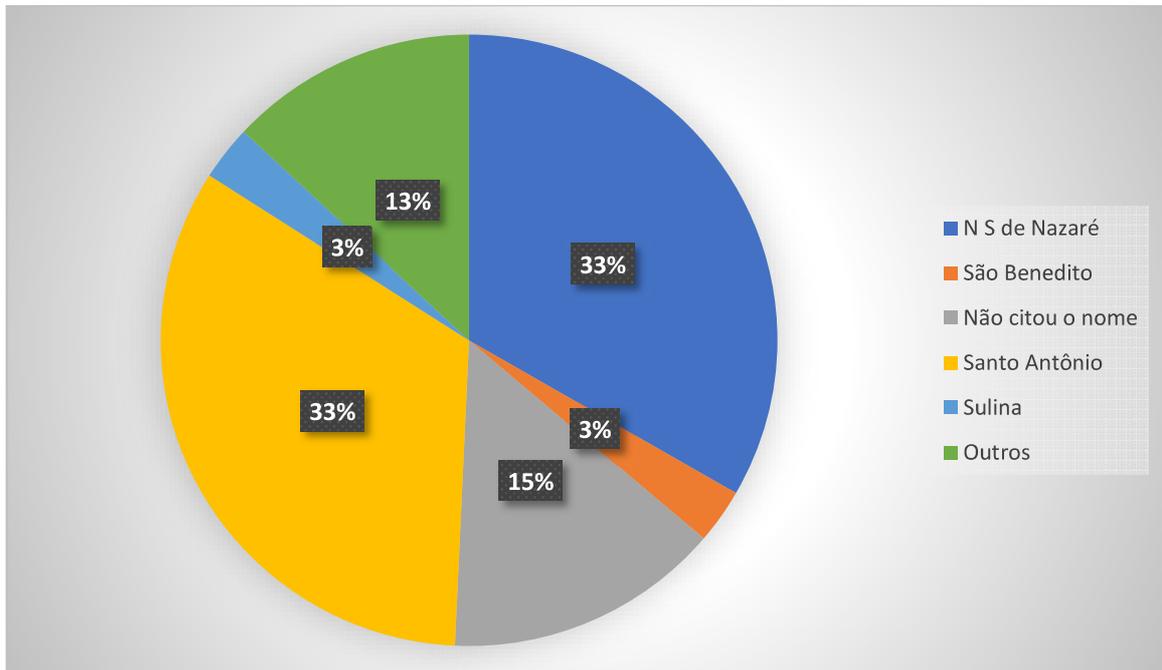
em que estão inseridos não é um espaço que proporciona esse tipo de atividade. Em muitos lugares do Brasil por exemplo, existem visitas guiadas e aulas nos espaços cemiteriais. A possibilidade de construção de saberes e apreensão de conhecimentos nestes espaços é grande, mas como podemos ver e confirmar com coordenadores pedagógicos das escolas pesquisadas, este tipo de atividade não é realizado na cidade de Caxias.

Maeda (2017) faz de sua Dissertação um trabalho nessa perspectiva. Com o título “A visita guiada ao Cemitério Consolação como recurso para abordar a educação sobre a morte nas escolas”, a autora questiona em seu texto se o cemitério é lugar de crianças, por meio de uma visita guiada ao Cemitério de Consolação, a mais antiga necrópole em funcionamento em São Paulo. Sua pesquisa que foi quantitativa teve como objetivo compreender como os professores de São Paulo percebem a questão da educação sobre a morte, a partir da experiência de levar os seus alunos à visita guiada ao Cemitério Consolação.

Seu trabalho também faz um recorte fora do Brasil sobre o assunto, ao relatar o caso da inclusão da educação sobre a morte nas salas de aula do Japão:

Sua inclusão no currículo escolar teve um reconhecimento significativo entre educadores no início dos anos 90 devido a duas mudanças pelas quais o país enfrentou: uma delas se refere ao reconhecimento formal do Ministério Japonês da Educação que em 1997, enfatizou a necessidade de ensinar questões sobre a vida e a morte para crianças. A partir daí, cresceu rapidamente o número de currículos escolares que passaram a incluir a educação para a morte. A segunda mudança foi causada a partir de graves terremotos em 1994. Diante do desastre, crianças se mostravam severamente deprimidas pela perda de familiares, com dificuldades em voltar à rotina escolar, ou seja, educadores e estudantes tiveram que enfrentar a realidade da morte e a dor do luto (MAEDA, 2017, p. 36).

O fato é que a divisão do mundo dos vivos e dos mortos tem suas consequências. Não entender o cemitério enquanto um espaço de construção de saberes é uma delas. Para entender então essa relação dos entrevistados com os espaços cemiteriais, construímos nosso diálogo sobre o assunto com mais outras perguntas. Essa enquanto uma extensão da pergunta anterior, teve a intenção de identificar quais cemitérios de Caxias foram mais visitados por nossos entrevistados.

Tabela 7 – Cemitérios visitados

Fonte: Dados do autor

Das muitas opções citadas, chamamos a atenção para as três com maiores percentuais, que são respectivamente, o cemitério de Nossa Senhora de Nazaré, o de Santo Antônio e os cemitérios com nomes não citados. Essa questão torna-se interessante quando percebemos que os cemitérios de São Benedito e de Nossa Senhora dos Remédios não tiveram percentuais consideráveis na nossa entrevista. O que provavelmente se deve a distância geografia dos cemitérios de Nossa Senhora de Nazaré e Santo Antônio, que ficam localizados nos bairros Trizidela e Salobros, portanto, ficam mais próximos das Escolas Centro Educa Mais Aluizio Azevedo, que fica no Bairro Ponte, e do Centro de Ensino César Marques que fica no bairro Campo de Belém (Escolas onde realizamos nossa pesquisa). Nesses casos a proximidade física com esses cemitérios justifica o maior percentual de escolha para os dois em questão. No entanto não nos passa despercebido que 15% dos entrevistados que afirmaram já ter visitado algum cemitério em Caxias, não souberam citar o nome do local. Isso implica dizer que a visita provavelmente não tenha sido frequente, e que os locais mesmo visitados não recebem a importância que deveriam.

Um reflexo disso, é o baixo percentual de pessoas que citaram os cemitérios de São Benedito e Nossa Senhora do Remédios. Com mais de 160 anos de História e com muitas informações que tem a capacidade de contribuir para a construção de

conhecimentos acerca da população caxiense e da História de sua cidade, estes espaços pelo que podemos observar frente a nossa pesquisa, não estão sendo visitados e conseqüentemente valorizados pelos estudantes caxienses. O que implica dizer que a construção do espaço cemiterial enquanto um local de saber está sendo negligenciada pelo sistema de ensino de Caxias.

Em outro momento de nossa entrevista, dessa vez direcionada aos moradores mais antigos da cidade, bem como os porteiros dos cemitérios de São Benedito e Nossa Senhora dos Remédios, perguntamos se estes saberiam informar sobre alguma personalidade importante sepultada nos cemitérios da cidade.

Um dos nossos entrevistados, o qual chamaremos de Entrevistado 4⁸, e que é porteiro do cemitério de São Benedito, nos deu a seguinte resposta: “Há sim, é o pessoal do, do atual prefeito, que é sepultado aqui, o Zé Gentil, o Dalmir. Só esses que conheço”. (ENTREVISTADO 4, 2021)

Zé Gentil fora uma figura pública de grande prestígio no Maranhão, pela cidade de Caxias foi secretário municipal, vereador e deputado estadual por 3 mandatos. Faleceu recentemente em decorrência da Covid-19, e conforme afirma nosso entrevistado, foi sepultado no cemitério de São Benedito.

Visivelmente abalado, o prefeito de Caxias, Fábio Gentil, filho do deputado, comandou minutos antes do enterro, uma oração de despedida pelo pai. O corpo de Zé Gentil foi sepultado sobre grande comoção de familiares e apoiadores, por volta das 12h, no Cemitério São Benedito, no centro do município (WELLINGTON, 2020).

A resposta do Entrevistado 4 nos remete a alguns questionamentos, principalmente em função de sua profissão. Como responsável pelo cemitério de São Benedito percebemos com certa surpresa que o entrevistado não soube nos informar sobre sepultamentos mais antigos e conseqüentemente não soube falar sobre personalidades há muito sepultadas naqueles túmulos. É um fato no mínimo curioso, tendo em vista que o entrevistado convive diariamente com aquele espaço, mas mostrou ter poucos conhecimentos históricos do local no qual trabalha.

Esses locais, mais precisamente os cemitérios de São Benedito e Nossa Senhora dos Remédios, foram visitados para a construção de nosso trabalho, de

⁸ Entrevista concedida por Entrevistado 4. Entrevista IV [12.2021]. Entrevistador: Natan Barros de Oliveira. Caxias, 2021, arquivo mp3 (01:34 min).

maneira que os túmulos mais antigos localizados foram todos fotografados com a intenção de identificarmos os sepultamentos mais antigos da cidade.

Figura 8 – Fachada Cemitério São Benedito



Fonte: Acervo do autor (2021)

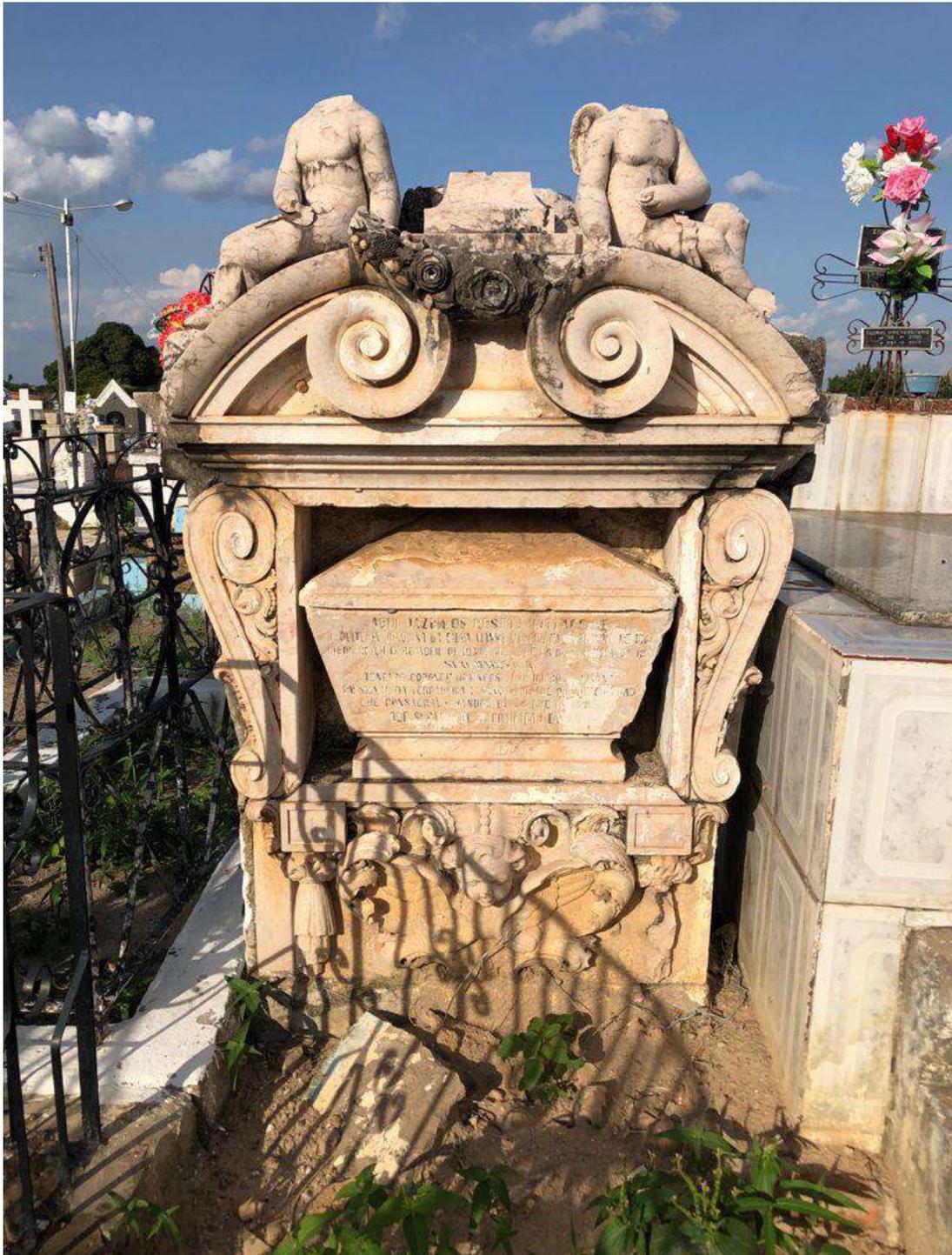
Acima fachada do cemitério São Benedito, que, no entanto, perdeu sua cor original, já que era pintada de branco e por volta de 2012 foi alterada para se assemelhar a igreja de São Benedito.

Eziquio Barros Neto (2015), arquiteto caxiense faz uma análise interessante sobre as características desse cemitério:

Construído em um antigo largo que pertencia a então recém-criada Freguesia de São Benedito, tem o formato retangular e se assemelha ao Cemitério dos Remédios. Tem muro de alvenaria com sete colunas distribuídas de cada lado encimada por pináculos. O portão principal tem destaque o seu frontão com uma cruz metálica acima. Sua distribuição é feita por uma aleia principal que a divide em duas quadras. Ao contrário do Cemitério dos Remédios que já construiu sua capela durante as obras, ela só foi locada e construída tempos depois em sua área de expansão ao fundo (NETO, 2015).

Encontramos dificuldade para localizar os túmulos mais antigos deste cemitério, o que se deve ao fato de que as primeiras sepulturas eram de pessoas mais simples, em covas sem muito detalhes ou volumetrias. No entanto algumas dessas sepulturas fotografadas por nós merecem destaque.

Figura 9 – Jazigo de Quitéria Joaquina da Silva Vianna



Fonte: Acervo do autor (2021)

Jazigo de Quitéria Joaquina da Silva Vianna, nascida no dia 21 de maio de 1819, e falecida no dia 06 de setembro de algum ano na década de 1870. Este foi o sepultamento mais antigo que encontramos neste cemitério. Abaixo fotografia com a lápide mais visível.

Figura 10 – Jazigo de Quitéria Joaquina da Silva Vianna



Fonte: Acervo do autor (2021)

Este jazigo foi mandado construir por seu marido, o Tenente Coronel Domingos José da Silva Vianna.

Domingos Viana foi uma figura importante em Caxias na metade do século XIX. Foi Juiz de Paz e delegado de Polícia. Na política era chefe local do Partido Conservador. Foi eleito junto com Gustavo Colaço a Deputado Provincial (Deputado Estadual na época) e faleceu em 1888 (NETO, 2015).

Não se sabe, no entanto, se o Sr. Domingos Vianna fora sepultado em frente ao jazigo, e nem o local de seu sepultamento. Quando a este jazigo em específico, chama-nos a atenção a arte tumular impressa nos detalhes. Em cima, dois querubins

alados, que, no entanto, já tiveram suas cabeças arrancadas, bem como a asas, um deles tem apenas uma, e o outro já perdera as duas. Imagina-se que no centro, entre os dois querubins tivesse um crucifixo ou outra escultura, mas provavelmente já fora também destruído pelo vandalismo.

O cemitério de São Benedito atualmente sob administração da Igreja de São Benedito apresenta atualmente um bom estado de conservação, tendo suas vias e túmulos limpos como podemos ver na imagem abaixo.

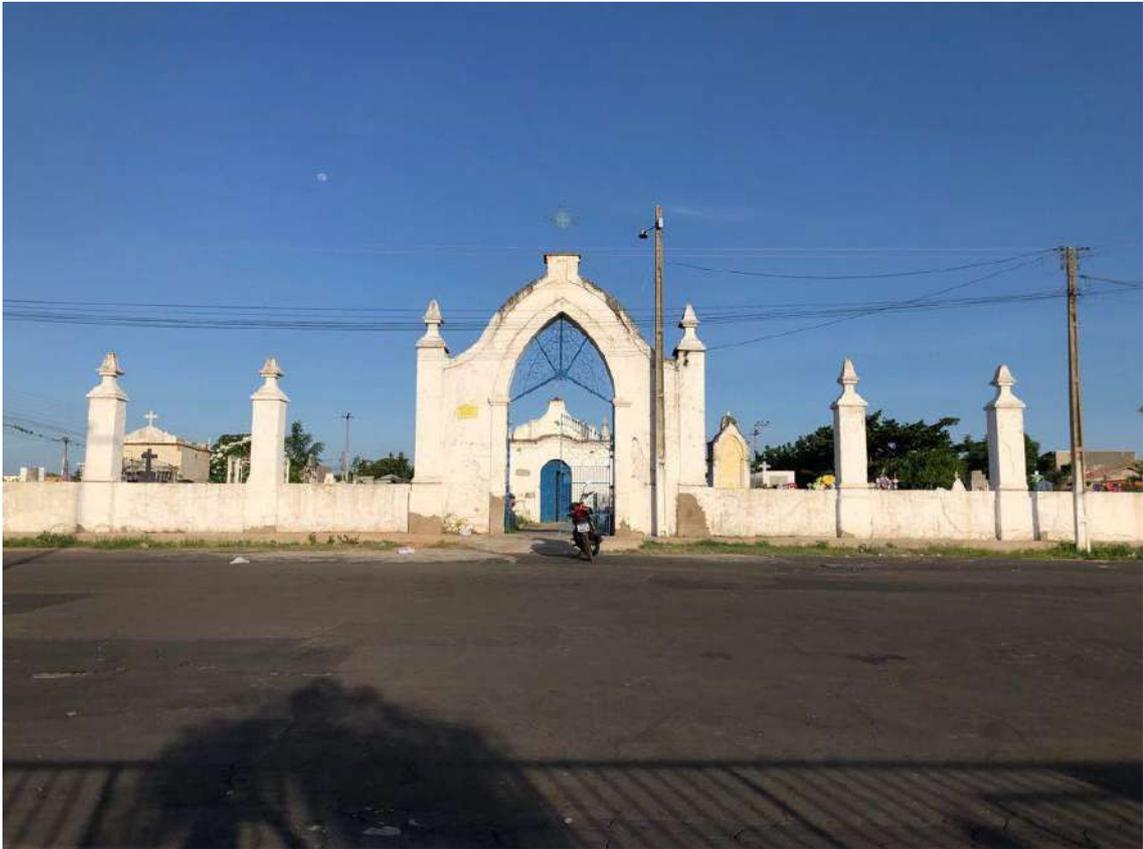
Figura 11 - Rua central do Cemitério São Benedito



Fonte: Acervo do autor (2021)

O cemitério de Nossa Senhora dos Remédios já não se mostra tão bem cuidado quanto o de São Benedito, como podemos observar já na sua fachada.

Figura 12 – Fachada Cemitério Nossa Senhora dos Remédios



Fonte: Acervo do autor (2021)

A fachada do cemitério de Nossa Senhora dos Remédios mostra sinais do tempo e retoques não concluídos. A arquitetura é muito parecida com a de São Benedito, com pináculos em cima das colunas.

Quanto aos túmulos localizados neste cemitério, damos destaque ao túmulo de Dona Rosa Joanna do Nascimento Medeiros.

Figura 13 – Túmulo de Rosa Joanna do Nascimento Medeiros



Fonte: Acervo do autor (2021)

Dona Rosa Joanna do Nascimento Medeiros faleceu no dia 25 de setembro de 1862, com 84 anos de idade. Este túmulo foi provavelmente um dos primeiros deste cemitério, tendo em vista que o benzimento dele ocorreu no dia 14 de junho de 1862. Portanto temos aqui um dos túmulos mais antigos em cemitério na cidade de Caxias. Nesse jazigo constam mais algumas informações como podemos ver na imagem abaixo mais legível.

Figura 14 – Lápide do Túmulo de Rosa Joanna do Nascimento Medeiros



Fonte: Acervo do autor (2021)

Não consta no jazigo informações quando ao esposo de Dona Rosa Joanna, apenas a informação que ela falecera em estado de viúva. A lápide então fora mandada erigir por seu filho Adão José de Medeiros, que pede um Pai Nosso e uma Ave Maria, algo que era costumeiro na época, já que havia uma grande preocupação em rezar pelos mortos na expectativa de que eles alcançassem os céus. Pedir um Pai Nosso e uma Ave Maria na própria lápide então era uma segurança de garantir que as orações pelos falecidos continuassem mesmo quando estes já não estivessem mais sepultados nas igrejas.

O túmulo, no entanto, não se encontra em bom estado de conservação. Muitas plantas estão nascendo nas frestas e rachaduras que se seguem. Quanto a arte expressa na lápide é possível identificar apenas a forma de um anjo ajoelhado logo acima do nome de Dona Rosa Joanna. Essa falta de cuidado com o túmulo acima, se reflete em todo o cemitério de Nossa Senhora dos Remédios, como podemos observar na fotografia abaixo.

Figura 15 – Túmulos no Cemitério Nossa Senhora dos Remédios

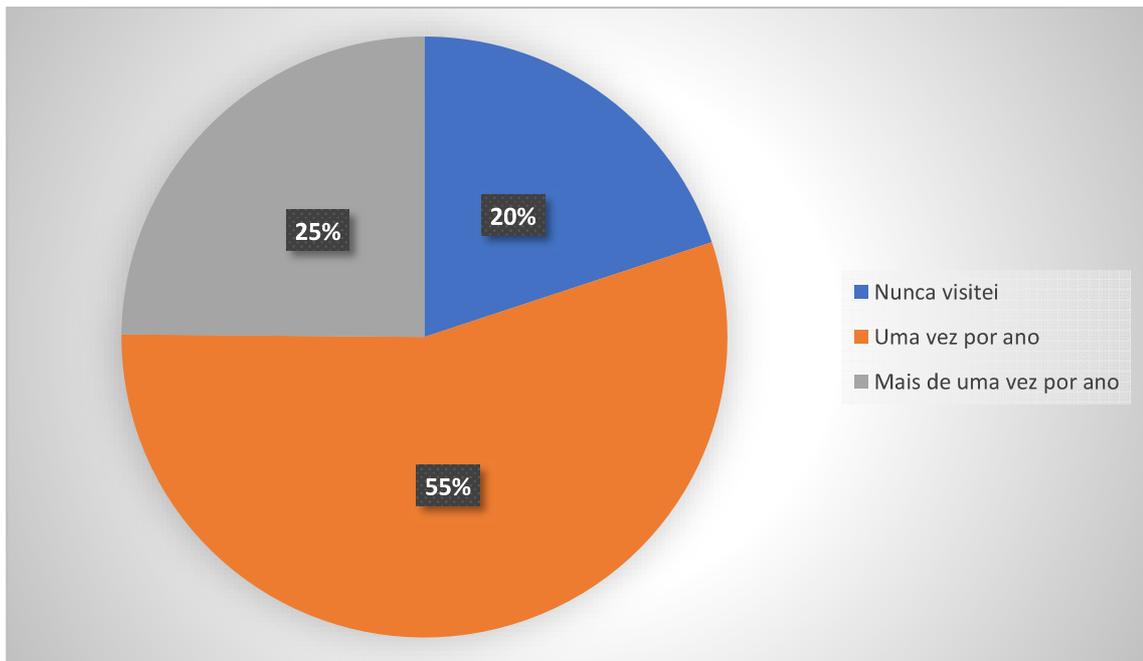


Fonte: Acervo do autor (2021)

Nessa fotografia podemos observar o estado que se encontra o cemitério de Nossa Senhora dos Remédios. Cheio de matos em cima dos túmulos e nos caminhos entre eles. Quando da visita ao cemitério encontramos também lixo e preservativos jogados no chão, bem como fezes humanas e de animais. A falta de cuidado com este espaço cemiterial chama a atenção e deveria pôr em alerta a cidade que perde muito quando não valoriza ou simplesmente não cuida do seu local dos mortos. A percepção que nós temos quando visitamos um local assim, é de que não há uma valorização histórico e cultura do espaço cemiterial, a começar pelo poder público já que o serviço básico de limpeza não está sendo feito, no entanto sabemos que essa realidade não é apenas de Caxias, essa falta de cuidado se reflete na maioria dos cemitérios brasileiros.

De volta as nossas entrevistas, com mais uma pergunta direcionada aos alunos do terceiro ano do ensino médio, questionamos aos mesmo com que frequência eles visitam algum cemitério da cidade.

Tabela 8 - Frequência com que visita algum cemitério de Caxias



Fonte: Dados do autor

Aqui, reafirmando o que fora perguntando no nosso gráfico de número 6, temos em 20% o percentual de alunos que quando perguntados sobre a frequência com que visitam os cemitérios, informaram nunca terem visitado nenhum cemitério da cidade. Em relação aos que já afirmaram ter visitado, temos em 25% o percentual dos que dizem fazer isso mais de uma vez por ano. Por fim, a opção que mais nos chamou atenção, a dos entrevistados que informaram visitar os cemitérios apenas uma vez por ano, e que foi escolhida por 55% deles. Dessa maneira podemos imaginar que uma visita anual ao cemitério seja realizada em momentos de aniversário de falecimento de algum querido, ou no Dia de Finados, dia em que comumente os cemitérios do Brasil recebem uma quantidade maior de visitantes.

Tais pontos nos levam a refletir sobre o caráter dessas visitas, que na maioria das vezes, nunca ocorreram ou se resumem a uma vez por ano, em nossa entrevista estes representam 75% dos nossos entrevistados. É perceptível nesse caso que o cemitério se mostra como um espaço na maioria das vezes apenas de luto e despedida, ficando de lado a sua importância enquanto espaço de construção de

saberes. Essa responsabilidade, no entanto, não cabe exclusivamente aos estudantes, por mais que estes estejam no último ano do ensino médio, faz-se necessário que a escola trabalhe com a valorização dos espaços cemiteriais enquanto locais de aprendizado, desmistificando o medo que esses espaços impõem culturalmente, e criando nos alunos a capacidade de lidar com os aspectos da morte e da finitude.

Maeda (2017) nos diz que o “desenvolvimento da temática cemiterial no espaço escolar pode contribuir em diferentes campos, desde a formação da identidade do adolescente, no desenvolvimento de valores e reafirmação de crenças”. (MAEDA, 2017, p. 30) Assim, entendemos que muito se perde quando os espaços cemiteriais não são contemplados frente a sua grande capacidade na construção de valores e conhecimentos. No entanto, entendemos que um outro olhar é possível, e que pra construção desse novo olhar, a escola é a peça fundamental.

Com seus dois cemitérios mais antigos, São Benedito e Nossa Senhora dos Remédios, Caxias tem um potencial historiográfico valiosíssimo, que pode contribuir para a construção de sua própria história enquanto centro político, cultural e artístico que é, mas que infelizmente acaba não sendo valorizado como podemos observar em nossa pesquisa.

4.2 Respirando História, Arte e Cultura

A História se constrói nas vivências e nas marcas dos tempos. Episódios históricos marcantes no nosso mundo tendem sempre a ser registrados e documentados. Mas a História também pode ser seletiva e elitizada como fora inclusive por muito tempo, foi a Escola dos Annales que pela primeira vez criticou o uso da narrativa histórica tradicional centrada nos feitos dos grandes homens, nos grandes acontecimentos políticos, e sugeriu uma História-problema, onde o historiador deve criar uma hipótese a partir de um problema.

A Escola dos Annales passou a defender que a História não deveria mais ser considerada uma ciência do passado, trazendo as primeiras percepções de que a História seria a ciência dos homens no tempo, onde presente e passado se complementassem, a partir da importância do presente com a compressão do passado. Dessa forma, a Nova História, como passou a ser chamado esse fenômeno pós Escola dos Annales, apresentou uma renovação dialógica da História com as

outras áreas do conhecimento humano, renovando as temáticas e adotando a interdisciplinaridade.

A partir então desse pensamento historiográfico embalado pelos Annales, que pretende entender o homem colocado no tempo a partir da complexidade de suas relações na sociedade, é que se pretende dialogar acerca dos cemitérios e das sensibilidades em torno da morte enquanto espaços construídos socialmente por meio de agentes sociais. E a História cultural dá suporte para isso. “A proposta da História Cultural seria, pois, decifrar a realidade do passado por meio das suas representações, tentando chegar àquelas formas, discursivas e imagéticas, pelas quais os homens expressaram a si próprios e o mundo” (PESAVENTO, 2013, p. 35).

Decifrar a realidade do passado por meio de suas representações é o que faz a pesquisa histórica no cemitério. O espaço onde se encerram muitas vidas, continua fazendo parte também da vida dos vivos, que estabelecem com eles relações das mais diversas. Há quem enxergue no cemitério apenas um espaço de morte e dor, há quem o entenda como um espaço de saudade e de esperança, e há quem o veja como uma fonte de pesquisa e construção de conhecimentos.

Nos atemos então ao cemitério enquanto um espaço de construção de conhecimento, mas também de sensibilidades. As manifestações de afeto e de fé encontradas nos cemitérios são fontes consideráveis de pesquisa nos âmbitos culturais, sociais, religiosos e econômicos da vida humana, e tem a capacidade de contribuir para o conhecimento da história e cultura nos locais estudados. O surgimento dos primeiros de Caxias são então um marco histórico com grande potencial de construção e descoberta de saberes que podem proporcionar para a cidade conhecimentos de sua História e de sua cultura.

Para Maria Elizia Borges (2017), grande historiadora da arte cemiterial

Os historiadores da arte e teóricos afins avaliam a importância de um cemitério por seu significado histórico, por seu traçado, por suas construções tumulares condizentes com a época[...] Na verdade, frequentemente, historiadores, educadores e pesquisadores esquecem de utilizar o cemitério como campo de pesquisa. Ele reflete sem acanhamento a alma da sociedade a que serve. É o lugar do luto institucionalizado, transcrito sobre pedras postas pelos artistas-artesãos que, adotando, construções simbólicas e signos próprios, reproduzem fielmente os valores morais, religiosos e econômicos da urbes (BORGES, 2017, p. 205-206).

Dessa maneira podemos afirmar que mesmo sendo um espaço que reflita a alma da sociedade, o cemitério acaba tendo seu potencial enquanto campo de

pesquisa desperdiçado. Para Maria Elizia Borges, no entanto, os cemitérios reproduzem os valores morais, religiosos e econômicos da sociedade, o que significa dizer que os espaços cemiteriais são ambientes que retratam as particularidades e a cultura de cada geração.

Os cemitérios são para tantos lugares de memória. De acordo com Freire, Cavalcanti, Bessoni, Freitas, (2012, p. 11);

O conceito de lugar de memória surge a partir de discussão desenvolvida na França, cujo historiador Pierre Nora foi o precursor. Um lugar de memória existe a partir do desejo dos homens e/ou com o passar do tempo; refere-se e necessita tanto de um suporte material quanto de um abstrato, ou simbólico; é aquilo que restou e se perpetua de um outro tempo; é um registro e também aquilo que o transcende, pois seu sentido simbólico está inscrito no próprio registro.

Enquanto locais de memória os cemitérios proporcionam um rememorar a partir do material, do abstrato. É um local que proporciona a sociedade uma constante construção física e simbólica que se correlacionam e se registram na história. Pierre Nora, autor referenciado por Freire (2011) como precursor na discussão de locais de memória nos mostra em sua definição que,

A memória é vida, sempre carregada por grupos vivos e, nesse sentido, ela está em permanente evolução, aberta à dialética da lembrança e do esquecimento, inconsciente de suas deformações sucessivas, vulnerável a todos os usos e manipulações, susceptível de longas latências e de repentinas revitalizações (NORA, 1993, p.09).

Temos então, os lugares de memória enquanto locais materializados e imaterializados, onde se solidifica a memória de determinada sociedade. Locais onde povos ou grupos se reconhecem e se identificam, gerando nestes sentimentos de pertencimentos e de formação de identidade.

Para tanto, direcionamos nossa atenção ao cemitério enquanto local que emana História, arte e cultura.

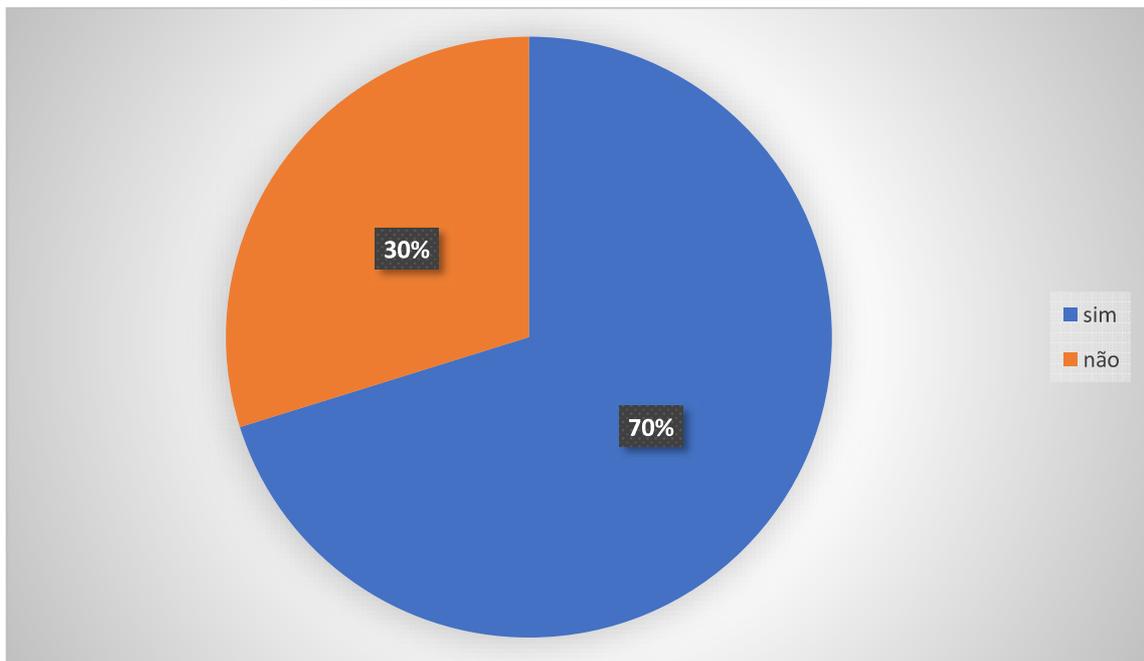
Um espaço cemiterial é construído e moldado constantemente, ele é resultado das crenças e da multiculturalidade que se moldam com o passar dos anos. A própria arte tumular expressa nos túmulos sofre ação do tempo, e assim, é forjada de acordo com a influência que a temporalidade influiu. E todo o cemitério então se torna um espaço que vai de encontro as características e particularidades de várias gerações e possibilitam o exercício da sensibilidade do homem. O que faz destes espaços cemiteriais locais únicos e de suma importância para a vida dos vivos. Tamanha

importância faz com eles sejam considerados museus a céu aberto, como alguns autores tende a tratar.

Dessa forma os espaços cemiteriais precisam ser preservados e restaurados, para que a história imbuída em seus espaços não se perca. Além disso a comunidade precisa ser instruída a preservar estes locais, e incentivada a entendê-lo enquanto patrimônio cultural que ele é. Tornar o cemitério um museu a céu aberto passa também pelo reconhecimento da comunidade em sua volta de sua importância e relevância histórica e cultural.

Com a intenção então de entender como essa afirmação seria recebida por nossos entrevistados, perguntamos então aos alunos do terceiro ano da rede pública de ensino de Caxias se eles concordavam com a afirmação de que o cemitério é um museu a céu aberto.

Tabela 9 - Concordância de que o cemitério é um museu a céu aberto



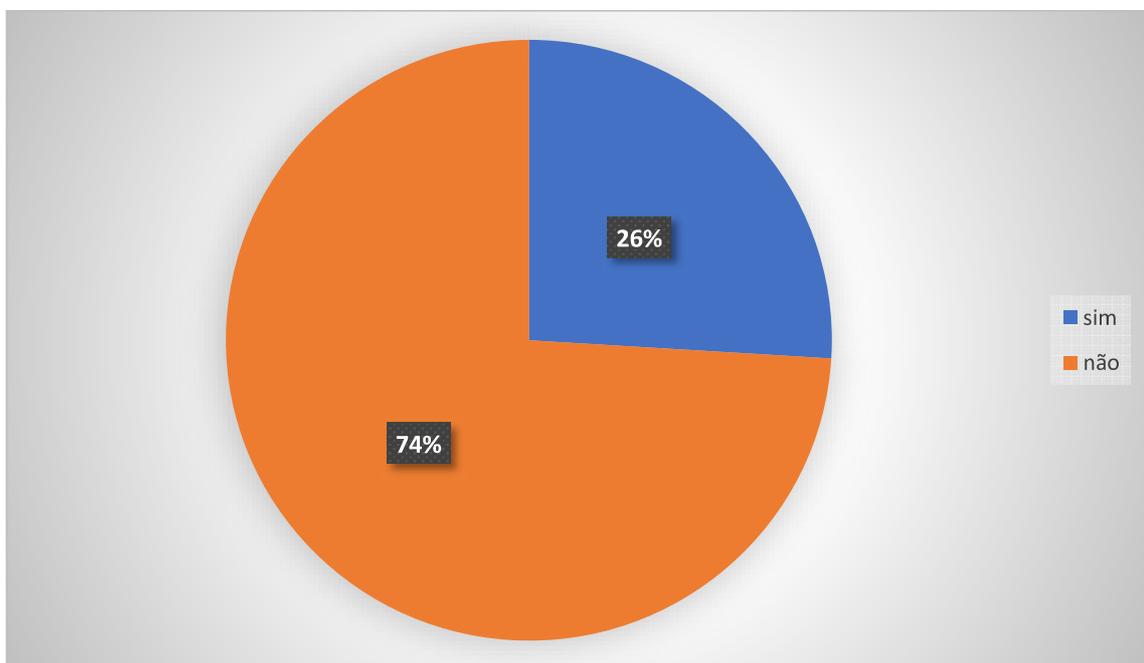
Fonte: Dados do autor

Temos então em 70% o percentual de alunos que concordam com nossa afirmação de que o cemitério é um museu a céu aberto. No entanto, o que chama nossa atenção é o percentual considerável de 30% que discorda de tal afirmação. Essa situação nos leva a refletir acerca de como o espaço cemiterial é percebido por estes alunos. Já sabemos, entretanto, que a temática cemitério não é trabalhada em sala aula. No entanto, frente a importância histórica e cultural que as necrópoles

possibilitam, não as reconhecer enquanto um museu a céu aberto é um forte indício de que a preservação destes locais está comprometida. Enquanto a sociedade, a começar pelos alunos, não entender a importância dos cemitérios, muita história de seu povo tende a se perder.

A fim de entender a relação do espaço cemiterial e dos ritos que circundam a morte com o medo, direcionamos a nossos entrevistados mais uma pergunta: Você tem medo de cemitérios ou velórios?

Tabela 10 - Medo de cemitérios ou velórios



Fonte: Dados do autor

Nessa questão 74% afirmaram não ter medo de cemitérios ou velórios enquanto 26% afirmaram ter. É interessante esse tipo de pergunta porque ela poderia ser intimidadora não fosse o caráter sigiloso de nossa pesquisa. Durante a aplicação dos questionários percebemos que alguns alunos tendiam a se mostrar envergonhados de responder a opção sim, dessa forma reforçávamos a natureza sigilosa deste trabalho para que a pesquisa não fosse comprometida. É importante, no entanto que reflitamos acerca desse percentual de 26% dos alunos que afirmam ter medo de cemitérios ou velórios. Entende-se que o medo pode ser cultural, incutido em muitas pessoas ainda quando crianças, mas ele não é justificado. O cemitério e todos os ritos que circundam a morte, fazem parte da naturalidade e da complexidade do que é ser humano, temer os espaços cemiteriais e esses ritos podem ter como

consequências diversos traumas, além de tornar o luto mais difícil do que já é. Daí a importância do debate acerca da morte e do morrer nas escolas. Para que as crianças e adolescente possam aprender a lidar melhor com os aspectos da finitude, e para que os locais da morte sejam respeitados e preservados como deveriam ser.

Ainda tentando entender a relação entre o medo e os espaços da morte, utilizamos essa mesma pergunta na entrevista direcionada aos moradores mais antigos da cidade de Caxias.

Assim, dessa vez questionamos ao nosso entrevistado se ele tem medo de cemitérios ou de velórios. O nosso entrevistado, a quem chamaremos de Entrevistado 5⁹, tem 67 anos e nos deu a seguinte resposta: “Tenho não. De jeito nenhum. Eu banho o defunto, eu visto o defunto” (ENTREVISTADO 5, 2021).

Chamamos a atenção nesse caso para a naturalidade que o entrevistado demonstra ter frente a morte. Banhar e vestir os defuntos. Algo que para muitos possa ser inimaginável ou assustador, para nosso entrevistado é natural e com certeza muito importante. Logicamente que a maturidade tende a tornar os ritos que circundam a morte mais naturalizados e menos propícios ao medo, mas, no entanto, não há como se prevê quando na vida a morte se fará presente, e, portanto, faz-se necessário que se abram debates acerca dos locais da morte e do morrer ainda da infância. E é a escola o local ideal para isso, pois é no espaço escolar que se trabalha com ensino aprendizado e se levanta debates históricos culturais que contribuem na formação dos jovens estudantes.

Trabalhar com o espaço cemiterial provoca curiosidade nos educandos e de todos os envolvidos na comunidade escolar. O espaço cemiterial possui inúmeros recursos de estudos e é uma excelente ferramenta pedagógica, que resgata o interesse dos adolescentes virtualizados do século XXI e auxilia o docente desconectado, do século XX, a desenvolver atividades diferenciadas e criativas (RIGO, 2016, p. 132).

A necrópole precisa então ser fonte de estudo e de construção de conhecimentos, frente a sua grande capacidade de contar e recontar histórias, porque é além de tudo o retrato da cidade dos vivos escrito além do tempo.

Em Caxias os cemitérios mais antigos da cidade, São Benedito e Nossa Senhora dos Remédios, são estes espaços, que mesmo não utilizados enquanto

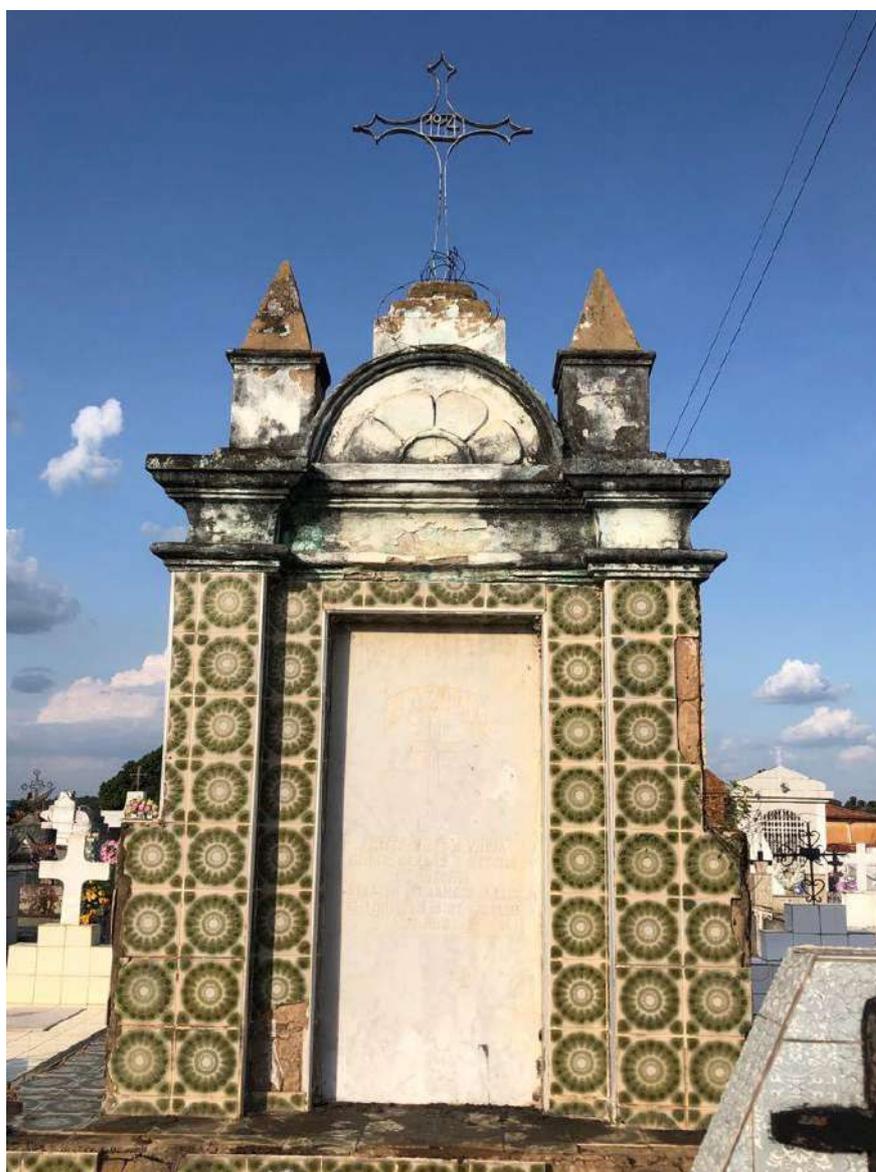
⁹ Entrevista concedida por Entrevistado 5. Entrevista V [12.2021]. Entrevistador: Natan Barros de Oliveira. Caxias, 2021, arquivo mp3 (02:00 min).

locais de construção de saberes, tem a capacidade de se desnudar em História, arte e cultura expressas nos seus detalhes.

Para tanto fizemos de nossas visitas nos cemitérios citados, um processo de descobertas e redescobertas que nos guiaram na construção desse trabalho.

Dessa forma, encontramos túmulos de personalidades importantes para a cidade e para História de Caxias, como por exemplo o Mausoléu de Cesário Fernandes Lima, localizado no cemitério de São Benedito, como podemos ver abaixo.

Figura 16 – Mausoléu de Cesário Fernandes Lima



Fonte: Acervo do autor (2021)

Mausoléu de Cesário Fernandes Lima. Importante comerciante e político caxiense nascido em 1854 e falecido em 1912. A sua casa e comercio em estilo colonial ainda existem nos três corações, esquina com a rua Porto das

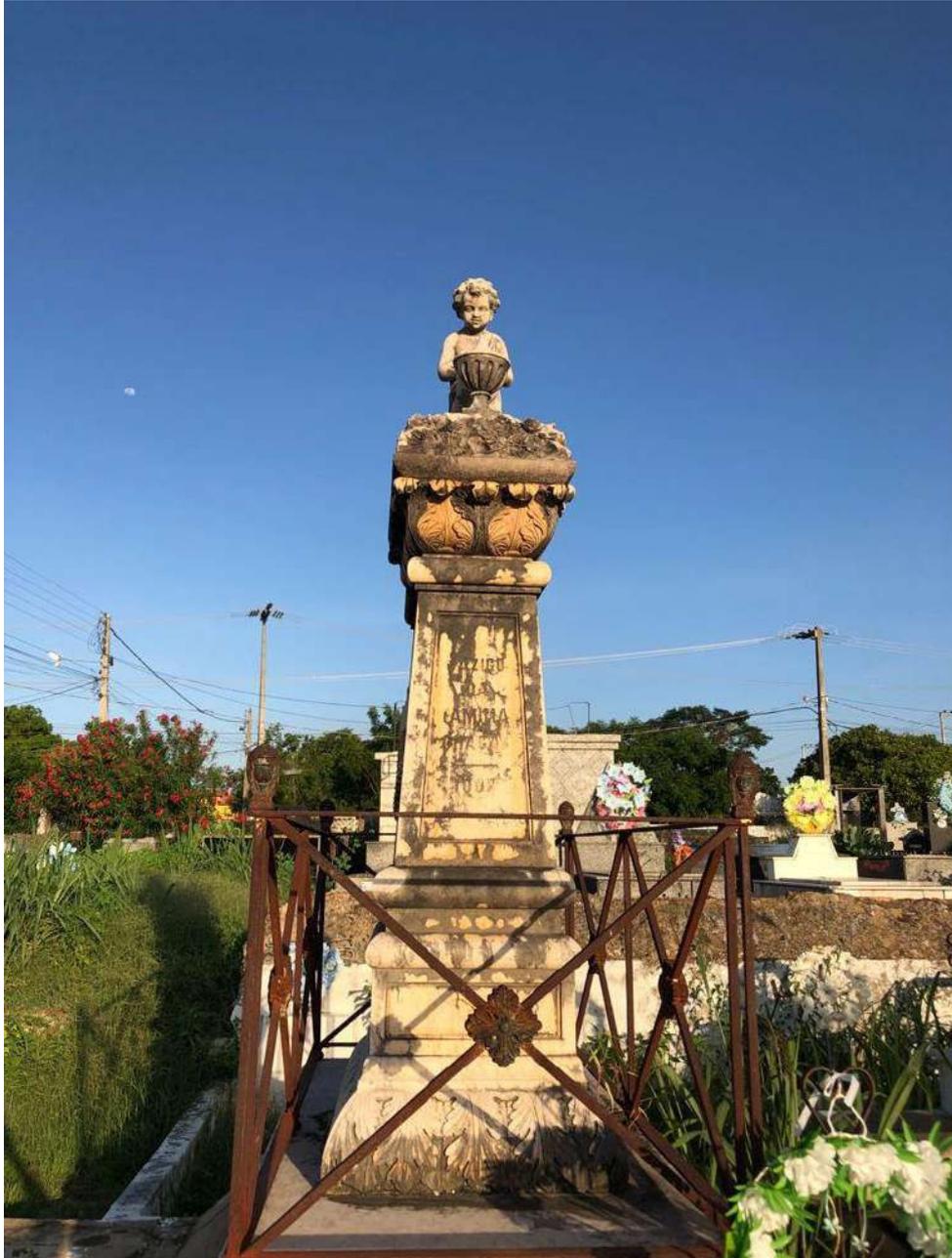
Pedras. Coronel Cesário Lima é pai do Desembargador Arthur Almada Lima e avô do também desembargador Arthur Almada Lima Filho. O mausoléu também abriga o túmulo de demais familiares. O Mausoléu tem friso com um frontão curvado logo acima com uma flor esculpida em relevo e dois pináculos. Acima uma cruz metálica com a inscrição 1914. Possivelmente a data da conclusão do mausoléu. Parte do mausoléu está revestido de azulejo, provavelmente da metade do século XX (NETO, 2015).

Cesário Fernandes Lima fora uma personalidade importante da história de Caxias, e tem seu mausoléu há mais de um século em destaque no cemitério de São Benedito. Uma necrópole que preserva seu espaço, tem a capacidade de proporcionar a comunidade em geral, conhecimentos de sua história, que muitas vezes estão somente registrados em túmulos e sepulturas. Preservar os espaços cemiteriais é o primeiro passo pra que muita História não seja perdida; mas não é o único. Além disso, é necessário que haja o desenvolvimento de ações educativas para que a comunidade comece a olhar para o cemitério como um museu a céu aberto, o que de fato é.

Mas as contribuições que as necrópoles proporcionam não se resumem somente ao campo da História. A arte também ganha destaque nos espaços cemiteriais, tanto que tem uma área específica a qual chamamos de arte tumular (já referenciada em nosso texto), que é direcionada ao estudo dos aspectos artísticos empregados em túmulos e cemitérios.

Nos dois cemitérios mais antigos de Caxias, localizamos uma quantidade interessante de expressões artísticas erigidas em homenagens aos mortos da cidade. Uma em especial chamou bastante nossa atenção pela beleza e pela qualidade do trabalho realizado.

Figura 17 – Jazigo família Chagas



Fonte: Acervo do autor (2021)

Acima fotografia do Jazigo da Família Chagas. Sem muitas informações na lápide o texto traz somente o nome Família Chagas e o ano de 1907, provavelmente o ano de sua construção. Abaixo mais uma fotografia do jazigo em outro ângulo para melhor visualizarmos sua arquitetura.

Figura 18 – Jazigo família Chagas

Fonte: Acervo do autor (2021)

Aqui podemos ver um jazigo erguido em pedra lioz. Ao observá-lo percebemos um trabalho de qualidade feito no acabamento inferior, bem como na base da estrutura. Os detalhes que dão o ornamento são feitos no formato de folhas. No centro do jazigo temos a imagem de dois pássaros em cima de uma coroa, com o ramo de folhas entre eles. Na parte superior também ladeada por folhas, temos a imagem de um menino ajoelhado com as mãos juntas, o que sugere que o mesmo esteja em posição de oração. E a sua frente um objeto que se assemelha a um cálice ou uma âmbula.

A análise descritiva que fizemos do jazigo já é suficiente para que apreciemos com atenção o cuidado dispensado a esse tipo de construção. Mas para nos

aprofundarmos no entendimento e significado desta obra, faz-se necessário lançarmos mão de uma análise a partir de um dicionário de símbolos.

Assim, segundo Cirlot (2005) a folha “é alegoria da felicidade. Quando aparece em grupo num motivo representa pessoas, o que coincide com o significado das ervas como símbolos de seres humanos” (CIRLOT, 2005, p. 260). Quanto aos pássaros, o autor nos traz a seguinte descrição:

Todo ser alado é um símbolo de espiritualização, já desde os egípcios. A tradição hindu diz que os pássaros representam os estados superiores do ser. Num texto dos Upanixades lê-se: “Dois pássaros, companheiros inseparavelmente unidos, residem na mesma árvore; o primeiro come de seu fruto, o segundo olha sem comer. O primeiro destes pássaros é *jivâtmâ*. O segundo é *Atmã*, puro conhecimento, livre e incondicionado e, se se encontram inseparavelmente unidos, é porque este não se distingue do outro a não ser de modo ilusório”. Esta significação do pássaro como alma é muito frequente em todos os folclores (CIRLOT, 2005, p. 446).

Temos por fim uma análise da representação do menino que se encontra na posição de oração:

Na iconografia católica os meninos surgem com freqüência como anjos; no plano estético, como *putti* dos grutescos e ornamentos barrocos; no tradicional são os anões ou cabiros. Em todos os casos, segundo Jung e Kerényi, simbolizam forças formativas do inconsciente, de caráter benéfico. Psicologicamente, o menino é filho da alma, o produto da *coniunctio* entre o inconsciente e o consciente; sonha-se com esse menino quando uma grande metamorfose espiritual vai produzir sob signo favorável (CIRLOT, 2005, p. 378).

Percebemos então toda a capacidade iconográfica que um jazigo ou sepultura tem de produzir e ensinar. Os detalhes artísticos expressos na arquitetura dos túmulos dizem também sobre a espiritualidade das pessoas, a cultura da época, e o poder aquisitivo daqueles que mandam erigi-la. Ademais, dão aos curiosos e estudantes várias possibilidades de interpretações acerca da arte tumular, o que é valioso para a construção de debates e de conhecimentos.

Mas iremos nos ater agora a capacidade cultural de um cemitério. Um espaço que atravessa gerações, e que tem em seu interior marcas de cada tempo.

Para tanto faremos uso de mais uma fotografia, dessa vez do cruzeiro do cemitério de Nossa Senhora dos Remédios.

Figura 19 – Cruzeiro do Cemitério Nossa Senhora dos Remédios



Fonte: Acervo do autor (2021)

Podemos ver no cruzeiro garrafas que provavelmente estiveram com água, algumas inclusive ainda tem uma pequena quantidade. Quando da visita a este cemitério, questionamos ao porteiro do espaço o que significaria essas garrafas colocadas no cruzeiro, ele prontamente respondeu que eram garrafas com água, colocadas por pessoas da comunidade, para que os mortos não passassem sede, disse também que o hábito era antigo, mas que atualmente era raro alguém ainda fazer esse procedimento.

Tal situação nos remeteu a obra de Fustel de Coulanges “A Cidade Antiga” que, explicando as relações de parentesco nas sociedades mais antigas, cita um rito fúnebre da cultura indiana que pressupõe fazer libações de água aos mortos.

O princípio do parentesco não era o ato material do nascimento, era o culto. Isso se pode ver claramente na Índia. Aí, o chefe de família, duas vezes por mês, oferece o banquete fúnebre; apresenta um bolo aos manes de seu pai, outro ao avô paterno, um terceiro ao bisavô paterno, e jamais aqueles dos quais descende pelas mulheres. Depois, subindo mais alto, mas sempre na mesma linha, faz uma oferta ao quarto, ao quinto e ao sexto ascendentes, com a diferença de que para eles a oferenda é mais reduzida: uma simples libação de água, e alguns grãos de arroz. Esse é o banquete fúnebre, e é pela observância desses ritos que se mede o parentesco (COULANGES, 2005, p. 42).

É de se pressupor que o ato de colocar água para os mortos nesse cemitério em Caxias envolva uma crença compartilhada por várias gerações, talvez inclusive haja uma ligação com os hábitos das sociedades mais antigas de se fazer libações nos túmulos dos falecidos com a intenção de não lhe faltarem alimentos, mas é interessante observar que as garrafas de plástico amarradas ao cruzeiro já são aparentemente todas antigas, o que pode significar também um rito cultural que se encerra. O fato é que o cemitério produz e reproduz culturas, pois é um retrato cultural do mundo dos vivos, e se modifica de acordo com as crenças e culturas deles.

Assim, por meio do diálogo estabelecido nesse capítulo havemos de reforçar que o surgimento dos primeiros cemitérios de Caxias tem a capacidade de contribuir para o conhecimento da História e da cultura local no sistema de ensino da cidade de Caxias, como nos propomos refletir aqui.

No entanto a intenção de nosso trabalho não é somente elencar fatos e pontos importantes acerca do surgimento dos primeiros cemitérios de Caxias, temos como um dos objetivos deste, a produção de uma cartilha ilustrativa como registro dos fatos históricos relacionados ao surgimento dos primeiros cemitérios de Caxias, para que estudantes e professores tenham conhecimento da história e da cultura local. Dessa forma para a produção deste material que se seguirá, temos a intenção de nos debruçar em um processo de pesquisa que torne o cemitério cada vez mais sem mistérios, a fim de que consigamos traduzir de maneira didática e clara toda nossa construção fotográfica e textual para a cartilha ilustrativa que vamos erigir.

5. CEMITÉRIOS SEM MISTÉRIOS

No último dos nossos capítulos nos propomos a fazer um dialógico interdisciplinar do estudo cemiterial com a toponímia e com a antroponímia de maneira a construir conhecimentos por meio da ciência do nome de lugar e do nome de pessoas. Interessante o tipo de conhecimentos que essa pesquisa nos proporcionou perceber. Descobrimos personalidades caxienses relevantes para a cidade que foram sepultadas nos cemitérios pesquisados, que contribuiriam diretamente para a educação de Caxias e que se tornaram nomes de escolas.

Por fim trouxemos uma breve análise sobre o produto de nossa pesquisa (cartilha ilustrativa), que foi criado a partir de fotografias dos nossos locais pesquisados.

5.1 A História que se constrói no viver e no morrer: Relações interdisciplinares entre toponímia, antroponímia e o estudo cemiterial

Viver é involuntariamente escrever sua própria História. Algumas Histórias são contatadas por quem as viveu, outras, só ganham a devida atenção depois que a vida se encerra. O fato é que a vida em seu emaranhado de relações, crenças, costumes e culturas se constrói e se torna História, se soma a outras Histórias, e se faz História. Na vida, e na morte. Todas as vidas se encerram, algumas histórias não. Quantas causas foram ganhas em nome dos que morreram? Quantos poemas eternizaram seus poetas? Quanto do que sabemos são conhecimentos dos já não estão mais entre nós? E assim se constrói o viver, cheio de conhecimentos, crenças, memórias e culturas dos que já se foram. Sorte de quem em vida, se “imortalizar” depois dela. A História se constrói no viver e no morrer.

Assim, o ser humano segue aprendendo sobre sua História, mas também estudando. Estuda-se a História dos povos, de suas crenças, de seus costumes, mas se estuda também a História dos lugares.

Existem lugares da memória, lugares particularmente ligados a uma lembrança, que pode ser uma lembrança pessoal, mas também pode não ter apoio no tempo cronológico. Pode ser, por exemplo, um lugar de férias na infância, que permaneceu muito forte na memória da pessoa, muito marcante, independentemente da data real em que a vivência se deu. Na memória mais pública, nos aspectos mais públicos da pessoa, pode haver lugares de apoio da memória, que são os lugares de comemoração. Os monumentos aos

mortos, por exemplo, podem servir de base a uma lembrança de um período que a pessoa viveu por ela mesma, ou de um período vivido por tabela. (POLLAK, 1992, p. 03).

Os lugares de memória são, portanto, construídos no imaginário de cada pessoa, a partir de suas experiências. Se tratando de lugares, de memórias, e de Histórias, uma área de estudos específica merece atenção: A toponímia.

A **Toponímia** se encarrega do estudo do nome de lugares, levando em consideração a influência e a importância da origem e do processo de evolução que causa das devidas alterações. Tais estudos são intimamente ligados às pesquisas históricas, antropológicas e geográficas. O termo é oriundo da Grécia e significa, literalmente, nome de um lugar (JUNIOR, 2020).

Enquanto estuda o nome dos lugares a toponímia também levanta reflexões sobre as motivações para a escolha dos nomes das escolas, avenidas ou praças. Este trabalho, portanto, se propõe a construir uma relação interdisciplinar do estudo cemiterial com a toponímia por meio de fotografias. Dessa forma foi feito o registro fotográfico das sepulturas de personalidades caxienses e das ruas ou escolas que receberam seus nomes.

Figura 20 – Túmulo de Monsenhor Clovis Vidigal



Fonte: Acervo do autor (2022)

Tendo nascido no dia 30 de outubro de 1906, Monsenhor Clovis Vidigal foi sepultado no cemitério de São Benedito em Caxias no dia 27 de maio de 1983. Importante figura caxiense, Monsenhor Clovis foi um nome de grandes contribuições para a igreja católica e para educação.

Em Caxias, chegou na década de 1950. Na cidade, não tinha paróquia certa, sendo, por muito tempo, Capelão das Irmãs Capuchinhas do “Colégio São José”. Fundou a “Escola Centro Educacional Cardeal Mota”, “Escola Monsenhor Frederico Chaves”, “Marcelino Pão e Vinho” e a “Escola Técnica de Comércio de Caxias”. Na década de 1960, já sob o título eclesiástico de

Monsenhor (recebido na década de 1950), exercia a função de Diretor do Ginásio Caxiense[...] Durante muito tempo foi vigário na Igreja de Nossa Senhora do Rosário dos Pretos, onde celebrou suas últimas missas antes de ficar enfermo. Faleceu em Caxias, no dia 27 de maio de 1983, aos 76 anos de idade. Neste mesmo ano, começou a funcionar, em Caxias, uma escola que o homenageia: o “Centro de Ensino Monsenhor Clóvis Vidigal”, na Cohab. Que, atualmente, leva o nome: “Colégio Militar Tiradentes Anexo IV”. (COUTO, 2020)

Abaixo fotografia do Colégio Militar Tiradentes VI, que até 2016 se chamava Centro de Ensino Monsenhor Clovis Vidigal.

Figura 21 - Colégio Militar Tiradentes IV



Fonte: Acervo do autor (2022)

De maneira outrora comentada neste texto, aqui conseguimos observar as contribuições que o estudo cemiterial possa vir a ter. Pesquisar quem foi Monsenhor Clovis, sepultado na capela do Cemitério de São Benedito, nos trouxe algumas informações sobre sua vida, dentre elas a de que ele se tornou nome de escola; uma maneira de o homenagearem por suas grandes contribuições para a educação da cidade de Caxias. Assim portanto temos de maneira interdisciplinar uma possibilidade

dialógica entre os estudos cemiteriais e a toponímia, quando ambos dentro de suas particularidades se propõem a entender sobre a História e a memória de um povo.

Outro ponto, entretanto, que merece nossa atenção nesse caso em específico, é que o Centro de Ensino Monsenhor Clovis Vidigal, hoje se chama Colégio Militar Tiradentes IV, no entanto durante 33 anos o nome de Monsenhor Clovis fez parte da construção de memórias de milhares de alunos que por lá passaram, estes carregarão para sempre consigo suas vivências e lembranças do lugar que por muito tempo fez parte de suas vidas. Porém, o processo de militarização da qual passou a Escola Monsenhor Clovis Vidigal, além de apagar parte da identidade da História da comunidade com a mudança do nome da escola, também diminui a voz dos professores e educadores que passam a ser geridos por militares que não tem formação na área da educação, e que portanto não deveriam atuar no espaço escolar.

Temos também outro exemplo de personalidade caxiense sepultada no cemitério São Benedito que virou nome de escola. Trata-se de Cônego Aderson Guimarães Junior. Nascido no dia 02 de setembro de 1918 e falecido no dia 1º de novembro de 1970. Cônego Aderson também foi sepultado na capela do Cemitério de São Benedito, exatamente no mesmo jazigo que Monsenhor Clovis Vidigal, como podemos ver na figura de número 19.

Em Caxias, foi designado pároco da Matriz de Nossa Senhora de Nazaré, na Tresidela. Muito ativo, funda, em 1947, o “Centro Cultural Coelho Neto”, instituição que reuniu os maiores intelectuais daquela época. Sendo o seu primeiro presidente. No campo educacional, assim como o irmão, também foi professor, atuando no Colégio São Luiz Gonzaga. Posteriormente, após a criação do curso científico, o Colégio passa a se chamar Ginásio Diocesano, sendo, pe. Aderson, o terceiro Diretor da Instituição[...] Em 1968, quando da criação, em Caxias, da Faculdade de Formação de Professores de Ensino Médio (FFPEM), assumiu como Vice-Diretor, tendo, no ano seguinte, ascendido ao cargo de Diretor. A pedido do Bispo Dom Marelím, foi honrado pela igreja com o título de Cônego Honorário. (COUTO, 2020).

Figura muito querida da população caxiense, Cônego Aderson fez grandes contribuições para a cidade de Caxias, através da igreja e por meio da educação. Quando de seu falecimento a cidade enlutada fechou as portas de todas suas escolas por 8 dias. Diversas homenagens póstumas foram realizadas, como a Praça da Bíblia da Tresidela que recebeu seu nome, e o Colégio Diocesano que passou a se chamar Centro de Ensino Cônego Aderson Guimarães Junior.

Figura 22 - Centro de Ensino Cônego Aderson G. Junior



Fonte: Acervo do autor (2022)

Localizado no centro de Caxias, o Centro de Ensino Cônego Aderson G. Junior recebeu esse nome como forma de homenagear a quem muito contribuiu com a educação da cidade. Aqui cabe um destaque para esse movimento de nomear as escolas da cidade como forma de imortalizar personalidades caxienses importantes; é um reconhecimento honesto com quem muito contribuiu com a educação e que de forma justa tornou-se nome de escola. É bonito perceber que a cidade de Caxias encontra maneiras de homenagear suas personalidades importantes falecidas.

Se a toponímia estuda os nomes de lugares

A **Antroponímia**, por sua vez, é o estudo dos nomes das pessoas, podendo ser uma avaliação dos prenomes ou dos sobrenomes, pesquisas que são de grande relevância para a história, a política, a cultura, as instituições e a mentalidade. Os estudos da Antroponímia procuram explicar a origem dos nomes, a evolução e a variação que os mesmos recebem em função das diferentes localidades e épocas e dos diversos costumes. (JUNIOR, 2020?)

Temos na antroponímia então uma maneira de se construir saberes por meio do nome das pessoas, com a intenção de explicar a origem dos nomes, sua evolução e a variação que eles recebem por conta de diferentes localidades, épocas e costumes. Cesário Fernandes Lima, importante comerciante caxiense, anteriormente citado em nosso trabalho em função do seu Mausoléu localizado no cemitério São Benedito (como pode-se observar na figura 16). É um nome que escolhemos para uma breve análise. Seu prenome (primeiro nome), merece nossa atenção pelo caráter quase exclusivo, já que não é um nome comum, e pelo significado que ele carrega. De origem latina, o nome Cesário faz referência a São Cesário de Nazianzo (falecido em 369), e tem como significado “pertencente a Cesar”. Aqui já é possível apreciar uma breve análise acerca do portador do nome Cesário, imagina-se que sendo um nome de um santo, a família dele tinha raízes na igreja católica, já que o hábito de colocar o nome dos filhos em homenagens a santos é antigo e comum em todo Brasil, curioso é o fato de que em cima do Mausoléu de Cesário Fernandes Lima tem uma cruz, o que como sabemos, é sinal de que o sepultado foi católico em vida.

[...] os nomes de pessoa, sendo fontes de conhecimento tão importantes quanto os melhores indícios documentais, registram informações das sociedades nas quais foram criados e são capazes, por conseguinte, de conservar a memória coletiva dessas sociedades, permitindo, assim, torná-las conhecidas no futuro[...] (DIAS, 2009, p. 13).

A escolha dos nomes de seus descendentes é um processo que também diz muito sobre a sociedade e o tempo em que ela está inserida. Com frequência na História temos casos de nomes que entram na “moda” por assim dizer, quando alguns nomes se tornam favoritos, como fora com Enzo e Valentina nos tempos mais recentes. Em outros momentos os nomes são reflexos de acontecimentos importantes ou em homenagens a personagens reais ou fictícios marcantes na História. O que poderíamos dizer da geração de “Ronaldos” que surgiu depois de 2002 quando o Brasil foi pentacampeão mundial de futebol? Ou da quantidade considerável de “Leides Daianes” que conhecemos na década de 90, todas com o nome inspirado na Princesa da Inglaterra Lady Diana? Os nomes das pessoas refletem assim o espírito e as influências de cada geração.

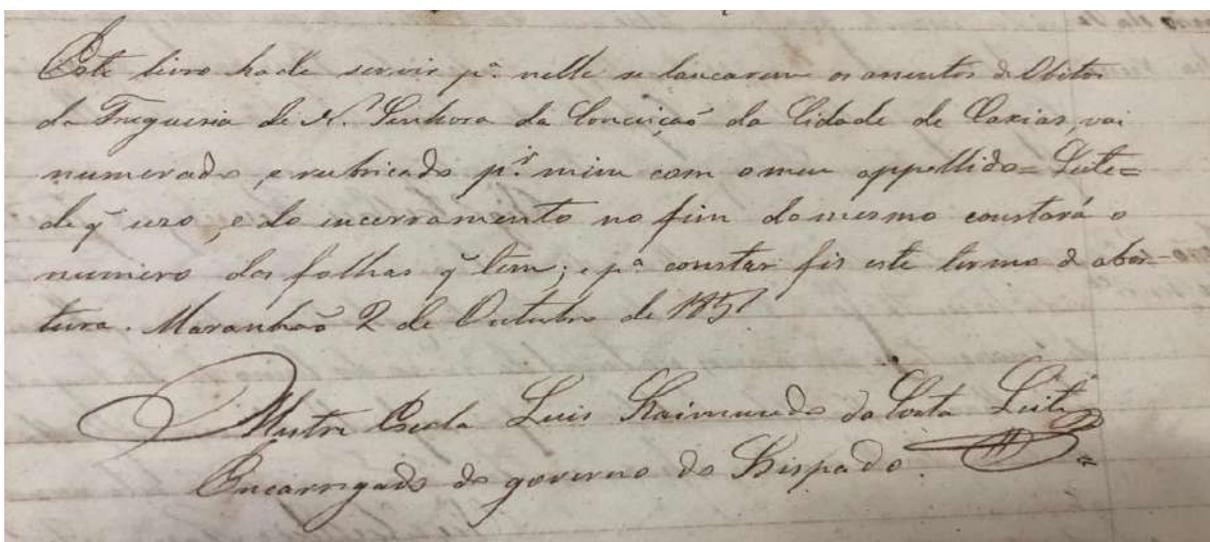
O cemitério é para tanto um espaço com várias possibilidades de contribuições para a educação. Em função do nome de caxienses sepultados no cemitério de São Benedito por exemplo, construímos uma relação dialógica e interdisciplinar por meio de topônimos e antropônimos que nos levou a construção de novos conhecimentos.

Vemos dessa forma então, mais algumas contribuições para a educação que o estudo cemiterial pode vir a ter.

5.2 Estudo cemiterial: A construção de conhecimentos e a maranhensidade

Estando de volta a pesquisa conseguimos acesso a alguns documentos que não tínhamos anteriormente. Um em específico merece nossa atenção por se tratar do Livro de Óbitos da Freguesia de Nossa Senhora da Conceição e São José, de responsabilidade atualmente da Cúria Diocesana, este documento do século XIX se mostrou fonte de importantes informações para nossa pesquisa. O livro em questão é o de número 18, que contém o registro de todos os sepultamentos ocorridos entre os anos de 1851 e 1870.

Figura 23 - Primeira página do Livro de Óbitos da Freguesia de Nossa Senhora da Conceição e São José



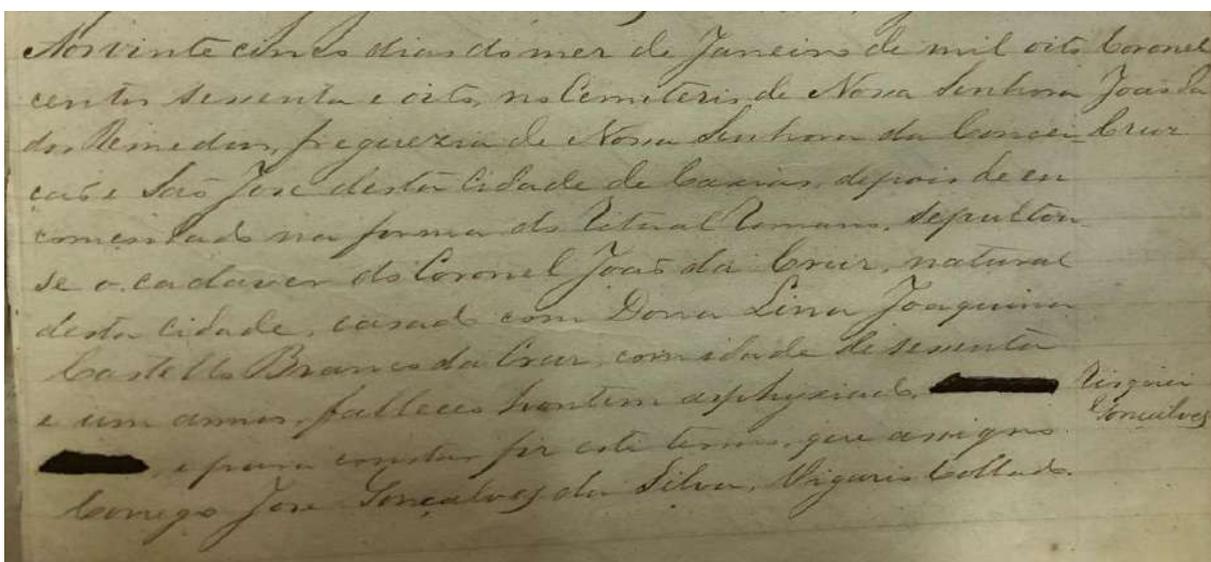
Fonte: Acervo do autor (2022)

A fotografia acima é da página de abertura do Livro de Registro de Óbitos e traz a seguinte informação: “Este livro há de servir para nelle se lançarem os assuntos de Óbitos da Freguesia de N. Senhora da Conceição da Cidade de Caxias, vai numerado e rubricado por mim com o meu appellido “Leite”, de que uso, e do encerramento no fim do mesmo constará o número de folhas que tem; e para constar fiz este termo de abertura. Maranhão 2 de outubro de 1857”. O termo de abertura do

livro de óbitos foi assinado por Luís Raimundo da Costa Leite, o encarregado do governo do Bispado.

Mediante a pesquisa nesse livro de óbitos foi possível então localizar os registros de falecimentos de algumas personalidades caxienses que já havíamos encontrado o túmulo em um dos cemitérios pesquisados, mas, no entanto, não tínhamos outra fonte histórica que se referisse a pessoa sepultada. É o caso do registro de falecimento do Coronel João da Cruz.

Figura 24 - Registro no Livro de Óbitos do sepultamento de Coronel João da Cruz



Fonte: Acervo do autor (2022)

A fotografia acima é do registro do sepultamento de Coronel João da Cruz no Livro de Registro de Óbitos da Freguesia de Nossa Senhora da Conceição e São José e traz a seguinte informação: “Aos vinte e cinco dias do mês de Janeiro de mil oitocentos e sessenta e oito, no Cemitério de Nossa Senhora dos Remédios, freguesia de Nossa Senhora da Conceição e São José, desta Cidade de Caxias, depois de encaminhado na forma do Ritual Romano, sepultou-se o cadáver de Coronel João da Cruz, natural desta Cidade, casaco com Dona Lina Joaquina Castello Branco da Cruz, com idade de sessenta e um anos, falleceo hontem asphyxiado.” O registro fora assinado pelo Cônego Jose Gonçalves da Silva, Vigário.

Localizamos para tanto, no cemitério Nossa Senhora dos Remédios, o jazigo da família Cruz, lugar onde está sepultado o Coronel João da Cruz e sua esposa Dona Lina Joaquina Castello Branco da Cruz.

Figura 25 - Jazigo família Cruz



Fonte: Acervo do autor (2022)

Jazigo da família Cruz, contém os restos mortais do Coronel João da Cruz, nascido no dia 24 de novembro de 1807 e falecido no dia 24 de janeiro de 1868, e de sua esposa Dona Lina Joaquina Castello Branco Cruz, nascida no dia 13 de maio de 1822 e falecida no dia 20 de outubro de 1906. O jazigo encontra-se bom estado de

conservação e chama a atenção pela qualidade dos materiais e do trabalho realizado na sua confecção.

Em 1999, o Instituto de Patrimônio Histórico e Artístico Nacional, o IPHAN, fez um inventário do cemitério de Nossa Senhora dos Remédios, tamanho sua importância histórica, artística e cultural. Nesse processo de inventariar e catalogar os bens do espaço cemiterial o jazido da família Cruz foi contemplado, por meio de uma análise riquíssima do IPHAN, que contempla características técnicas, estilísticas, iconográficas e ornamentais da obra. Chamamos a atenção, no entanto para as características iconográficas do jazigo.

A coroa de louros simboliza Apolo, servindo por vezes como oferendas com o signo do círculo (durabilidade) em celebrações e funerais. Na simbologia cristã é símbolo da vitória sobre as trevas e o pecado. As tochas invertidas representam a permanência do amor, mesmo após a morte (a vida se esvaiu – a tocha – mais continua acesa). (IPHAN, 1999)

Temos assim mais um exemplo de conhecimentos que podem ser construídos por meio do estudo cemiterial. Se tratando então das contribuições que este trabalho se propõe a fazer por meio do conhecimento da História e da cultura através dos primeiros cemitérios, precisamos construí-las pensando na formação curricular, na inclusão da temática cemitério nas salas de aula e levando em consideração um aspecto ainda não discutido no texto, mas muito importante: A maranhensidade.

“O termo Maranhensidade é usado pela primeira vez como ideia governamental na gestão do então Governador Jackson Lago, com o intuito de nominar a proposta cultural do seu governo”. (VIANA; SANTOS; MOURA, 2021, p. 191). A intenção era de que a maranhensidade representasse o “jeito de ser” do povo maranhense em sua totalidade, e não apenas uma só manifestação cultural como o bumba-meu-boi que foi durante muitas décadas apresentado como a cultura de todo o Estado do Maranhão o que sabemos não ser verdade.

Desde o início da gestão de Jackson Lago no comando político do Maranhão (“Agora é a vez do povo”, janeiro de 2007), o emprego de um nome incomum para definir a proposta de política cultural do seu governo causou polêmica e foi motivo de debates acalorados nos espaços públicos, principalmente no que se refere aos temas identidade e cultura local: o nome maranhensidade. Esta palavra foi usada primeiramente para designar o Carnaval 2007, ano em que o produtor cultural, poeta, compositor e militante Joãozinho Ribeiro assume a responsabilidade pela pasta estadual da Cultura. Desde então, maranhensidade foi o termo usado para indicar todas as realizações ou apoios da Secretaria Estadual de Cultura (SECMA) no âmbito das festas

populares e para sintetizar a proposta política da SECMA no campo das ações culturais (MATEUS, 2009, p. 27).

O termo, no entanto, logo caiu em desuso, já que Jackson Lago não concluiu o mandato, e Roseana Sarney assumiu o governo em seu lugar.

Este cenário muda quando Flávio Dino, do PCdoB, assume o governo em 2015. Aproveitando a obrigatoriedade, segundo a Base Nacional Comum Curricular (BNCC) de 2017, da criação da proposta curricular que cada estado da federação deveria realizar, a equipe da secretaria de estado da educação do governo Flávio Dino discute a proposta do documento curricular do estado, tendo a regionalidade como espinha dorsal do documento. Com isso, o termo maranhensidade retorna com força total, institucionalizado pelo Documento Curricular do Território Maranhense (DCTMA) de 2019. (VIANA; SANTOS; MOURA, 2021, p. 192)

O documento dá destaque para a importância da representatividade e da diversidade, sugerindo que o currículo do território maranhense parta de reflexões que compreendam a construção sócio-histórica da realidade do povo maranhense. Assim, pautado na Base Nacional Comum Curricular (BNCC) de 2017, o Documento Curricular do Território Maranhense (DCTMA), tem a intenção também de promover a preservação, a valorização e o respeito a diversidade cultural nos âmbitos regional e local, e fomentar os aspectos metodológicos e didáticos que devem ser usados pelos educadores em sala de aula. Para tanto promove debates com destaque a importância da maranhensidade na construção curricular do território maranhense.

Assim, temos que o debate construído nesse trabalho, centrado em contribuições culturais e históricas do estudo cemiterial, precisa ser abraçado pela maranhensidade, tendo em vista que ela é o reflexo do jeito de ser do povo maranhense, o que significa dizer que é também sua expressão cultural.

Nos propusemos na construção desse trabalho levantar debates sobre o estudo cemiterial por meio de um viés intercultural, dialogando sempre que possível com outras áreas de estudo e pesquisa na intenção de que o resultado dele pudesse gerar um produto rico e valoroso para a educação de Caxias. Dessa maneira, fizemos desse produto (uma cartilha ilustrativa), um documento que traz luz sobre os sepultamentos eclesiásticos, sobre a História do surgimento dos primeiros cemitérios de Caxias, sobre a arte tumular e sobre conceitos da toponímia, enquanto apresenta fotografias dos nossos locais de pesquisa como os cemitérios de São Benedito e Nossa Senhora dos Remédios, e as igrejas de São Benedito e Nossa Senhora do Rosário.

Assim apresentamos nossa cartilha ilustrativa como um produto também de nossa experiência enquanto pesquisador, e de nossas fontes de pesquisa: bibliográficas, documentais e orais. As fotografias, portanto, coroam nosso trabalho como registros dos movimentos históricos, artísticos e culturais por ele contemplados. O que se apresenta a seguir então, é uma descrição de nossa cartilha ilustrativa, o produto de nossa pesquisa.

5.3 O produto da pesquisa

Como produto de nossa pesquisa nos propomos apresentar uma cartilha ilustrativa, que tem a intenção de informar sobre o surgimento dos primeiros cemitérios em Caxias, enquanto traz luz sobre o estudo cemiterial e arte tumular. Nossa cartilha foi construída por meio de fotografias nos locais de pesquisa visitados, que compreendem as Igrejas de São Benedito e de Nossa Senhora do Rosário, os cemitérios de São Benedito e de Nossa Senhora dos Remédios, e a Cúria Diocesana da Diocese de Caxias.

Entendemos que mais do que um registro, a fotografia é a eternização de um momento, é uma oportunidade de “congelar” aquela imagem para a posteridade. Para tanto usamos da fotografia como parte central de nossa cartilha ilustrativa, com a intenção de que por meio dos nossos registros fotográficos possamos proporcionar a construção de conhecimentos acerca de nossa temática.

Dessa forma montamos nossa narrativa centrada em nossas fotografias. A fotografia de número 01 é um registro da primeira página do Livro de Óbitos da Freguesia de Nossa Senhora da Conceição e São José, que serviu de abertura para os registros de sepultamentos entre os anos de 1851 e 1870. Com 171 anos de existência, esse Livro de Óbitos foi um dos documentos mais antigos e mais valiosos que estiveram em nossas mãos durante nossa pesquisa.

As fotografias 02 e 03 são respectivamente as Igrejas de São Benedito e Nossa Senhora do Rosário. Dois dos templos mais antigos da Cidade de Caxias, foram locais de sepultamentos eclesiais e importantes fontes de pesquisa. Sabe-se de toda a crença da população do século XIX em torno de ser sepultado dentro de uma igreja, “uma garantia de ser recebido nos céus”, tanto que nas duas igrejas pesquisadas encontramos túmulos em datas posteriores a construção dos primeiros cemitérios de Caxias.

Na Igreja de São Benedito para tanto, temos a lápide de Coronel José Firmino Lopes de Carvalho (fotografia 04), importante figura caxiense que recebeu quando da sua morte, uma homenagem no Jornal “O Pharol” do dia 03 de abril de 1856. Já na Igreja Nossa Senhora do Rosário, fizemos um registro fotográfico (fotografia 05) da lápide de Eusébia Maria da Conceição, falecida no 24 de junho 1878, sendo, portanto, a última lápide fixada nas igrejas pesquisadas. O ano de 1878 é então, o ano do último registro de sepultamentos eclesiásticos em nossa pesquisa, o que aponta para o “fim dos sepultamentos eclesiásticos” e o estabelecimento dos cemitérios enquanto locais de descanso eterno.

As fotografias 06 e 07 são, portanto, dos nossos cemitérios pesquisados, respectivamente os cemitérios São Benedito e Nossa Senhora dos Remédios. Ambos, localizados no centro de Caxias são importantes fontes de estudo e pesquisa, tamanho a quantidade de túmulos, jazigos e esculturas que tem em seus espaços. Fundados no começo da década de 60 do século XIX, os cemitérios de São Benedito e Nossa Senhora dos Remédios, carregam cada um, 160 anos de Histórias encerradas e eternizadas em seus campos-santos.

O jazigo de Quitéria Joaquina da Silva Vianna foi registrado por meio das fotografias 08 e 09. Nascida em maio de 1819, Quitéria Joaquina foi sepultada no cemitério de São Benedito em algum ano da década de 1870 (o ano exato não está visível na sepultura) e, portanto, é um dos sepultamentos mais antigos encontrados em nossa pesquisa. Já no cemitério de Nossa Senhora dos Remédios encontramos um sepultamento do ano de 1862, exatamente o mesmo ano de inauguração do cemitério. Trata-se do jazigo de Dona Rosa Joanna dos Nascimento Medeiros (fotografias 10 e 11), sepultada no dia 25 de setembro de 1862, menos de 3 meses da data do benzimento deste cemitério que foi dia 14 de junho do mesmo ano.

Das personalidades importantes encontradas em nosso trabalho, demos destaque para o Sr. Cesário Fernandes Lima, falecido no ano de 1912, foi importante comerciante e político caxiense. Sepultado no cemitério de São Benedito (fotografia 12), Cesário Fernandes tem em seu Mausoléu, uma das construções mais imponentes deste cemitério. Com parte do mausoléu revestido de azulejo, provavelmente da metade do século XX, ele tem um friso com um frontão curvado logo acima com uma flor esculpida em relevo e dois pináculos. Por fim em cima do mausoléu há uma cruz metálica com a inscrição 1914, provavelmente o ano da conclusão de sua construção.

Dos túmulos dos cemitérios pesquisados, este foi o que mais chamou nossa atenção. Trata-se do jazigo da família Chagas (fotografia 13), localizado no cemitério Nossa Senhora dos Remédios e construído no ano de 1907. O destaque que damos a esse jazigo em específico é pela arte tumular incutida na obra. Com uma grande estrutura na vertical, este jazigo contém detalhes que vão desde o ornamento a iconografia da obra, se apresentando assim como um túmulo de grande destaque no cemitério de Nossa Senhora dos Remédios.

Outra obra que merece nossa atenção no cemitério dos Remédios é seu Cruzeiro (fotografia 14). Construído de maneira a lembrar um tronco de madeira, o cruzeiro do cemitério Nossa Senhora dos Remédios chama a atenção pelas garrafas de água amarradas na parte superior. Este hábito de colocar as garrafas com água no cruzeiro nos remete a uma prática muito antiga das primeiras civilizações, de depositar comidas e bebidas para os mortos, na expectativa de que eles não passassem fome e nem sede no seu descanso eterno. Chamamos a atenção nesse caso em específico para a manifestação cultural que se apresenta neste cemitério, demonstrando que ele é um espaço que produz e reproduz culturas, pois é um retrato cultural do mundo dos vivos.

Dos jazigos fotografados o da família Cruz (fotografia 15) é o que apresenta o melhor estado de conservação. Localizado no cemitério Nossa Senhora dos Remédios, o jazigo da família Cruz contém os restos mortais de Coronel João da Cruz e de sua esposa Dona Lina Joaquina Castello Branco Cruz, ele sepultado em 1868, ela em 1906. Feito em pedra lioz (tipo de calcário que ocorre em Portugal), apresenta uma típica espécie de arquitetura funerária e tem em seu centro duas coroas de louros que na simbologia da fé cristã simboliza vitória sobre as trevas e o pecado.

As fotografias 16, 17 e 18 fazem jus a História de Monsenhor Clovis Vidigal. Nascido em 1906 e sepultado na capela do cemitério de São Benedito em 1983, Monsenhor Clovis foi uma destacada figura caxiense, de grandes contribuições para a igreja e educação da cidade. Se tornou nome de escola, mais precisamente Centro de Ensino Monsenhor Clovis Vidigal que recebeu seu nome de 1983 até 2016. No mesmo jazigo em que está sepultado Monsenhor Clovis, também foi sepultado o Cônego Aderson Guimarães Junior, nascido em 1918 e foi sepultado em 1970, figura ilustre da cidade de Caxias, Cônego Aderson também ganhou espaço em nossa cartilha, mais precisamente nas fotografias 19, 20 e 21. Assim como Monsenhor Clovis, Cônego Aderson foi um importante nome para a educação caxiense, tendo se

tornando nome de escola quando do seu falecimento. O Centro de Ensino Cônego Aderson G. Junior era o antigo Colégio Diocesano que funciona no centro de Caxias e recebeu o nome de Cônego Aderson quando do seu falecimento pois este era seu Diretor.

Por fim, temos nas fotografias de número 22, 23, 24 e 25, registros de algumas das sepulturas mais antigas localizadas nestes que foram os primeiros cemitérios da cidade de Caxias.

Dessa forma temos em nossa cartilha ilustrativa uma construção textual e fotográfica que tem a intenção de contar sobre uma época em que os sepultamentos eram eclesiásticos, e sobre o processo que culminou na construção dos primeiros cemitérios de Caxias. Ademais construímos nossa cartilha por meio de fotografias dos túmulos de nomes e personalidades caxienses importantes para a Cidade, com a intenção de que esses nomes não se percam na História e não se encerrem no espaço cemiterial.

6. CONCLUSÃO

Centrado no século XIX este trabalho pretendeu refletir sobre o surgimento dos primeiros cemitérios de Caxias, suas motivações e suas implicações, além de responder a seguinte problemática: como o estudo do surgimento dos primeiros cemitérios de Caxias pode contribuir para o conhecimento da História e da Cultura local no sistema de ensino da cidade de Caxias? Dessa maneira fizemos um estudo que objetivou conhecer a História do surgimento dos primeiros cemitérios de Caxias e as contribuições para o conhecimento da História e da cultura local no sistema de ensino.

De maneira interdisciplinar então construímos uma pesquisa que através de bibliografias, jornais, documentos e fotografias levantou informações sobre o período pesquisado e sobre personalidades importantes sepultadas nas igrejas e nos cemitérios de Caxias.

Dessa forma descrevemos o surgimento dos primeiros cemitérios em Caxias enquanto nos aprofundamos sobre as leis higienistas que levaram as proibições dos sepultamentos eclesiásticos. Junto com esse processo nos propusemos a ressignificar o cemitério, apresentando-o enquanto espaço de construção de saberes e como “museu a céu aberto”, tamanha suas potencialidades históricas, culturais e artísticas.

Nossa pesquisa de campo direcionada aos alunos do terceiro ano do ensino médio da rede publicada da cidade de Caxias, e aos moradores mais antigos da cidade, pretendeu verificar os conhecimentos que estes possuíam sobre o surgimento dos primeiros cemitérios de Caxias. Assim por meio de entrevistas constatamos que a grande maioria dos entrevistados não tem conhecimentos sobre as motivações para a construção dos primeiros cemitérios da cidade, o que dá a nosso trabalho um caráter valoroso, tendo em vista que construímos uma pesquisa que trouxe luz sobre esse assunto e que resultou em uma cartilha ilustrativa que conta a História do surgimento dos primeiros cemitérios de Caxias, enquanto apresenta fotografias dos espaços cemiteriais e das igrejas pesquisadas.

Damos destaque também em nosso trabalho as irmandades religiosas, que foram as responsáveis pelos sepultamentos dos irmãos católicos falecidos durante muitos séculos. A influência e o poderio dessas associações religiosas era tanta que foram elas as responsáveis pela construção dos primeiros cemitérios de Caxias, o que

significou a manutenção da influência católica no novo espaço cemiterial fora da igreja.

Apresentamos ainda na construção desse trabalho algumas fotografias das lápides do século XIX localizadas nas igrejas São Benedito e Nossa Senhora do Rosário, bem como dos túmulos mais antigos localizados nos cemitérios São Benedito e Nossa Senhora dos Remédios. Dessa maneira utilizamos de nossas fotografias produzidas na pesquisa como ponto de partida para o desvelar das Histórias de personalidades caxienses sepultadas nas igrejas e nos cemitérios pesquisados, o que culminou na produção de conhecimentos sobre a vida de alguns caxienses há mais de século falecidos. Nossas análises e observações acerca das fotografias foram feitas por meio de diferentes aspectos, analisamos o estado de conservação da lápide ou túmulo, as frases redigidas sobre eles, a arte tumular expressa nos detalhes, o tipo de material utilizado para a construção, dentre outros detalhes que fazem de cada túmulo único e valioso.

Ademais, fizemos uma análise sobre a resistência da população caxiense com os novos locais de sepultamento. A crença de que ser sepultado em uma igreja era uma garantia de ser recebido aos céus, permaneceu forte no imaginário coletivo por muito tempo, criando uma resistência da população com os cemitérios. A igreja, entretanto, perdendo o poderio sob os locais de sepultamentos, estendeu sua influência também aos cemitérios, o que resultou na sacralização dos novos espaços cemiteriais, que deveriam ser benzidos na ocasião de sua inauguração, deveriam ter em seu interior uma capela e deveriam ser chamados de “campos-santos. Em Caxias, mesmo depois dos primeiros cemitérios terem sido inaugurados, foram realizados sepultamentos nas duas igrejas pesquisadas, o que mostra a resistência da população com a mudança dos locais de sepultamentos, e expõe o quão complicada essa mudança é, pois é uma questão que mexe com aspectos religiosos, sociais e culturais, de maneira que a mudança de um costume ou crença não se dá na mesma velocidade que a da instituição de uma lei.

Pretendendo dialogar com outras áreas de estudo apresentamos conceituações de História Cultural, de memória e de lugares de memória enquanto apontamos como o estudo do surgimento dos primeiros cemitérios de Caxias pode contribuir para o conhecimento da História e da Cultura local no sistema de ensino da cidade de Caxias. Para tanto, nos propomos a entender a necrópole enquanto um espaço que reproduz os valores religiosos, morais e econômicos da sociedade,

percebendo que os cemitérios são ambientes que retratam a cultura e as particularidades de cada geração.

As entrevistas direcionadas aos moradores mais antigos da cidade se tornaram também importantes contribuições para a nossa construção de saber. Por meio delas podemos obter informações valiosas ao nosso trabalho, como uma lenda antiga vinculada a História da Igreja Nossa Senhora do Rosário ou como a História de um cemitério que fora local de sepultamento do avô do entrevistado e que hoje não existe mais. Informações que não localizamos em nenhum livro, mas que chegaram a nós de maneira oral e enriqueceram bastante o nosso trabalho.

Por meio deste trabalho então conhecemos vários nomes importantes para a História da cidade de Caxias, alguns dos quais conseguimos registros de seus sepultamentos, notas em jornais da época, ou recortes bibliográficos mais recentes disponíveis na internet. Redescobrir quem foram as personalidades caxienses sepultadas ainda no século XIX nas igrejas ou nos cemitérios foi um grande desafio que resultou na produção de novos e importantes conhecimentos.

Com a intenção de dialogar também com o tempo presente, nosso trabalho apresentou personalidades caxienses que se tornaram nome de escola, e que desta maneira se registraram juntamente com a História da cidade e com a História de muitas vidas. Para tanto fizemos uso da toponímia, área de estudo responsável por estudar os nomes de lugares. Esse processo dialógico que fizemos, consistiu em identificar na cidade de Caxias personalidades importantes que tivessem se tornado nomes de escolas, localizar o túmulo dessas personalidades nos nossos cemitérios pesquisados e por fim encontrar as escolas que tenham recebido os nomes dessas personalidades. Além disso, uma pesquisa bibliográfica fora realizada para levantar informações sobre a vida e as contribuições dessas pessoas, que pudessem justificar a escolha destas como nomes de escolas. Dessa maneira pudemos criar uma conexão direta entre o espaço cemiterial e a escola por meio da toponímia.

Essa conexão foi precedida, entretanto por debates e estudos de uma série de autores que defendem o espaço cemiterial como um local de construção de saberes, fato que foi central em nossa construção textual. Nos propusemos então a apresentar o cemitério como um local de arte, História e cultura.

O pesquisar também nos trouxe luz sobre outros aspectos importantes acerca do assunto. A entrevista direcionada aos alunos do terceiro ano do ensino médio da rede pública da cidade de Caxias nos fez perceber também o baixo percentual de

alunos que afirmaram já terem visitado alguma igreja com túmulos em seu interior e a falta de conhecimentos destes em relação as proibições dos sepultamentos eclesiásticos. Dessa maneira pudemos perceber que os alunos não sabem sobre as leis de higienização que proibiam os sepultamentos nas igrejas e que as igrejas não são valorizadas enquanto locais históricos que são.

Outro ponto em nossa entrevista que mereceu atenção foi a questão que diz respeito as visitas realizadas pelos alunos entrevistados aos cemitérios. Tivemos em 20% o percentual de alunos que informou nunca ter visitado nenhum cemitério, percentual este que sinalizou que as escolas de Caxias não têm um projeto pedagógico que contemplem o espaço cemiterial como um local de ensino aprendizagem que pode ser utilizado inclusive por meio de visitas guiadas ou aulas ao ar livre.

No último capítulo de nosso texto apresentamos por meio também de fotografias, páginas de um Livro de Registros de Óbitos da Freguesia de Nossa Senhora da Conceição e São José que contém o registro de todos os sepultamentos ocorridos na Freguesia entre os anos de 1851 e 1870. O processo de pesquisar nos presenteou então com a localização de um túmulo no cemitério de Nossa Senhora dos Remédios, que tem um registro no Livro de Óbitos que estávamos pesquisando, e que foi catalogado pelo IPHAN quando do processo de inventário do cemitério Nossa Senhora dos Remédios realizado pelo Instituto de Patrimônio Histórico e Artístico Nacional. Dessa forma buscando o saber em diferentes fontes fomos capazes de construir novos conhecimentos sobre a História de personagens caxienses importantes que tem o poder de contribuir com o ensino da cidade de Caxias.

O resultado de nossa pesquisa confirma a falta de conhecimentos dos jovens e idosos entrevistados sobre os processos de proibição de sepultamentos e de construção dos primeiros cemitérios de Caxias, ainda nos apresenta uma visão sobre as visitas feitas por nossos entrevistados nos cemitérios e nas igrejas com sepultamentos eclesiásticos que de maneira geral foram poucas. Dessa forma percebemos que não há uma utilização do espaço cemiterial enquanto local de construção de conhecimentos, o que também não é contemplado no programa de ensino dos alunos entrevistados conforme confirmamos com as diretorias das escolas. Assim como resultado de nossa pesquisa, nos propomos a construir um material que

possa ser utilizado por alunos da rede pública de ensino de Caxias, e se torne de maneira satisfatória uma contribuição para a escola, para a educação.

Para tanto, como produto de nossa pesquisa, fizemos uma cartilha ilustrativa com as fotografias tiradas durante o nosso pesquisar, a fim de que por meio dos nossos registros fotográficos pudéssemos contar sobre a História dos primeiros cemitérios de Caxias, sobre os sepultamentos eclesiásticos, sobre as pessoas ali sepultadas, sobre cultura, arte e os demais conhecimentos que o estudo cemiterial possa nos proporcionar.

REFERÊNCIAS

ARAÚJO, Inaê Mariê. **Na terra como no céu: normativas e sacralização de espaços cemiteriais em Caxias-MA (1830-1860)**. Monografia – Universidade Estadual do Maranhão. Caxias, p. 63. 2017.

ARIÈS, Philippe. **O homem diante da morte**. Rio de Janeiro: F. Alves, 1990.

BARROS, José D'Assunção. **História Cultural** – um panorama teórico e historiográfico. Textos de História, Petrópolis, v 11, n. 1/2, p. 145-171, dez. 2003.

BARROS, José D'Assunção. **O projeto de pesquisa em História** – Da escolha do tema ao quadro teórico. 6ª reimpressão. Petrópolis: Editora Vozes, 2019.

BASTIANELO, Elaine Maria Tonini. **Os movimentos funerários do cemitério da Santa Casa de Bajé e seus significados culturais**. Memória pública, étnica e artefactual (1858-1950). Dissertação de Mestrado - Universidade Federal de Pelotas, Pelotas, 2010.

BORGES, Maria Elizia Borges. **Arte Funerária no Brasil (1890-1930): Ofício de Marmoristas Italianos em Ribeirão Preto**. 2.ed. Goiânia: Gráfica UFG, 2017.

BORGES, Maria Elizia Borges. **Um olhar sobre o espaço da morte**. Goiânia: Gráfica UFG, 2017.

BORTULUCCE, Vanessa Beatriz. **Cemitério também tem arte: considerações sobre o estudo da arte tumular no Brasil**. ENCONTRO DE HISTÓRIA DA ARTE, XII, 2017, São Paulo.

BOURDIEU, Pierre. **O poder Simbólico / PierreBourdieu**; tradução Fernando Tomaz (português de Portugal) – 15º ed – Rio de Janeiro; Bertrand Brasil 2011.

BOSCHI, Caio César. **Os Leigos e o Poder**. São Paulo: Ed. Ática, 1986.

BRITTO, Sérgio et al. **Flores**. São Paulo: WEA, 1989. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=nyApVK8TJHM>. Acesso em: 23 nov. 2021.

CARVALHO, Wybson. **CAXIAS, 181 anos de emancipação política. Prefeitura de Caxias**, Caxias, 2017. Disponível em: <<http://caxias.ma.gov.br/caxias-181-anos-de-emancipacao-politica/>>. Acesso em: 29abril2020.

CASSAB, Latif Antonia; RUSCHEINSKY, Aloísio. **INDIVÍDUO E AMBIENTE: A METODOLOGIA DE PESQUISA DA HISTÓRIA ORAL. Biblos**. Porto Alegre, n. 16, p. 7-24, 2004.

CHIAVENATO, Júlio José. **A Morte: uma abordagem sociocultural**. São Paulo: Ática, 1998.

CIRLOT, Juan-Eduardo. **Dicionário de Símbolos**. São Paulo: Centauro, 2005.

COE. Agostinho Júnior Holanda. **Nós, os ossos que aqui estamos, pelos vossos esperamos: a higiene e o fim dos sepultamentos eclesiásticos em São Luís (1828 – 1855)**. Dissertação (Mestrado em História Social). Universidade Federal do Ceará. Fortaleza, p. 140. 2008.

COULANGES, Fustel de. **A Cidade Antiga**. São Paulo: Editora das Américas, 2006.

COUTINHO, Milson. **Caxias das Aldeias Altas: Subsídios para sua história**. – 2. ed. São Luís: Caxias: Prefeitura de Caxias, 2005.

COUTO, Brunno G. **Clóvis Vidigal**. Caxias, 2020. Disponível em: <<https://arquivocaxias.com.br/clovis-vidigal/>>. Acesso em 20 de ago. 2022.

COUTO, Brunno G. **Cônego Aderson Guimarães**. Caxias, 2020. Disponível em: <<https://arquivocaxias.com.br/conego-aderson-guimaraes/>>. Acesso em 20 de ago. 2022.

CYMBALISTA, Renato. **Cidades dos Vivos: arquitetura e atitudes perante a morte nos cemitérios do Estado de São Paulo**. São Paulo: Annablume, 2002.

CYMBALISTA, Renato. **Sangue, ossos e terras: Os mortos e a ocupação do território luso-brasileiro- século XVI e XVII**. São Paulo: Alameda, 2011.

DIAS, Luciana. Aspectos da antroponímia do português arcaico. In: OLIVEIRA, Clebson; SOUZA, Hirão F. Cunha; GOMES, Luís (org.). **Novos tons de Rosa... para Rosa Virgínia Mattos e Silva**. Salvador: EDUFBA, 2009. p. 11-26.

FILHO, Carlos Henrique de Melo Montes; OLIVEIRA, Elizete C. Romanini; MOREIRA, Flávia Braga. **A comunicação através da arte tumular**. São José dos Campos: Universidade do Vale do Paraíba, 2005 (Monografia).

FREIRE, Maria. et al. **Patrimônio Ferroviário: memória ou esquecimento?** Abordagem conceitual no processo de valorização do patrimônio ferroviário: Recife, PE: Pernambuco. 2010.

HALBWACHS, Maurice. **A memória coletiva**. São Paulo: Centauro, 2004.

HOORNAERT, Eduardo. **História da Igreja no Brasil: ensaio de interpretação a partir do povo**. Primeira Época. 3ª Ed. Petrópolis, Vozes, 1983.

HUCHET, Stéphane. A História da arte, disciplina luminosa. **Revista UFMG**. Belo Horizonte, v. 21, n. 1 e 2, p. 222-245, jan./dez. 2014.

JUNIOR, Antonio Gasparetto. **Toponímia**. Info Escola. Disponível em: <<https://www.infoescola.com/linguistica/toponimia/>> Acesso em 17 de julho de 2020.

JUNIOR, Antonio Gasparetto. **Antroponímia**. Info Escola. Disponível em: <<https://www.infoescola.com/linguistica/antroponimia/>> Acesso em 11 de agosto de 2022.

JUNIOR, João Carlos Nara. **O cemitério de Pretos Novos de Santa Rita: História social e Arqueologia da transição**. Tese (Doutorado em História Comparada) – Universidade Federal do Rio de Janeiro. Rio de Janeiro, p. 378. 2019.

LOMBARDO, Livia. **Um péssimo cheiro no altar: A vida antes do cemitério**; Uol, 2019. Disponível em: <<https://aventurasnahistoria.uol.com.br/noticias/almanaque/um-certo-cheiro-do-altar-a-vida-antes-dos-cemiterios.phtml>>. Acesso em 06 de set. 2021.

MAEDA, Tatiane Sayuri. **Cemitério é lugar de criança? A visita guiada ao Cemitério Consolação como recurso para abordar a educação sobre a morte nas escolas**. Dissertação (Mestrado em Psicologia Clínica) - Pontifícia Universidade Católica de São Paulo. São Paulo, p. 139. 2017.

MARANHÃO. Lei nº 225 de 30 de setembro de 1846. Coleção de Leis, Decretos e Resoluções da Província do Maranhão. ORMA 328 M311C.

MARANHÃO. Lei nº 338 de 23 de agosto de 1853. Coleção de Leis, Decretos e Resoluções da Província do Maranhão. ORMA 328 M311C.

MARANHÃO. Lei nº 509 de 27 de julho de 1858. Coleção de Leis, Decretos e Resoluções da Província do Maranhão. ORMA 328 M311C (1858).

MARANHÃO, José Luiz de Souza. **O que é morte**. Editora Brasiliense, São Paulo, 1975.

MATEUS, E. B. A política da Maranhensidade: representações indenitárias e cenários socioculturais. **Revista Científica do Departamento de Comunicação Social da Universidade Federal do Maranhão UFMA**. São Luís, Ano XIX, n.º 5, v. I, p. 26 47. jan./dez 2009. Disponível em: http://www.cambiassu.ufma.br/cambj_2009/elen.pdf. Acesso em: 10.fev.2020.

MENDES, Amanda Cintia do Nascimento. **Sou Irmão! Sou Católico! Sou Cristão! As Irmandades Religiosas em Caxias no século XIX (1851-1870)**. Monografia – Universidade Estadual do Maranhão. Caxias, p. 59. 2011.

MINAYO, Cecília de Souza; DESLANDES, Suely Ferreira; GOMES, Romeu. **Pesquisa Social: Teoria, método e criatividade**. Petrópolis: Vozes, 1993.

MORAES, M. C. **O paradigma educacional emergente**. Campinas-SP: Papirus, 1997.

MOTTA, Antonio. Estilos mortuários e modos de sociabilidade em cemitérios brasileiros oitocentistas. **Horizontes Antropológicos**, Porto Alegre, ano 16, n. 33, p. 55-80, jan./jun. 2010.

NETO, Eziquio Barros. **TV Sinal Verde – Especial 192 anos de Caxias**. Caxias, 2015. Disponível em: <<https://eziquio.wordpress.com/tag/cemiterio/>>. Acesso em 05 de jan. 2022.

NORA, Pierre. Entre história e memória: a problemática dos lugares. **Revista Projeto História**. São Paulo, v. 10, p. 7-28, 1993.

OLIVEIRA, Anne Karinne dos Santos. “**Das portas do sagrado aos portões do público: Ritos fúnebres e a nova moradia dos mortos em Caxias no século XIX (1830-1862)**”. Monografia – Universidade Estadual do Maranhão. Caxias, p. 66. 2012.

OLIVEIRA, Anne Karinne dos Santos. O advento cemiterial em Caxias na segunda metade dos oitocentos. In: MELO, Salânia Maria Barbosa; SOUZA, Joana Batista de; SALAZAR, Denise Cristina da Silva Campos (org.). **CAXIAS, memórias, histórias e outros saberes**. Caxias: Edufpi, 2016. p. 158-172.

OLIVEIRA, Arlete B. de. O que faz a história oral diferente. **Revista do Programa de Estudos Pós-Graduação em História**. São Paulo, n. 14, p. 25-39, 1997. Resenha

PERLMAN, Janice. *Favela: Four Decades of Living on the Edge in Rio de Janeiro*. New York: Oxford University Press, 2010.

PESAVENTO, Sandra Jatahy. **História & História Cultural**. 3. ed. Belo Horizonte: Autêntica, 2013.

PESAVENTO, Sandra Jatahy. **Muito além do espaço, por uma história cultural do urbano**. São Paulo: Brasil, 1995, p.16.

POLLAK, Michael. Memória e identidade social. **Estudos Históricos**, Rio de Janeiro, vol. 5, n. 10, 1992, p. 200-212.

PRIETSCH, João Mauricio Martins. **Os vivos são sempre e cada vez mais governados pelos mortos: fazendo do cemitério uma ferramenta de estudos para o ensino médio**. Dissertação (Mestrado Profissional em Ensino de História) – Universidade Federal do Rio Grande do Sul. Porto Alegre, p. 152. 2018.

REIS, João José. **A morte é uma festa: ritos fúnebres e revolta popular no Brasil do século XIX**. 1.ed., 6ª reimpressão. São Paulo: Companhia das Letras, 1991.

RIBEIRO, Dimas dos Reis. **Cemitérios sem mistérios: a arte tumular do sul de Minas – 1890 a 1925 – região dos Lagos de Furnas**. Minas Gerais: Alterosa, 2006.

RIGO, Kate. **Vamos começar pelo fim?** São Paulo: Chiado, 2016.

ROSA, Mariana Antão de Carvalho. **Cemitério São José: História, Memória e sensibilidades teresinenses**. Dissertação (Mestrado em História). Universidade Federal do Maranhão. São Luís, p. 185. 2018.

SANTOS, Allef Gustavo Silva dos. “**Deixou de padecer, a morte o ampare. Hum asilo já tem na sepultura**”: **Sepultamentos eclesiásticos e o culto civil aos mortos em Caxias-MA na segunda metade do século XIX (1850 a 1899)**. Monografia – Universidade Estadual do Maranhão. Caxias, p. 127. 2021.

SOCCI, Alvaro; MATTA, Claudio. **Me leva pra casa**. São Paulo: PAULINAS COMEP, 2000. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=G4pRbtxcfqg>. Acesso em: 24 nov. 2021.

SOUSA, Aldeanne Silva de. **Imaginário para além da vida! Práticas e ritos de sepultamento em Caxias-MA de 1960 a 1970**. Monografia. Universidade Estadual do Maranhão. Caxias, p. 64. 2013.

SOUZA, Willian Eduardo Righini de; CRIPPA, Giulia. LIMITES E CONTRIBUIÇÕES DA HISTÓRIA ORAL: A MEMÓRIA E A HISTÓRIA NAS INTERSEÇÕES ENTRE O INDIVIDUAL E O COLETIVO. **sÆculum - Revista de História**. João Pessoa, n. 23, p. 75-89, jul./dez. 2010.

SALLES, Fritz Teixeira de. **Associações Religiosas no Ciclo do Ouro**. São Paulo. Perspectiva, 2007.

TIRADRITTI, Francesco. **Tesouros do Egito**. São Paulo: Manole, 2000.

VIANA, Camila R.; SANTOS, Janete Silva dos; MOURA, Jonatá Ferreira de. Maranhensidade no espaço escolar: Formações discursivas entre o lugar curricular e a posição sujeito-professor do ensino fundamental I. **Revista Humanidades e Inovação**, Palmas, v. 8, n. 36, p. 187-198, mar. 2021.

ULIANA, Isabel. **O cemitério municipal de Maringá (Paraná) enquanto espaço de memórias e saberes históricos (1947-2017)**. Dissertação (Mestrado Profissional em Ensino de História) – Universidade Estadual de Maringá. Maringá, p. 119. 2018.

VALLADARES, Clarival do Prado. **Arte e Sociedade nos Cemitérios Brasileiros**. Rio de Janeiro: MEC, 1972.

VIDE, D. Sebastião Monteiro da. **As Constituições Primeiras do Arcebispado da Bahia**. Brasília: Senado Federal (Edições do Senado Federal), 2007.

VOVELLE, Michel. **Ideologias e Mentalidades**. São Paulo: Brasiliense, 2004.

WELLINGTON, Fábio. **Deputado Zé Gentil é sepultado sob forte comoção em Caxias**. Teresina, 2020. Disponível em <https://www.gp1.com.br/ba/bahia/noticia/2020/6/15/deputado-ze-gentil-e-sepultado-sob-forte-comocao-em-caxias-479863.html>. Acesso em 05 de fev. 2022.

DOCUMENTAÇÃO ANALISADA

IPHAN, Inventário Nacional de Bens Móveis e Integrados, Volume 14, Cemitério de Nossa Senhora dos Remédios Caxias, São Luís, 1999.

JORNAL O PHAROL, Ano VI, n. 201, quarta-feira, 6 de fevereiro de 1856.

JORNAL O PHAROL. Ano VI, n. 205, quinta-feira, 3 de abril de 1856.

JORNAL O PHAROL. Ano VI, n. 212, sábado, 21 de junho de 1856.

JORNAL O PHAROL. Ano VII, n. 227, sábado, 9 de maio de 1857.

LIVRO DE ÓBITOS DA FREGUESIA DE NOSSA SENHORA DA CONCEIÇÃO E SÃO JOSÉ. Número 18, dos anos de 1851 a 1870.

LIVRO DE REGISTROS DO CEMITÉRIO DA IRMANDADE DE NOSSA SENHORA DOS REMÉDIOS. Arquivo Instituto Histórico e Geográfico de Caxias, anos 1897, 1898, 1899, 1990.

APÊNDICES

APÊNDICE A - TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO-TCLE TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO-TCLE

Prezado participante,

Você está sendo convidado(a) a participar da Pesquisa “**Contribuições ao sistema de ensino na cidade de Caxias: O conhecimento da História e da Cultura através dos primeiros cemitérios**”, desenvolvida por **Natan Barros de Oliveira** devidamente matriculado sob o número de matrícula 2020109844 no Programa de Pós-Graduação Stricto Sensu, Mestrado em Formação Docente em Práticas Educativas, da Universidade Federal do Maranhão, sob orientação do Professor **Dr. Dimas dos Reis Ribeiro**.

O objetivo geral deste estudo é: Conhecer a História dos primeiros cemitérios de Caxias e as contribuições para o conhecimento da História e da cultura local no sistema de ensino.

Os objetivos específicos são: Descrever o surgimento dos primeiros cemitérios de Caxias - MA; verificar os conhecimentos que os estudantes de Caxias possuem sobre surgimento e o processo de secularização dos cemitérios da Cidade; Apontar como o estudo do surgimento dos primeiros cemitérios de Caxias pode contribuir para o conhecimento da História e da Cultura local no sistema de ensino da cidade de Caxias.

Justificativa da pesquisa: A pesquisa intitulada “Contribuições ao sistema de ensino na cidade de Caxias: O conhecimento da História e da Cultura através dos primeiros cemitérios”, nasceu em função de debates proporcionados pela disciplina especial de Educação Intercultural e Práticas Educativas Interdisciplinares por meio do Programa de Pós-graduação em Formação Docente em Práticas Educativas da Universidade Federal do Maranhão (UFMA), que possibilitou o primeiro contato com essa temática e o vislumbre das possibilidades interculturais e interdisciplinares de ensino e aprendizado que esse assunto poderia vir a ter. A Cidade de Caxias foi escolhida por conta de vivências pessoais do pesquisador que possibilitaram contatos com a História e a cultura da população caxiense, já que é a Cidade onde sua mãe nasceu e cresceu e que desde a infância fora visitada.

Acerca de suas vivências, o pesquisador atribui a elas o despertar e o ensejo de compreender enquanto pesquisador, quais aspectos do processo de secularização dos cemitérios de Caxias viriam a ser relevantes em uma pesquisa científica, o que

resultou na construção de um trabalho que tem como objetivo geral conhecer a História dos primeiros cemitérios de Caxias e as contribuições para o conhecimento da História e da cultura local no sistema de ensino.

Entendendo a importância dos elementos que compõem toda sua historicidade, e compreendendo que o processo de secularização dos cemitérios de Caxias, carrega uma relevância significativa para a História e Cultura, é que se justifica a necessidade dessa pesquisa, pois ela tem a intenção de verificar os conhecimentos que os estudantes de Caxias possuem sobre surgimento e o processo de secularização dos cemitérios da cidade, enquanto produz outros conhecimentos para possibilitar aos estudantes locais a apreensão de elementos da História e de seus antepassados.

Procedimentos Metodológicos: A pesquisa será construída por meio de uma abordagem qualitativa e fazendo uso também de métodos da História oral. Trabalhará com enfoques nas dimensões da História das mentalidades, História do imaginário, História cultural e História da arte. Os procedimentos que serão adotados para a produção de dados, vão desde a revisão e pesquisa bibliográfica, passando pela pesquisa documental (de acordo com os registros dos cemitérios, dos jornais da época etc.), até uma entrevista que será dirigida aos moradores mais velhos da cidade com a intenção de se colher informações orais que possivelmente não estejam registradas de maneira documental acerca dos cemitérios, dos ritos cemiteriais e de personalidades importantes para a população caxiense que foram sepultadas nestes cemitérios.

Riscos da pesquisa: De acordo com a Resolução 466/12, os riscos da pesquisa se enquadram em 7 dimensões: física, psíquica, moral, intelectual, social, cultural ou espiritual. Nesse sentido, a pesquisa possibilitará possível *desconforto emocional* e/ou de possíveis *riscos físicos e psicossociais* (ex.: constrangimento, intimidação, angústia, insatisfação, irritação, mal-estar etc.). Contudo, para que tais riscos sejam anulados e/ou minimizados, as entrevistas serão desenvolvidas em visitas aos entrevistados, em seu ambiente de vivência e segurança, como sua casa ou local de trabalho, para que este se sinta mais confortável com o processo metodológico.

Caso necessário, o/a participante receberá assistência integral e imediata, de forma gratuita, pelo tempo que for necessário e avaliado por profissional competente, em caso de danos diretamente decorrentes da pesquisa. Ainda, caso seja necessário, o participante poderá requerer indenização por eventuais danos decorrentes da participação no estudo.

Benefícios da Pesquisa: A pesquisa tem a potencialidade de contribuir para a construção de conhecimentos acerca da História e da Cultura da cidade de Caxias, além de desvelar conhecimentos que podem ter se perdido com o passar dos tempos. A pesquisa proporcionará aos participantes a reflexão acerca dos aspectos que versam a morte, o morrer e a finitude, além de apresentar a estes o cemitério como um espaço de construção de saberes e não somente enquanto um local de dor e luto. Assim, a pesquisa tem a intenção de entender quais conhecimentos podem ser apreendidos destes locais cemiteriais, além de redescobrir e recontar as Histórias das pessoas sepultadas nesses cemitérios.

Além disso, a pesquisa se propõe a construir debates com a comunidade através de entrevistas que serão fundamentais para a construção da dissertação, bem como contribuir diretamente com a comunidade caxiense através da construção de uma cartilha ilustrativa que poderá ser utilizada por visitantes dos cemitérios e por estudantes da rede pública de ensino, para que estes conhecimentos construídos no processo de pesquisa, sejam disponibilizados para a população de Caxias.

Sigilo e confidencialidade: Visando assegurar o caráter confidencial das informações relacionadas à privacidade dos colaboradores da pesquisa, manteremos o compromisso de não identificar os nomes reais das pessoas envolvidas nessa pesquisa, garantindo assim sigilo. Vale ressaltar que, mesmo mantendo a confidencialidade e sigilo da pesquisa, os resultados serão utilizados em trabalho científico/acadêmico (dissertação de mestrado) e possivelmente publicados ou apresentados oralmente em congressos e palestras sem revelar identidade do/da participante. Os dados obtidos durante a pesquisa são confidenciais e não serão usados para outros fins. E caso deseje, poderá tomar conhecimento dos resultados ao final deste estudo.

É da responsabilidade do pesquisador o armazenamento adequado dos dados coletados, bem como os procedimentos para assegurar o sigilo e a confidencialidade das informações do participante da pesquisa.

Durante o percurso da pesquisa você tem a liberdade de desistir ou interromper a colaboração neste estudo quando desejar, sem necessidade de dar qualquer explicação. A desistência não lhe causará nenhum prejuízo.

A sua participação consistirá em responder perguntas de um roteiro de entrevista/questionário ao/ou pesquisador (a) do projeto. A entrevista será gravada, mas somente se você enquanto entrevistado autorizar tal gravação.

Garantia de ressarcimento e direito a indenização: Você não receberá para participar deste estudo, e a participação neste estudo será sem custo algum para você. Caso tenha alguma despesa com transporte, estas serão ressarcidas para você. Sinalizamos ainda que, caso ocorra algum dano não previsível decorrente da pesquisa, o/a participante será indenizado.

A Indenização consiste na cobertura material para reparação a dano, causado pela pesquisa ao participante da pesquisa (Item II.7 da Resolução Nº 466 de 12/12/2012). Sendo assim, caso ocorram danos ao entrevistado (a), ele/ela tem o direito de buscar indenização nas instâncias legais em caso de prejuízos decorrentes da pesquisa (Item IV - 4.c da Resolução Nº 466 de 12/12/2012).

Serão garantidos os direitos assegurados pela Resolução Nº 510/2016 do Conselho Nacional de Saúde, que trata sobre as pesquisas nas áreas de Ciências Humanas e Sociais:

1) A garantia de solicitar e receber esclarecimentos antes, durante e depois do desenvolvimento da pesquisa; 2) Não haverá nenhuma despesa para esta Instituição ou participante que seja decorrente da participação na pesquisa; 3) A garantia de que a Instituição, os participantes da pesquisa não serão identificados durante a divulgação dos resultados e que as informações obtidas serão utilizadas apenas para fins científicos vinculados à pesquisa; 4) A participação é voluntária e não haverá nenhuma ação que ponha em risco a integridade física ou a saúde dos profissionais ou alunos das instituições lócus desta pesquisa 5) Os envolvidos poderão desistir de participar da realização da pesquisa a qualquer momento, sem nenhum prejuízo às partes.

O participante da pesquisa deverá rubricar todas as folhas deste Termo de Consentimento Livre e Esclarecido – TCLE - apondo sua assinatura na última página do referido Termo. O pesquisador responsável deverá, da mesma forma, rubricar todas as folhas do Termo de Consentimento Livre e Esclarecido – TCLE apondo sua assinatura na última página do referido Termo.

O TCLE será emitido em duas cópias, sendo que uma cópia ficará com o participante da pesquisa e a outra com o pesquisador responsável.

Em caso de dúvida quanto à condução ética do estudo, entre em contato com o Comitê de Ética em Pesquisa da UniFacema, no endereço: Rua Aarão Reis, 1000 – Centro, CEP: 65. 606-020 - Caxias – Maranhão, Tel - (99) 3422-6800, e-mail: cepfacema@facema.edu.br O Comitê de Ética em Pesquisa é a instância que tem por

objetivo defender os interesses dos participantes da pesquisa em sua integridade e dignidade e para contribuir no desenvolvimento da pesquisa dentro de padrões éticos. Dessa forma o comitê tem o papel de avaliar e monitorar o andamento do projeto de modo que a pesquisa respeite os princípios éticos de proteção aos direitos humanos, da dignidade, da autonomia, da não maleficência, da confidencialidade e da privacidade”.

Em caso de dúvida quanto a pesquisa, poderá entrar em contato com o próprio pesquisador pelo e-mail: natan.barros@discente.ufma.br ou pelo número (99) 98135-6600; com seu orientador, o Prof. Dr. Dimas dos Reis Ribeiro, pelo e-mail dimas.ribeiro@ufma.br, ou ainda, com a Coordenação do Programa de Pós-Graduação em Formação Docente em Práticas Educativas através do e-mail: ppgfopred@ufma.br.

Afirmo assim, que tenho interesse em participar da pesquisa acima mencionada. Autorizo a apresentação dos resultados, uma vez que serão sempre apresentados como retrato de um grupo e não de uma pessoa. É-me garantido o livre acesso a todas as informações e esclarecimentos adicionais sobre a pesquisa e suas consequências, ou seja, tudo o que eu precisar saber antes, durante e depois da participação, estando totalmente ciente de que não há valor econômico, a receber ou a pagar, pela minha participação nesta. Enfim, tendo sido orientado (a) quanto ao teor da pesquisa, manifesto meu livre consentimento em participar da pesquisa.

Nome: _____

Instituição: _____

Contato: _____

Caxias – MA, _____ de _____ de _____

Assinatura do sujeito ou responsável

Assinatura do pesquisador

APÊNDICE B - ROTEIRO COM PERGUNTAS ESTRUTURADAS PARA ENTREVISTA COM ALUNOS DO 3º ANO DO ENSINO MÉDIO DA REDE PÚBLICA DE CAXIAS

1. Qual sua faixa etária?
() Até 14 anos () Entre 15 e 16 anos () 17 anos ou mais

2. Você já visitou alguma Igreja em Caxias que tenha túmulos em seu interior?
() Sim () Não
3. Se sim, qual Igreja?

4. Você já visitou algum cemitério da Cidade de Caxias?
() Sim () Não
5. Se sim, qual cemitério?

6. Você saberia o que motivou o fim dos sepultamentos nas Igrejas em Caxias?
() Sim () Não

7. Você tem conhecimentos da história do surgimento dos primeiros cemitérios em Caxias?
() Sim () Não

8. Com que frequência você visita algum cemitério da Cidade?
() Nunca visitei () 1 vez por ano () Mais de 1 vez por ano

9. Você saberia dizer sobre alguma personalidade importante sepultada nos cemitérios ou nas igrejas da Cidade?
() Sim () Não

10. Você tem medo de cemitérios ou velórios?

Sim Não

11. Que objeto ou rito chama mais sua atenção em um velório ou sepultamento?

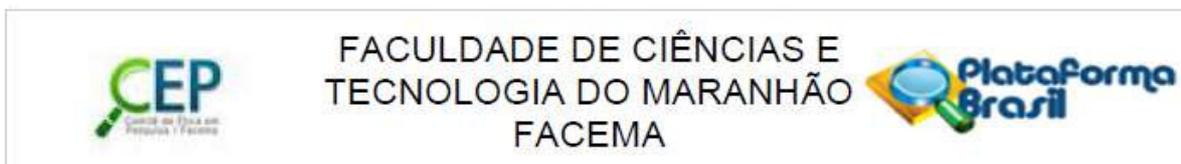
Coroa de flores Caixão Velas Cânticos ou orações

12. Você concorda com a afirmação de que o cemitério é um museu a céu aberto?

Sim Não

APÊNDICE C - ROTEIRO COM PERGUNTAS ESTRUTURADAS PARA ENTREVISTA COM MORADORES MAIS ANTIGOS DA CIDADE DE CAXIAS

1. Qual seu nome?
2. Qual Cidade o Sr. (Sra.) nasceu?
3. Há tempo o Sr. (Sra.) mora em Caxias?
4. Qual sua idade?
5. Qual sua profissão?
6. O Sr. (Sra.) costuma visitar algum cemitério da cidade? Qual?
7. O Sr. (Sra.) tem medo de cemitérios ou velórios?
8. O Sr. (Sra.) sabe informar sobre alguém sepultado em alguma igreja em Caxias?
9. O Sr. (Sra.) sabe informar sobre alguma personalidade importante sepultada nos cemitérios de Caxias?
10. O Sr. (Sra.) sabe informar sobre como surgiram os primeiros cemitérios de Caxias?
11. O que o Sr. (Sra.) pensa sobre a morte?

ANEXO D – COMPROVANTE DE ENVIO DO PROJETO AO CEP**COMPROVANTE DE ENVIO DO PROJETO****DADOS DO PROJETO DE PESQUISA**

Título da Pesquisa: Contribuições ao sistema de ensino na cidade de Caxias: O conhecimento da História e da Cultura através dos primeiros cemitérios

Pesquisador: NATAN BARROS DE OLIVEIRA

Versão: 1

CAAE: 62563922.1.0000.8007

Instituição Proponente: Centro de Ciências Sociais, Saúde e Tecnologia

DADOS DO COMPROVANTE

Número do Comprovante: 094878/2022

Patrocinador Principal: Financiamento Próprio

Informamos que o projeto Contribuições ao sistema de ensino na cidade de Caxias: O conhecimento da História e da Cultura através dos primeiros cemitérios que tem como pesquisador responsável NATAN BARROS DE OLIVEIRA, foi recebido para análise ética no CEP Faculdade de Ciências e Tecnologia do Maranhão FACEMA em 27/08/2022 às 11:32.